



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LITERÁRIOS

NATALIA CRISTINA DE OLIVEIRA

**POR DENTRO DE GILEAD:
A VIDA COTIDIANA EM UMA TEOCRACIA PURITANA – A MULHER
NO CONTEXTO DISTÓPICO DO ROMANCE *O CONTO DA AIA***

Porto Nacional, TO
2022

Natalia Cristina de Oliveira

**POR DENTRO DE GILEAD:
A VIDA COTIDIANA EM UMA TEOCRACIA PURITANA – A MULHER
NO CONTEXTO DISTÓPICO DO ROMANCE *O CONTO DA AIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre (a) em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira – UFT
Coorientador: Prof. Dr. Rogério Miguel Puga – UNL

Porto Nacional, TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

048p Oliveira, Natalia Gristina de Oliveira.

Por dentro de Gilead: a vida cotidiana em uma teocracia puritana - a mulher no contexto distópico do romance O conto da avó. / Natalia Gristina de Oliveira. - Porto Nacional, TO, 2023.

128 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins - Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2023.

Orientadora: Rejane de Souza Ferreira

Coorientador: Rogério Miguel Puga

1. Controle. 2. Distopia. 3. Espaço. 4. Religião e corpo feminino. I. Título

CDD469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Bancado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da IFF com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Natalia Cristina de Oliveira

**POR DENTRO DE GILEAD:
A VIDA COTIDIANA EM UMA TEOCRACIA PURITANA – A MULHER
NO CONTEXTO DISTÓPICO DO ROMANCE *O CONTO DA AIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliado para a obtenção do título de Mestre (a) em Letras e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira (orientadora - UFT)

Prof. Dr. Rogério Miguel Puga (Coorientador – UNL)

Profa. Dra. Marina Pereira Penteado (Membro - FURG)

Profa. Dra. Adriana Carvalho Capuchinho (Membro - UFT)

Profa. Dra. Marisa Sousa Neres (Membro - UFT)

*Ave Lilith, grandiosa Mãe da rebeldia e
princípio feminino. Mulher serpente, filha do
sol e da lua!*

*Só há revolução
Quando há amor
Por nós mesmas.
(LEÃO, 2017, p. 21).*

AGRADECIMENTOS

À minha família,

À minha mãe,

À minha orientadora, Rejane de Souza Ferreira,

Ao meu coorientador, Rogério Puga,

Aos professores da Universidade Federal do Tocantins, em especial:

George França e

Marília de Fátima,

À minhas amigas, em especial:

Fernanda Vasco,

Sônia Cunha,

Barbara Schirato Gonçalves,

Juliana Alves, e,

Ana Luiza Barbosa Parente Ferreira.

Às valiosas contribuições da banca examinadora:

Profa. Dra. Marina Pereira Penteado,

Profa. Dra. Maria Perla Araújo Moraes

Profa. Dra. Adriana Carvalho Capuchinho

Profa. Dra. Marisa Sousa Neres

In memoriam: Juscéia Aparecida Veiga Garbelini

RESUMO

A presente pesquisa analisa o romance distópico *O Conto da Aia* (*The Handmaid's Tale* - 1985), da escritora canadense Margaret Eleanor Atwood, e busca promover uma reflexão crítica acerca da dominação social exercida sobre o corpo e a sexualidade feminina através da narradora protagonista, Offred. Ela faz parte de um grupo de mulheres aprisionadas para fins reprodutivos conhecidas como Aias (Servas), moradoras de Gilead, um país situado na Nova Inglaterra, região localizada geograficamente na ponta nordeste dos Estados Unidos, compreendendo seis de seus estados. Gilead é uma teonomia totalitária fundamentalista cristã, resultante de um golpe de estado aplicado pelos autointitulados “Filhos de Jacó”. Por isso, num primeiro momento, dá-se a investigação do uso da religião como força de estado sob leis coercitivas e ditatoriais inibidoras do livre arbítrio das mulheres, em seguida, analisa-se o espaço social e pisco-geográfico em que a protagonista está inserida e sua relação com o controle exercido sobre o corpo feminino pela sociedade como forma de dominação. Os interesses e direitos sociais das mulheres ainda são tratados como tabus por parte da sociedade, particularmente no que diz respeito à sua função reprodutiva e sua liberdade sexual. Estudar a sexualidade feminina e seu posto como reprodutora compreende entender de que forma os mecanismos de domínio social exercidos sobre essas mulheres funcionam, sobretudo como o seu comportamento é influenciado e modificado por tais engenhos sociais. Para atingir o objetivo da pesquisa, faz-se necessária uma investigação bibliográfica, qualitativa exploratória e, para tal, utiliza-se apoio teórico em autores como Foucault (1988) e suas colocações sobre biopoder e sexualidade humana, Silvia Federici (2017) e sua análise da transição do feudalismo para o capitalismo sob o ponto de vista feminino, do corpo e da acumulação primitiva, e no conceito de geografia humanista de Yi-Fu Tuan (2015), dentre outros. Por fim, espera-se com este estudo a compreensão da complexidade da representação do papel social das personagens femininas no romance sob escrutínio.

Palavras-chaves: Controle. Distopia. Espaço. Religião. Corpo feminino.

ABSTRACT

The present research analyzes the dystopian novel *The Handmaid's Tale* (1985), by the Canadian writer Margaret Eleanor Atwood. It seeks to promote a reflection on the social domination exercised over the body and female sexuality, through the analysis of the main character and narrator, Offred. She is part of a group of women imprisoned for reproductive purposes, they are known as handmaids, residents of a country called Gilead, located in New England, a region geographically located in the northeastern tip of the United States, which comprises six of its states. Gilead is a Christian fundamentalist totalitarian theonomy, resulting from a coup d'état applied by the self-styled 'Sons of Jacob'. Therefore, at first, the investigation of the use of religion as a force of State under coercive and dictatorial laws that inhibit women's free will is carried out, then the social and pisco-geographic space in which the protagonist is located is analyzed, and its relationship with the control exercised over the female body by society as a form of domination. The interests and social rights of women are still treated as taboos by society, particularly with regards to their reproductive role and sexual freedom. Studying female sexuality and their position as reproducers understands how men from their social domains influence social behavior and modified by their social devices. In order to achieve the objective of the research, it is necessary to carry out a bibliographic, qualitative exploratory investigation and for this theoretical support is used authors such as: Foucault (1988) and his views on biopower and human society, Silvia Federici (2017) and her analysis of the transition from feudalism to capitalism from the point of view of women, the body and primitive accumulation, and in the concept of humanist geography of Yi-Fu Tuan (2015), among others. Finally, this study hopes to understand the complexity of representation of the social rule of female characters in the novel under scrutiny.

Key-words: Control. Dystopia. Space. Religion. Feminine body.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1- Mapa 1 de Gilead	72
Figura 2- Mapa 2 de Gilead	73
Figura 3- Mapa 3 de Gilead	73
Figura 4- Mapa 4 de Gilead	74
Figura 5- Mapa 1 das treze Colônias dos Estados Unidos da América	77
Figura 6- Mapa 2 das treze Colônias dos Estados Unidos da América	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	RELIGIÃO COMO FORÇA DE ESTADO.....	21
2.1	Uma breve apresentação da literatura distópica	23
2.2	Religião, Estado e repressão.....	36
2.3	A historicização do poder puritano sobre os corpos.....	53
3	VIAGEM DO FEMININO EM <i>O CONTO DA AIA</i>: MOVIMENTO NO ESPAÇO CONTROLADO.....	68
3.1	A Geopolítica de Gilead	69
3.2	O espaço como concentração do poder.....	84
3.3	Aprisionamento dos corpos através do espaço.....	99
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
	REFERÊNCIAS.....	122

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo promover uma reflexão crítica acerca da dominação social exercida sobre o corpo e a sexualidade feminina, através da análise da personagem principal e narradora, Offred, do romance *O Conto da Aia*, da escritora canadense Margaret Atwood. Busca-se investigar, num primeiro momento, o uso da religião como força de estado sob leis coercitivas e ditatoriais inibidoras do livre arbítrio das mulheres que são controladas por tais leis, em seguida, será analisado o espaço social e psicogeográfico em que a personagem está inserida e sua relação com o controle exercido sobre o corpo feminino pela sociedade como forma de dominação.

Os interesses e direitos sociais das mulheres ainda são tratados como tabus por parte da sociedade, particularmente no que diz respeito à sua função reprodutiva e sua liberdade sexual. Estudar a sexualidade feminina e seu posto como reprodutora compreende entender de que forma os mecanismos de domínio social exercidos sobre essas mulheres funcionam, sobretudo como o seu comportamento é influenciado e modificado por tais engenhos sociais. bell hooks (2018) afirma que uma das principais questões a serem abordadas pelo movimento feminista foi a sexualidade, “a questão dos direitos das mulheres de escolher quando e com quem seriam sexuais” (HOOKS, 2018, p. 31).

Historicamente as mulheres ocuparam um lugar de subalternidade e sua função esteve estritamente ligada à reprodução, revelando um não protagonismo de suas próprias lutas e questões. O protagonismo masculino durante a história da humanidade causou o apagamento sobre a participação das mulheres nos grandes acontecimentos históricos, sua visibilidade foi excluída dos livros de história durante séculos. Segundo Michelle Perrot (2007), “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo” (PERROT, 2007, p. 17). Antes de Perrot, Virgínia Woolf já havia demonstrado indignação: “mas o que acho deplorável [...] é o fato de não se saber nada sobre as mulheres antes do século XVIII” (WOOLF, 1985, p. 58).

Este estudo concorda com a afirmativa de Antonie Compagnon (2009), que defende que a literatura é um instrumento de oposição e possui o poder de contestar a submissão ao poder. Portanto, a literatura contesta, expõe e explica as características históricas que levaram ao anulamento da história das mulheres durante séculos, e para isso, a literatura utiliza de diversos gêneros literários. Dentre os variados gêneros possíveis encontra-se a distopia,

marcada por forte crítica social através de um viés futurista hiperbólico que explora o comportamento coletivo humano de modo pessimista.

Segundo Buchweit; Marques (2019), o termo distopia foi utilizado pela primeira vez, em um discurso feito pelo filósofo e economista John Stuart Mill, em 1868, no parlamento britânico, porém, é no século XX que a produção literária distópica se intensifica e coloca em destaque temas como a tecnologia e as conseqüentes transformações sociais. Em 20 de fevereiro de 1909, o italiano Filippo Tommaso Marinetti lançou o primeiro Manifesto Futurista no jornal parisiense *Le Fígaro*, o que viria a ser levado em consideração na escrita da literatura distópica até os dias atuais. Segundo Barros; Barros; Faria (2020), o documento propunha a eliminação da arte do passado, a rejeição do moralismo, destruição simbólica dos museus e das bibliotecas, abolição da pontuação e eliminação da sintaxe. Esses autores explicam ainda que o Manifesto Futurista foi responsável pelo surgimento do futurismo no século XX, movimento que defendia o advento das máquinas, o dinamismo, a velocidade dos automóveis e o ruído das engrenagens.

Tal movimento fez com que se apostasse na libertação do corpo humano dos trabalhos braçais, que levavam horas para serem concluídos, através da tecnologia e nas promessas da modernidade sustentadas pela ideia de uma utopia do progresso científico e das inovações da Segunda Revolução Industrial. É nesse cenário que surgem inúmeras produções literárias que se enquadram como gênero distópico.

Uma das escritoras contemporâneas de destaque na literatura distópica é a canadense Margaret Atwood, que coloca questões não apenas de sua própria cultura, como era a preocupação dos escritores de seu país que, por muito tempo, buscaram definir sua assinatura literária, ou seja, sua identidade como literatura nacional. Conforme sinaliza Camille Roy (1913), ao abordar as especificidades da literatura canadense. Roy revela que intelectuais, como o poeta canadense Octave Crémazie, se preocuparam em formular uma literatura nacional em um país que utiliza línguas europeias como línguas oficiais. Um país dividido entre o francês e o inglês, que se sobressaem sobre dialetos nativos como o hurão e o iroquês, trazendo como bagagem resquícios de sua cultura e, conseqüentemente, sua literatura. Crémazie aborda especificamente a língua francesa, porém aqui pode-se estender seu pensamento para a língua inglesa também, uma vez que as duas línguas corroboram para essa hibridização linguística no Canadá.

O movimento nacionalista surgiu para entender que a literatura canadense possui sim suas características, e que a língua pela qual ela é escrita (Francês ou Inglês) faz parte dessa constituição. Um fazer literatura que retratasse, de fato, os costumes do povo canadense,

entretanto, Atwood rompe com os padrões da literatura de costumes, até então disseminada em seu país, produzindo questionamentos globais e atuais da modernidade tecnológica e industrial, além de revolucionar as características da escrita distópica apresentando temáticas sobre o universo das mulheres, abordados de forma irônica, principalmente no que diz respeito à sua função reprodutiva, temas que até então não eram explorados nas obras distópicas, que traziam em sua narrativa apenas proposições sobre as transformações tecnológicas e industriais sempre pelo viés masculino. Atwood escreveu algumas obras denominadas por literatura distópica, como *O Conto da Aia* e *Oryx e Crake*.

Atwood nasceu em Ottawa, província de Ontário, Canadá, em 18 de novembro de 1939. A escritora possui produções como romances, contos, ensaios, poemas e crítica literária. Sua obra foi traduzida para mais de 45 países, concedendo a ela prêmios literários como o Booker Prize (2000) pela obra *O Assassino Cego* (*The Blind Assassin*). Ela também foi agraciada com a Ordem do Canadá, a mais alta congratulação de seu país.

O Conto da Aia, escolhido para esta pesquisa, é uma distopia que teve grande destaque na mídia e na crítica literária, adaptado para ópera, filme e, mais recentemente, uma série (*The Handmaid's Tale*) aclamada pelo público e pela crítica, uma das grandes vencedoras do *Emmy* em 2017, produzida por Bruce Miller, estreada em 2017, disponível para o público brasileiro na Globoplay desde então. A Adaptação cinematográfica deu destaque à obra de Atwood e popularizou o nome da escritora em âmbito global, além disso, a distopia de 1985 ganhou o *Prêmio Arthur C. Clarke*, em 1987, sendo também nomeado para o *Prêmio Nebula*, de 1986, o *Prêmio Booker*, de 1986 e o *Prêmio Prometheus*, de 1987”.

Narrado em primeira pessoa pela protagonista, Offred, em forma de diário, *O Conto da Aia* é uma obra instigante, muitas vezes indigesta, que aborda assuntos como: poder, política, corrupção, direitos humanos, ditadura, fertilidade controle político, social, totalitarismo, corpo feminino e sua função reprodutiva e fanatismo religioso. O romance transcende a posição do binário homem/mulher, feminino/masculino e exprime as relações interpessoais da sociedade como um todo, temas representados de forma crua e espelhados pelo real. A singularidade da narração de Offred é um ponto chave para a trama e, principalmente, para esta pesquisa. A obra tornou-se principal referência para autores e autoras no mundo inteiro que queira escrever sobre os temas acima citados.

O romance é narrado em um tempo ficcional distópico. Os Estados Unidos da América sofrem um golpe de estado comandado por um grupo fundamentalista cristão denominado “Filhos de Jacó”, um novo governo é criado fundamentado nas linhas da Bíblia, especificamente no Antigo Testamento. A partir desse golpe o país passa a se chamar Gilead e

o seu novo governo trabalha para consolidar-se e reorganizar a sociedade ante um regime patriarcal, totalitário, militarizado, religioso e hierárquico.

A sociedade gileadiana passa a ser dividida em castas de acordo com sua utilidade para a elite: **Comandantes** de alta patente: a casta mais alta e importante de Gilead, que define as regras e toda estrutura da sociedade; **Olhos**: homens considerados vigilantes da sociedade; **Anjos**: seguranças dos Comandantes e suas famílias; **Guardiões da Fé**: complementam o trabalho dos olhos, além de fazer alguns trabalhos comuns do dia-a-dia; **Tias**: mulheres de idade avançada, que não podem mais ter filhos, porém, possuem grande experiência de vida e poder de persuasão necessário para seu posto, são as que possuem mais poder e respeito na sociedade, mesmo que muito inferior comparadas aos Comandantes e também são designadas para “domesticar” as Aias; **Marthas**: responsáveis pelos trabalhos domésticos; **Esposas**: possuem um lugar de figuração, pouca relevância e utilidade para a sociedade, porém, são tratadas com um respeito forjado e figurativo; **Homens comuns**: aqueles que não conseguiram possuir a patente de Comandante e não possuem as habilidades necessárias para serem Olhos, Anjos ou Guardiões, estão na camada mais economicamente vulnerável da sociedade; **Econoesposas**: são as esposas dos homens comuns, também estão na camada mais pobre de Gilead e, por fim, **Aias**: escravas reprodutivas, mulheres que são consideradas férteis, mas não se encaixam nos critérios para serem Esposas, pois Gilead tem preconceito com mulheres que estão em seu segundo casamento, uma vez que o divórcio foi banido. Também são Aias mulheres de outras religiões que se rebelaram contra o regime e mulheres lésbicas não se enquadram nos princípios para serem Esposas.

Para cada casta há uma cor de roupa específica para identificação e um dever a ser cumprido de acordo com seu lugar na pirâmide social. Nessa sociedade, os direitos humanos são limitados e os direitos das mulheres são excluídos. Por exemplo, as mulheres não podem ler, suas contas bancárias foram confiscadas e direcionadas ao parente masculino mais próximo e todas as mulheres empregadas foram demitidas, elas não podem sair do país quando quiserem, muito menos escolher seus maridos e suas profissões.

As Aias são mulheres que, de acordo com a nova estrutura instaurada, são consideradas imorais, não têm a natureza dócil e obediente que uma Esposa ou Econoesposa devem possuir para a instituição do matrimônio. São consideradas mulheres perigosas que devem ser vigiadas e controladas, seu papel é exclusivamente reprodutivo, numa sociedade em que a taxa de natalidade está em declínio devido ao aumento da infertilidade oriunda da contaminação por poluentes químicos e doenças sexualmente transmissíveis.

Uma das primeiras ações do governo ao criar o sistema de castas foi apagar qualquer registro sobre os nomes originais de seus cidadãos e atribuir novos nomes a cada um de seus moradores. Com as Aias é a mesma coisa, ao ser classificada como uma Aia sua identidade anterior ao governo é totalmente excluída como forma de purificação e de apagamento de seus pecados da vida passada. Cada Aia recebe em seu nome o prefixo “O” que é acrescentado com o sufixo caracterizado pelo nome de seu Comandante, por exemplo: O + Fred = Offred, que significa “serva de Fred”.

Offred é uma Aia que relata seu cotidiano em forma de diário, gravado em fitas cassetes, na casa de seu novo Comandante a quem foi enviada para dar-lhe um filho, uma vez que sua Esposa é infértil. O recorte da personagem estudada é fundamental, uma vez que, o *Conto da Aia* aborda múltiplos aspectos que levam à reflexão sobre os direitos das mulheres e a sociedade, ressalta-se ainda que há apenas a visão de Offred sobre os acontecimentos, sendo seu círculo de relacionamento restrito, logo, os dados relatados são limitados e subjetivos. Apesar de todas as mulheres de Gilead estarem submetidas às regras do novo governo, cada uma tem uma ocupação e um papel diferentes a ser cumprido de acordo com sua casta. Deste modo, entende-se que as Aias estão em uma posição de inferioridade na pirâmide social de Gilead.

Antônio Carlos Gil (2002) afirma que “toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema, ou indagação. Todavia, a conceituação adequada de problema de pesquisa não constitui tarefa fácil, em virtude das diferentes acepções que envolvem este termo” (GIL, 2002. p. 23). A escolha da análise sobre religião e, posteriormente, o espaço, se dá pela forte presença desses temas no enredo da obra, sendo tópicos essenciais para o desdobramento da trama. Além disso, torna-se inviável abordar todas as temáticas presentes no romance, devido à sua complexidade e amplitude.

Para atingir o objetivo da pesquisa, faz-se necessária uma investigação bibliográfica, qualitativa exploratória. Para Creswell (2010), a pesquisa qualitativa “é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26). Por isso, esta pesquisa apoia-se em autores como Silvia Federici (2017) e sua análise sobre a transição do feudalismo para o capitalismo a partir do ponto de vista das mulheres, do corpo e da acumulação primitiva; Foucault (1988) e suas colocações sobre biopoder e sexualidade humana; o conceito de geografia humanista de Yi-Fu Tuan (1983), e Bachelard (1979) e sua teoria sobre a relação entre os espaços da casa e o indivíduo que a habita, dentre outros.

A história de Gilead é uma junção de diversos exemplos de como a sociedade colabora e se adapta a regimes antidemocráticos como os da Alemanha nazista de Hitler, do Afeganistão fundamentalista de Ozama Bin Laden, até o líder supremo da Coreia do Norte Kim Jong-un. Vale a pena destacar que, apesar de parecerem absurdos, os acontecimentos do romance foram retirados da realidade, algo que aconteceu ou existe em algum lugar do mundo, segundo a própria autora relata em suas entrevistas.

A presente pesquisa, portanto, está dividida em dois capítulos, subdivididos em três subcapítulos cada um. O primeiro capítulo, intitulado “Religião como força de Estado”, investiga o uso da religião como força opressora que serve de base para as leis criadas pelo novo governo de Gilead. Uma justificativa para as atitudes cometidas em um regime ditatorial que oprime, julga e pune de forma severa quem não está de acordo com as regras impostas. Primeiro, procura-se entender os meios de formação dessa sociedade, como Gilead é desassociado dos Estados Unidos e se reconstrói como um novo país, para então entender quais justificativas são utilizadas para o tratamento das Aias como servas procriadoras.

O primeiro capítulo será dividido em três subcapítulos. Seu primeiro subcapítulo, “Uma breve apresentação da literatura distópica”, como o próprio título insinua, faz uma breve discussão sobre a história das distopias, qual sua origem, também infere sobre o conceito de utopia e sua relação direta com a distopia. Por fim, debruça-se sobre a obra distópica de Atwood e como ela é atribuída ao conceito de ficção científica ou distopia feminista por alguns teóricos, para assim entender a relação do uso do Antigo Testamento como base para leis que oprimem e retiram os direitos das mulheres de Gilead. Para tal, utiliza-se de apoio teórico em autores como: Lyman Tower Sargent (2010), Buchweit; Marques (2019), Barros; Barros; Faria (2020), e Silvia Liebel (2021).

O segundo subcapítulo, denominado “Religião, Estado e repressão”, diz respeito ao uso exacerbado das escrituras sagradas como leis de Estado para retenção da liberdade social, principalmente no que diz respeito às mulheres. Este subcapítulo é embasado em textos que buscam compreender os fatos históricos que levaram Gilead a tornar-se essa heteronomia cristã e os impactos causados no livre arbítrio das mulheres, principalmente no que se diz respeito à educação. Alguns autores utilizados como base desse segundo subcapítulo são Silvia Federici (2017) e Amin Malak (2001).

O terceiro subcapítulo, intitulado “A historicização do poder puritano sobre os corpos” estuda a interferência dos preceitos religiosos sobre os corpos das mulheres de Gilead, especificamente sobre as Aias. As dificuldades que a protagonista passa ao ser submetida ao

posto de serva reprodutora e as restrições sobre seu próprio corpo. Para tal busca-se aporte teórico em autores como Michael Foucault (1988) e Jean-Louis Flandrin (1981).

Ao analisar os impactos causados por tais leis, principalmente no que diz respeito às Aias, representadas aqui pela protagonista Offred, e a restrição, quase que exclusão total, do livre arbítrio dessas mulheres, percebe-se que o seu espaço de ação é estritamente limitado e controlado pelo governo. Elas não podem sair do país, seus espaços de locomoção dentro e fora de casa são restritos, e não lhes é permitido que saiam sozinhas nas ruas; as Aias têm sempre que andar em dupla. Na trama, Offred precisa burlar a vigilância cerrada dos Olhos do governo (os vigilantes da sociedade) para poder cruzar a fronteira com o Canadá para salvar-se do destino que lhe foi imposto. Para tal, Offred precisa romper os limites de espaço delimitados a ela.

O segundo capítulo busca averiguar como as restrições de espaço impedem que a protagonista conclua seu objetivo de sair do país. Por esta razão, é intitulado “Viagem do feminino em *O Conto da Aia*: movimento no espaço controlado”.

O primeiro subcapítulo intitulado “A Geopolítica de Gilead” faz uma breve explanação do contexto geopolítico do país, assim como contextualiza os Estados Unidos da América (EUA), território escolhido por Atwood como cenário para seu romance distópico, e qual sua importância para a trama, e como as mulheres são colocadas nesse contexto geopolítico. Para tal será utilizado aporte teórico em autores como: Folmer; Meurer; Araújo; Suzuki (2021), Leandro Karnal (2007) e Susan Faludi (2001).

O segundo subcapítulo, “O espaço como concentração do poder”, dedica-se às restrições do espaço delimitado às Aias, como por exemplo: dentro da casa dos Comandantes, as poucas vezes em que podem ir à rua, sempre acompanhadas de outra Aia, jamais podem sair sozinhas, e a interação das Aias com o Centro Vermelho, localizado no antigo ginásio de esportes. Para melhor entendimento da interação da personagem principal com o espaço explora-se a teoria da Geografia Humanista de Yi-Fu Tuan (2015), que ajudará na compreensão da utilização do espaço físico e social como ferramenta de opressão sobre as Aias.

Essa delimitação do espaço destinado não somente às Aias, mas também a todas as outras castas de mulheres, provoca o afastamento das interações sociais entre elas. Deste modo, o terceiro subcapítulo intitulado “Aprisionamento dos corpos através do espaço”, busca analisar as consequências desse afastamento decorrente das delimitações de espaço e território nas relações interpessoais das mulheres de Gilead, especialmente entre as próprias Aias. Como essa vigilância e restrição espacial afetam a comunicação e confiança entre Aias e as

outras castas de mulheres, como Offred lida com tal situação e o que ela faz, ou deixa de fazer, para sair desse lugar de distanciamento entre ela e as outras mulheres de sua casta. Para embasar a análise desse subcapítulo, recorre-se a autores como Ozíres Borges Filho (2008), Gaston Bachelard (1979) e Marlene François Motta (2003).

De modo geral, percebe-se que em *O Conto da Aia* a religião é utilizada como meio de controle estatal e punição social para quem infringir as leis do novo governo. No que diz respeito às Aias essa punição inicia em sua reprogramação mental, mesmo que a força, para que elas se resignem e cumpram seu papel social de reprodutoras, exclusivamente.

Observa-se também que as ações de Offred, e até mesmo dos outros personagens, são direcionadas através do espaço, uma vez que dentro do regime totalitário teocrático em que se encontram os espaços são reduzidos e limitados para todos, porém, para as mulheres a questão se estreita e se complica de maneira mais enfática, visto que a elas é concedido um posto de inferioridade em relação ao sexo masculino, mesmo que estejam em castas de status semelhantes, as mulheres, sobretudo as Aias, têm sua liberdade social, econômica e sexual infringida e comandada diretamente pelos homens, e não possuem tomada de decisão sobre seus corpos e seu direito de ir e vir.

Por fim, busca-se, com este estudo, analisar as diferentes formas de dominação existentes nas relações humanas, bem como incentivar novas pesquisas sobre os temas aqui abordados.

2 RELIGIÃO COMO FORÇA DE ESTADO

“A alma vem depois — a religião, a cultura, a educação, o acesso ao saber, a criação — trazendo à tona hereges, santas e feiticeiras, leitoras e escritoras, artistas, sábias e criadoras” (PERROT, 2007, p. 10).

O presente capítulo analisa a religião como força de estado em *O Conto da Aia*, através do relato de Offred, uma escrava reprodutora que descreve uma sociedade tomada por um grupo extremista religioso denominado Filhos de Jacó, que está sob leis pautadas estritamente nas linhas da Bíblia, especificamente do Antigo Testamento. Aqueles que se rebelam contra tais leis são punidos severamente para servirem como exemplo para os que pensarem em seguir o caminho da rebelião.

Conforme defende Malak (2001), “ao focar na narrativa de um personagem central, Atwood revela a indignação e o terror de viver sob um regime futurista controlado por fundamentalistas cristãos” (MALAK, 2001, p. 9, tradução livre)¹, e é através do ponto de vista de Offred sobre esse novo regime que este trabalho se debruça para compreender o universo de Gilead, e o que fez o país chegar a tal situação.

Os relatos de Offred são objeto de estudo em um simpósio acadêmico ficcional descrito no epílogo do livro intitulado “Notas Históricas”. Trata-se de um Simpósio Gileadeano que ocorre no ano de 2195. Nele, um professor de Cambridge faz uma palestra sobre os resultados que ele e seu colega coletaram em um estudo sobre uma coleção de trinta fitas não numeradas encontradas no local que um dia foi a cidade de Bangor, nos Estados Unidos.

Os relatos descritos nas mais de 300 páginas do romance foram tirados desse estudo feito pelos dois professores. Essa estratégia literária confere à obra um caráter mais realista, adensando a análise científica (ficcional) por parte de investigadores acadêmicos criados pela autora para comentar essa ditadura que reflete aspectos de ditaduras reais, que existem fora do texto literário e influenciam, como já foi dito, a caracterização do espaço político, social e cultural, uma sociedade patriarcal, onde homens e também algumas mulheres, por exemplo as Tias, defendem os interesses sobretudo masculinos, que restringem a agência (liberdade de ação) e a liberdade feminina.

A trama está locada no território dos Estados Unidos da América. O país é acometido por diversos desastres ambientais, tendo como principais fatores acidentes nucleares que, por consequência, resultaram em um alto índice de esterilidade da população, causando uma baixa

¹ “By focusing the narrative on one central character, Atwood reveals the indignity and terror of living under a futuristic regime controlled by Christian fundamentalists” (Malak, 2001, p. 9).

significativa na taxa de natalidade, além do alto índice de doenças sexualmente transmissíveis diagnosticadas. Tal conjuntura proporcionou a mobilização de um golpe de estado. O presidente e a maioria do Congresso são assassinados, e um movimento fundamentalista de reconstrução cristã autointitulado “Filhos de Jacó” executa o golpe sob a alegação de “restauração da ordem”, suspendem a Constituição e dá início a um regime de anulação de direitos e políticas radicais, criando um sistema violento que assume preceitos bíblicos para a criação de leis.

Como em toda e qualquer ditadura “eles diziam que novas eleições seriam realizadas, mas que levaria algum tempo para prepará-las. A coisa certa a fazer, diziam, era continuar como de costume” (ATWOOD, 2017, p. 209). Monique Batista do Nascimento explica que:

A liberdade feminina, para esses grupos extremistas, parecia significar o fim da família tradicional e conseqüentemente o declínio populacional e moral. A formulação de teorias conspiratórias contra o multiculturalismo, feminismo, LGBTs e imigrantes ganham força e legitimidade com ajuda da mídia e das forças armadas (NASCIMENTO, 2019, p. 2).

Os estados que antes faziam parte da Nova Inglaterra, localizada na ponta noroeste do país (compreendida por: Connecticut, Maine, Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Vermont) agora fazem parte do recém-criado Gilead. Offred narra o início do golpe na seguinte passagem do romance:

Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos. [...] O governo inteiro massacrado daquela maneira. Como conseguiram entrar, como isso aconteceu? Foi então que suspenderam a Constituição (ATWOOD, 2017, p 208).

Depois de algum tempo, barreiras foram instaladas nas estradas de todo o país, estabelecimentos comerciais foram fechados. Os veículos de comunicação foram censurados por motivos de segurança. Pessoas começaram a desaparecer misteriosamente. Nos noticiários eram recorrentes os relatos de perseguições e assassinatos. Todas as mulheres foram demitidas de seus empregos e suas contas bancárias foram bloqueadas.

Por lei, as mulheres não podiam mais trabalhar nem possuir patrimônio próprio, tudo que lhes pertencia foi transferido para seus maridos ou parente masculino mais próximo. Agora “**existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei**” (ATWOOD, 2017, p. 75, grifo meu). A estrutura social do país foi remodelada e dividida em castas, cada uma deveria realizar funções específicas de acordo com seu papel social. A maioria das medidas extremistas foram aprovadas pela população.

Diante da exposição desta distopia em foco, convém entender, a seguir, o contexto do qual esta e outras distopias literárias se originaram. Antes de adentrar no conceito da relação da religião como força de estado e leis coercitivas inibidoras do livre arbítrio das mulheres em *O Conto da Aia*, é necessário compreender qual a relação da distopia com tal construção de poder violento e punitivo sobre os corpos e livre arbítrio do indivíduo. Para isso vê-se necessário uma breve apresentação do significado e do conceito de distopia.

2.1 Uma breve apresentação da literatura distópica

“A meio caminho entre a literatura e a filosofia, na zona de passagem entre um não lugar que nega nossas misérias e um bom lugar que as torna talvez mais insuportáveis” (MATOS, 2017, p. 42).

Para entender melhor a distopia, primeiro, é essencial entender e conceituar de forma acurada o conceito de “utopia”. No prólogo de seu livro *Planet Utopia: Utopia, Dystopia, Globalisation*, Mark Featherstone argumenta que “a figura-chave da utopia capitalista é o indivíduo que, em última análise é livre”² (FEATHERSTONE, 2017, p. 1, tradução livre). Já Buchweitz; Marques entendem que “uma primeira conclusão a partir de tal visão é que utopia é uma construção de mundo que não existe (u + topos, o não-lugar) mas que não necessariamente seja ideal” (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 12). Os autores descrevem o conceito de não-lugar da utopia que, segundo eles, pode ser definida também como “lugar feliz ou lugar bom” (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 6).

O gênero utópico, embora remeta a um passado mais distante, foi inaugurado a partir da obra homônima de Thomas More, em 1516, e é definido por Hilário Franco (1998) como um “contra modelo da realidade”, que, segundo Silvia Liebel expressa:

Uma esperança, por vezes quimérica, mas sempre disruptiva, para a humanidade. Com diferentes significados de acordo com cada contexto vivido, a utopia na contemporaneidade servirá não apenas ao socialismo, mas também ao liberalismo, com a ilusão da prosperidade ao alcance de todos [...] As diferentes ênfases atreladas aos sistemas ideológicos, igualdade e prosperidade, são características conjuntas nos textos utópicos, com sociedades pautadas por um princípio de uniformidade que é determinante para a harmonia social e para a contemplação das necessidades de seus povos. O conceito de utopia se relaciona diretamente, assim, à concepção do ideal que projeta esperança sobre as estruturas presentes, transformadas ao virar da página. (LIEBEL, 2021, p. 12).

² *The key figure of the capitalist utopia is the individual who is ultimately free.*

O termo utopia tem sido tratado com diferentes significados ao longo do tempo. Lyman Tower Sargent, em seu livro intitulado *Utopianism: A Very Short Introduction*, explica como se concebe as características utópicas através da obra de Thomas More:

Em Utopia, More retratou um navio descobrindo uma ilha desconhecida, que estabeleceu uma sociedade baseada na igualdade de longo alcance, mas sob a autoridade de homens sábios e idosos. É hierárquico e patriarcal; tem leis muito rígidas e punições severas; e proporciona uma vida muito melhor para seus cidadãos do que estava disponível para os cidadãos da Inglaterra na época. Estas são as características de uma utopia. Elas contam histórias sobre coisas boas (e depois ruins) lugares, representando-os como se fossem reais. Assim, eles mostram as pessoas através de suas vidas cotidianas e retratam o casamento e a família, educação, refeições, trabalho e afins, bem como os sistemas políticos e econômicos. Isto é a exibição da vida cotidiana transformada que caracteriza uma utopia, e utopismo é apenas sobre essa transformação do cotidiano³ (SARGENT, 2010, p. 22-23, tradução livre).

Para Fátima Vieira (2010), existem, pelo menos, quatro características básicas comumente relacionadas à palavra distopia, são elas:

1. A concepção de uma sociedade imaginada – ou seja, a identificação dessa sociedade com a ideia de ‘bom lugar’, noção que deve ser descartada, pois se baseia em uma concepção subjetiva do que é ou não é desejável.
2. A forma literária na qual a imaginação utópica foi cristalizada – o que é uma forma muito limitada de definir a utopia, pois exclui um número considerável de textos claramente utópicos, porém não cumprem rigorosamente o modelo narrativo estabelecido por More.
3. A função da utopia – ou seja, o impacto que provoca em seu leitor, incitando-o a agir. Definição que deve ser rejeitada, pois leva em consideração apenas a utopia política.
4. O desejo de uma vida melhor, causado por um sentimento de descontentamento com a sociedade em que vive – a utopia é vista então como uma questão de atitude⁴ (VIEIRA, 2010, p. 6, tradução livre).

³ *In Utopia, More depicted a ship discovering an unknown island, which has established a society based on far-reaching equality but under the authority of wise, elderly men. It is hierarchical and patriarchal; it has very strict laws with harsh punishments; and it provides a much better life for its citizens than was available to the citizens of England at the time. These are the characteristics of a utopia. They tell stories about good (and later bad) places, representing them as if they were real. Thus they show people going about their everyday lives and depict marriage and the family, education, meals, work, and the like, as well as the political and economic systems. It is this showing of everyday life transformed that characterizes a utopia, and utopianism is about just that transformation of the everyday.*

⁴ *(1) the content of the imagined society (i.e., the identification of that society with the idea of ‘good place’, a notion that should be discarded since it is based on a subjective conception of what is or is not desirable, and envisages utopia as being essentially in opposition to the prevailing ideology); (2) the literary form into which the utopian imagination has been crystallized (which is a very limiting way of defining utopia, since it excludes a considerable number of texts that are clearly utopian in perspective but that do not rigorously comply with the narrative model established by More); (3) the function of utopia (i.e., the impact that it causes on its reader, urging him to take action (a definition that should be rejected as it takes into account political utopia only); (4) the desire for a better life, caused by a feeling of discontentment towards the society one lives in (utopia is then seen as a matter of attitude).*

Nota-se, portanto, diferentes significados do termo utopia, mesmo que similares, porém que buscam o mesmo propósito de um futuro ideal a ser alcançado.

No que concerne à literatura, desde a publicação da obra homônima de Thomas More vários autores buscaram expressas essa busca pelo futuro ideal, buscando delinear em suas obras sociedades perfeitas e ideais, “que por via de regra, são sempre fictícias” (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 6). Desde então a utopia tornou-se um subgênero da literatura que aponta diversas sociedades apresentadas com propostas diferentes, porém que buscam o mesmo ideal de sociedade perfeita. Sargent descreve as literaturas utópicas da seguinte forma:

As utopias literárias têm pelo menos seis propósitos, embora não sejam necessariamente separáveis. Uma utopia pode ser simplesmente uma fantasia, pode ser a descrição de uma sociedade desejável ou indesejável, uma extrapolação, uma advertência, uma alternativa ao presente, ou um modelo a ser seguido⁵ (SARGENT, 2010, p. 28, tradução livre).

Já o termo “distopia”, ao contrário do conceito de utopia (o não-lugar), traz em sua particularidade a constatação de que “o futuro se encontra bloqueado e de que estamos presos a um presente de desigualdade, opressão, desamparo e consumo desenfreado” (CARDOSO, 2021, p. 104). Para Matos (2017), “as distopias seriam utopias às avessas, ou seja, más utopias, sociedades imaginárias nas quais as condições de existência são muito piores do que aquelas que vigoravam nas sociedades reais” (MATOS, 2017, p. 43-44).

Como já foi dito na introdução deste trabalho, o termo distopia surgiu em 1868, mencionado pela primeira vez pelo filósofo e economista John Stuart Mill em seu discurso no parlamento britânico, “o nascimento do termo, nesse contexto específico, foi usado para discutir questões religiosas, e ligeiramente difere do sentido que lhe é atribuído a partir do século XX” (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 7). Russell Jacoby recupera as palavras de Mill em seu livro *Picture Imperfect: Utopian Thought for an Anti-Utopian Age*:

Permita-me, como alguém que, em comum com muitos ilustres colegas, recebeu a acusação de ser utópico, felicitar o governo por ter se juntado a essa formosa companhia. Talvez seja excesso de cortesia chamá-los de utópicos, ao contrário, **deveriam ser chamados de distópicos**, ou cacotópicos. O que é comumente chamado de utópico é algo bom demais para ser posto em prática, **mas o que eles parecem defender é algo ruim demais para ser posto em prática** (MILL, *apud* JACOBY, 2005, p. 154, tradução livre, grifo meu)⁶.

⁵ *Literary utopias have at least six purposes, although they are not necessarily separable. A utopia can be simply a fantasy, it can be a description of a desirable or an undesirable society, an extrapolation, a warning, an alternative to the present, or a model to be achieved.*

⁶ *I may be permitted, as one who, in common with many of my betters, have been subjected to the charge of being Utopian, to congratulate the Government on having joined that goodly company. It is, perhaps, too complimentary to call them Utopians, they ought rather to be called dys-topians, or cacotopians. What is*

Os termos utopia e distopia podem parecer controversos através do discurso de Mill, porém, segundo Buchweitz; Marques “as distopias apontam justamente para os aspectos negativos que o futuro possivelmente reserva, e, ao fazê-lo, criticam também o presente, inevitavelmente” (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 7). De acordo com Liebel:

A gênese da distopia, parece claro, está na utopia. Isso não se verifica apenas na origem gramatical do termo (utopia = lugar nenhum; distopia = lugar ruim), mas também na própria dinâmica da narrativa que se assemelha à estrutura edênica, à busca pelo paraíso (ou a sua queda). A distopia se apresenta, assim, como uma narrativa desvirtuada, degenerada, na qual a linha condutora não aponta para o progresso, mas sim para a perdição (LIEBEL, 2021, p. 190).

A distopia toma força no século XX, momento que estão em destaque temas como a tecnologia e as consequentes transformações sociais, a revolução industrial e o avanço das máquinas. É nesse contexto que o italiano Filippo Tommaso Marinetti publica no jornal parisiense *Le Figaro* o primeiro Manifesto Futurista, em 1909, permeado pelo discurso de eliminação da arte do passado, a rejeição ao moralismo e defendia a destruição simbólica dos museus e das bibliotecas, além de um forte teor misógino, “colocando-se em uma posição de repulsa à figura da mulher - considerada uma inimiga do futuro por ter a capacidade de despertar emoções no homem - e aplaudindo a guerra” (BARROS; BARROS; FARIA, 2020, p. 165):

2. A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia. **3.** A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco [...] **7.** Não há mais beleza, a não ser na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças desconhecidas, para obrigá-las a prostrar-se diante do homem. **8.** Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente. **9.** Nós queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo - o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas idéias pelas quais se morre e o desprezo pela mulher. **10.** Nós queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda natureza, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária [...] **14.** Museus: cemitérios!... Idênticos, na verdade, pela sinistra promiscuidade de tantos corpos que não se conhecem. Museus: dormitórios públicos em que se descansa para sempre junto a seres odiados ou desconhecidos! Museus: absurdos matadouros de pintores e escultores, que se vão trucidando ferozmente a golpes de cores e linhas, ao longo das paredes disputadas! [...] **18.** Vocês querem, pois, desperdiçar todas as suas melhores forças nesta eterna e inútil admiração do passado, da qual vocês só podem sair fatalmente exaustos, diminuídos e pisados? **19.** Em verdade eu lhes declaro que a frequência diária aos museus, às bibliotecas e às academias (cemitérios de esforços vãos, calvários de sonhos

commonly called Utopian is something too good to be practicable; but what they appear to favour is too bad to be practicable.

crucificados, registro de arremessos truncados!...) é para os artistas tão prejudicial, quanto a tutela prolongada dos pais para certos jovens ébrios de engenho e de vontade ambiciosa. Para os moribundos, para os enfermos, para os prisioneiros, vá lá: o admirável passado é, quiçá, um bálsamo para seus males, visto que para eles o porvir está trancado... Mas nós não queremos nada com o passado, nós, jovens e fortes futuristas! **20.** E venham, pois, os alegres incendiários de dedos carbonizados! Ei-los! Ei-los!... Vamos! Ateiem fogo às estantes das bibliotecas!... Desviem o curso dos canais, para inundar os museus!... Oh! a alegria de ver boiar à deriva, laceradas e desbotadas sobre aquelas águas, as velhas telas gloriosas!... Empunhem as picaretas, os machados, os martelos e destruam sem piedade as cidades veneradas! (Manifesto Futurista, MARINETTI, 1909, grifo meu).

O Manifesto Futurista de Marinetti foi responsável pelo surgimento do futurismo, “um dos mais revolucionários movimentos de vanguarda do século XX” (BARROS; BARROS; FARIA, 2020, p. 165) e seria considerado como fonte de inspiração para a escrita da literatura distópica até os dias atuais. A atitude de Marinetti propõe uma resposta agressiva aos acontecimentos do século XX:

O século em que se vislumbrava a realização das promessas da modernidade. Acreditou-se mesmo que a tecnologia liberaria o corpo humano de muitos horários de trabalho e traria a utopia da ideia de um progresso, que passou a ser vislumbrado a partir das descobertas científicas e novas invenções da Segunda Revolução Industrial. Também se abriu um leque para a possibilidade de ascensão social. O clima era de encantamento, encurtamento de distâncias e de aceleração da vida cotidiana. Desse modo, surgiram, naturalmente, especulações com relação ao futuro (BARROS; BARROS; FARIA, 2020, p. 165-166).

No entanto, “como um movimento de vanguarda, o futurismo mostrou-se ambíguo, demonstrou, ao mesmo tempo, um caráter libertário e totalitário, chegando a tornar-se instrumento de propaganda do fascismo” (TELLES, 2002, p. 85 **apud** BARROS; BARROS; FARIA, 2020, p. 166). Marinetti publicou o documento antes da 1ª Guerra Mundial, com um ideal libertário, rebelde e radical, porém, depois dela, segundo Barros; Barros; Faria (2010) ele percebeu que a guerra não tinha nada de heroísmo e muito menos sua justificativa era nobre, pois muitos civis haviam morrido durante os conflitos do século XX. “A partir disso, estava claro que a guerra do século XX não era a que Marinetti propagava em seu manifesto, e o mundo passou a acreditar que a máquina não conduziria mais ao paraíso, como se pensava antes” (BARROS; BARROS; FARIA, 2020, p. 166).

Francisco Berardi, em seu livro *Depois do Futuro* compreende que “a máquina que o futurismo exalta é um objeto externo em relação ao corpo e à mente humana: a máquina visível no espaço urbano e no espaço da fábrica e da rua” (Berardi, 2019, p. 14). Para o autor nos dias atuais do século XXI, as máquinas são o próprio ser humano:

Aquela que hoje absorve o trabalho e produz mercadorias é não mais a Máquina Externa, mas a infomáquina que se entrelaça com o sistema nervoso social, a biomáquina que interage com a genética do organismo humano. A máquina interiorizada, a nanomáquina capaz de produzir mutações no agente humano (BERARDI, 2019, p. 14).

Assim, Berardi alerta para a época da era moderna em que a máquina que age e opera é outra, diferente da máquina de antes que era externa e agia fora do corpo e da mente. Ela é interiorizada, a máquina política, é o que ele chama de máquina psicofarmacológica, “a máquina que age no interior do corpo graças a potências de tipo químico, biotécnico” (BERARDI, 2019, p. 15).

A literatura distópica surge nesse contexto das grandes revoluções do século XX, e tem como ponto de partida o avanço das máquinas e período pós 1ª Guerra Mundial em que o mundo estava devastado e a esperança de uma sociedade perfeita era distante, “momento relevante para o surgimento daquilo que, ao longo século XX, viria a ser um gênero consolidado, que cresce gradativamente desde então, com um sólido repertório de narrativas, dentre as quais algumas já são consideradas por muitos críticos como cânone literário” (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 9). A distopia abarca e busca respostas para problemas da globalização da atualidade, e sobre globalização Santos afirma que:

Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender (SANTOS, 2006, p. 212).

Para Buchweitz; Marques as distopias “sempre são respostas contemporâneas a angústias e tensões políticas contemporâneas ao momento de sua produção” (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 8). E as literaturas distópicas descrevem as angústias de sua época através de um viés hiperbólico e pessimista. No contexto da literatura distópica Buchweitz; Marques explicam que:

A produção de distopias tem uma relação de proximidade com seu contexto de produção, sendo possível, pois, encontrar nessa produção elementos que são uma espécie de reflexo (ainda que distorcido) de anseios e questões político-sociais. Dito de outra forma, a literatura (e, por conseguinte, a produção de obras distópicas) é um produto da sociedade e do período histórico em que estão inseridas (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 11).

Claeys explica que a distopia do século XX é dominada por dois temas:

O coletivismo despótico associado ao fascismo e ao comunismo, e a dominação da ciência e da tecnologia sobre a humanidade tanto aqui como na modernidade em geral. Aqui, três obras definem o gênero: *Nós*, de Zamyatin (1924), *Admirável Mundo Novo*, de Huxley (1932), e o mais importante, 1984 de Orwell (1949) (CLAEYS, 2017, p. 271).

Alexandre Meireles da Silva (2003) em seu artigo intitulado *Sobrevivendo ao inferno: contra-narrativas utópicas nas distopias de Margaret Atwood e Octavia E. Butler*, discorre

sobre algumas características da literatura distópica no decorrer de sua história e pontua alguns elementos essenciais marcantes, tanto das utopias quanto das distopias:

Nesse longo processo, tornou-se evidente a influência de um elemento que marca presença tanto nas utopias quanto nas distopias, sejam essas literárias, políticas ou religiosas: o pensamento científico. Como resultado dessa influência, dois pontos são observados em ambas as formas de ficção: primeiro, a similaridade estrutural entre elas e o gênero literário que tem a ciência como seu *leitmotiv*: a ficção científica. Segundo, a prevalência nessas obras de um discurso eurocêntrico e masculino cuja ideologia silenciou mulheres e grupos minoritários de forma geral por muitos séculos (SILVA, 2003, p. 1).

Há diversas divergências entre especialistas da área sobre quando surgiu a primeira obra distópica, não há um consenso unânime sobre qual seria o primogênito das distopias, e sobre isso Liebel dá sua contribuição da seguinte maneira:

O ponto histórico de surgimento do gênero é bastante debatido, sendo questionado de acordo com a própria definição de distopia. A primeira narrativa distópica é um título em eterna disputa, mas considera-se o livro de Mary Shelley, *O Último Homem*, como o precursor do gênero. Escrito em 1826, oito anos após *Frankenstein*, o livro é, como a obra-prima da autora, um reflexo direto da sociedade industrial, discute o individualismo crescente da sociedade e aponta para os males que a nova era poderia sofrer, no caso, uma praga que devastou o globo. Mesmo *Frankenstein* é tomado, por vezes, como a origem do gênero distópico ou como sua antessala. Stephen King descreveu o livro, em introdução escrita em 1978, como “a raiz principal da ficção científica tal como a conhecemos, mas isso só é verdade no que tange à ficção científica da “utopia negativa” – de que *1984* e *Admirável Mundo Novo* são os mais celebrados exemplos” e prossegue, lançando luzes sobre a própria natureza da distopia (LIEBEL, 2021, p. 191).

As obras citadas por Claeys e Liebel são consideradas cânones literários que servem como modelos para as obras distópicas vindas depois delas, como é o caso de *O Conto da Aia* (1985) e *Os Testamentos* (2019) de Margaret Atwood. Porém, muito antes dessas obras serem consideradas clássicos da literatura distópica, nos primórdios da escrita literária, buscou-se a idealização do lugar perfeito:

Desde priscas eras com o povo Sumeriano e sua mítica terra de Dilmun descrita no poema épico de Gilgamesh (2000 a.C.), e desembocado em ficções como *A Ilha* (1962) de Adous Huxley, a idealização de um lugar onde a paz, prosperidade e justiça reinam tem sido um traço recorrente da história da humanidade. Tanto em forma de ideias religiosas e filosóficas quanto projetos literários-políticos, a persistência da imaginação utópica sugere que a imaginação humana anseia por um mundo perfeito que difira radicalmente do modelo imperfeito vivenciado diariamente. Todavia, como a história ocasionalmente mostra, na tentativa de ser implantado o sonho utópico revela que, como qualquer outra manifestação humana, ele também tem um lado negro representado pela pesadélica distopia (SILVA, 2003, p. 1).

Silva explica que a partir da década de 1960, as distopias literárias têm confrontado os elementos até então presentes em sua estrutura de diversas formas, discutindo problemáticas atuais e inerentes ao contexto contemporâneo que elas se encontram:

Desde os anos 60, porém, essa ideologia tem sido confrontada por diferentes estratégias literárias que discutem temas relacionados à problemática de raça, gênero, sexualidade, e linguagem nas obras de ficção científica de escritores como Samuel R. Delany Jr., Ursula K. Le Guin, Joanna Russ, Marge Piercy, Margaret Atwood e Octavia E. Butler, entre outros. Nas distopias ficcionais, especialmente naquelas escritas por mulheres, tais estratégias se formalizam na criação de contra-narrativas utópicas [...] (SILVA, 2003, p. 1).

A distopia também ganhou forma nas telas dos cinemas, como o próprio *Admirável Mundo Novo* que teve duas adaptações cinematográficas, 1980 e 1998, *Fahrenheit 451*, também com duas adaptações, 1966 e 2018, esta última adaptação conta com a atuação de Michael B. Jordan, um dos atores mais requisitados da atualidade e está disponível na HBO Max. A Distopia nas telas de cinema passa também pela trilogia: *Divergente* (2011), *Insurgente* (2012) e *Convergentes* (2013), todas adaptações literárias da obra de Veronica Roth. Também conta com *O doador de memórias* (2014), até a ficção científica do diretor coreano Jo Sung-hee e estrelado por Song Joong-ki, *Nova Ordem Espacial* (2021) disponível na Netflix, que ultrapassa os problemas terrestres e ficciona uma órbita espacial em que no ano de 2092 as florestas do planeta Terra desaparecem, transformando-se em grandes desertos e uma corporação (UTS) cria um novo lar em órbita para a humanidade morar, porém apenas alguns escolhidos podem migrar para este novo local. “Tanto a literatura quanto a arte contemporânea, em um processo de releitura, intertextualidade e apropriação, revisitam a tradição distópica – os alicerces da primeira metade do século XX – e inventam novas fronteiras e tendências” (BECKER, 2017, p. 17).

Adentrando no contexto de *O Conto da Aia*, o romance foi inicialmente escrito no início da primavera de 1984, enquanto Margaret Atwood morava em Berlim Ocidental, que ainda era dividida pelo muro, e finalizado em 1985 quando Atwood retorna para o Canadá. O romance já é considerado por muitos teóricos como um clássico da literatura distópica contemporânea. Sobre a obra de Atwood, Barros; Barros; Faria pontuam que:

E se o papel das distopias é representar uma sociedade caracterizada por condições de vida insuportáveis e evidenciar seus perigos, *O conto da aia* e *Os testamentos*, de Margaret Atwood, certamente, é um protótipo desse gênero textual. As mulheres de Gilead, principalmente as aias, já que a história está centrada no papel que elas cumprem como mulheres tratadas como objetos que têm a única função de procriar, não enxergam uma possibilidade de mudança. Anulam-se enquanto pessoas portadoras de desejos, escondem o que sentem, perdem a subjetividade (BARROS; BARROS; FARIA, 2020, p. 174).

Conforme afirma Buchweitz; Marques (2019), *O Conto da Aia* “transcende o que até o momento era tido como distopia, trazendo uma perspectiva feminista (mas também irônica) para o campo distópico. Fato este que, na época, rompeu com uma certa linearidade temática

dos romances distópicos anteriores” (BUCHWEITZ; MARQUES, 2019, p. 10). Assim percebe-se que para além de ser uma distopia, o romance explora o controle do corpo feminino através da ironia. Para Malak (2001), “o que distingue o romance de Atwood desses [outros] clássicos distópicos é seu óbvio foco feminista. Gilead é abertamente misógino, tanto em sua teocracia quanto na prática. O estado reduz as Aias à condição de escravas, de meras “reprodutoras” (MALAK, 2001, p. 11, tradução livre)⁷.

Para Arbo; Marques (2019), em *O Conto da Aia* há um potencial filosófico, dando à obra um caráter especulativo da ficção, em que “extrapolar os discursos presentes para suas consequências mais radicais serve como forma de aviso” (ARBO; MARQUES, 2019, p. 167). As distopias clássicas oferecem personagens com características marcantes e específicas, sobre isso Malak destaca que:

As distopias tendem a oferecer tipos de personagens bidimensionais; esta tendência é possivelmente devido à pressão do impulso metafórico e ideológico dessas obras. Além disso, a atmosfera de pesadelo das distopias parece impedir avançando personagens positivos e assertivos que podem oferecer ao leitor uma esperança consoladora. Se tais personagens positivos existem, eles geralmente se provam miseravelmente ineficazes quando confrontados com poderes avassaladores implacáveis⁸ (MALAK, 2001, p. 10-11, tradução livre).

É o caso de Offred que luta por sua liberdade, porém sente-se incapaz de quebrar o bloqueio criado pelo poder do governo de Gilead. Para Barros; Barros; Faria:

A ficção criada pela canadense [Margaret Atwood] pode ser lida como um retrato fiel e alarmante do presente. Isso porque regimes de direita, que chegam ao poder com o apoio de fundamentalistas cristãos, não são exclusividade de Gilead. Também não pertencem apenas ao universo do faz-de-conta de *O conto da aia* e *Os testamentos* discursos conservadores contra o aborto, como se a mulher não tivesse o direito de decidir o que fazer com o próprio corpo nem mesmo em caso de estupro. Muito menos declarações preconceituosas de que as meninas, em caso de violência sexual, são as culpadas por seduzirem um homem. Colocam-no na condição de vítima (BARROS; BARROS; FARIA, 2020, p. 174).

Atwood diz em entrevista que não colocou nada em suas histórias que já não exista ou tenha existido em algum lugar do mundo: “Fiz uma regra para mim: Não incluiria nada que o ser humano já não tivesse feito em outro lugar ou época, ou para o qual a tecnologia ainda não

⁷ What distinguishes Atwood's novel from those dystopian classics is its obvious feminist focus. Gilead is openly misogynistic, in both its theocracy and practice. The state reduces the handmaids to the slavery status of being mere "breeders".

⁸ Dystopias often tend to offer two-dimensional character types; this tendency is possibly due to the pressure of the metaphorical and ideological thrust of these works. Moreover, the nightmarish atmosphere of dystopias seems to preclude advancing positive, assertive characters that might provide the reader with consoling hope. If such positive characters do exist, they usually prove miserably ineffectual when contending with ruthless overwhelming powers.

existisse⁹”. (ATWOOD, *The Guardian*, 2012, tradução livre). Além disso, a autora se dedicou à leitura de livros sobre a Segunda Guerra Mundial, o regime nazista na Alemanha e Stalinista na Rússia foram algumas de suas fontes para a criação da sociedade de Gilead. Cardoso alega que “se uma leitura distópica do real parece plausível, cabe indagar se ainda é possível imaginar distopias num mundo em que elas parecem já estar presentes, ou se elas estariam condenadas a se tornar um pálido reflexo de uma realidade difícil de acompanhar” (CARDOSO, 2021, p. 107). Bruce Miller, criador da série baseada na obra homônima de Atwood, *The Handmaid's Tale*, declara que “sempre se surpreende ao ver que o que foi imaginado muitas vezes acaba encontrando ecos, tempos depois, nas páginas de jornal” (UOL online, 2022). A mesma matéria tem como título a seguinte locução “*The Handmaid's Tale*: o mundo real tem mania de nos alcançar, diz criador”, fazendo alusão à correlação entre o real e a ficção.

Em entrevista ao *The New York Times* Atwood fala sobre a construção de suas personagens e que sua inspiração é a própria vida real, ela diz: “Minhas mulheres sofrem porque a maioria das mulheres com quem eu converso parecem já ter sofrido [...] Mas você não ouve falar nisso porque o sofrimento das mulheres é visto como passivo”¹⁰ (ATWOOD, *The New York Times*, 1982, Tradução livre). Virginia Woolf alerta para o fato de que “a ficção deve ater-se aos fatos, e, quanto mais verdadeiros os fatos, melhor a ficção — é o que nos dizem” (WOOLF, 1985, p. 22).

Em um artigo que escreveu para o jornal *The Guardian*, Margaret Atwood escreve: “Alguns livros assombram o leitor. Outros assombram o autor. *O Conto da Aia* fez os dois”¹¹ (Atwood, 2012, Tradução livre). O livro chegou a ser banido das escolas.

Antonie Compagnon explica que “a tradição teórica considera a literatura como uma e própria, presença imediata, valor eterno e universal; a tradição histórica encara a obra como o outro, na distância de seu tempo e de seu lugar” (COMPAGNON, 2009, p. 14). Compagnon assegura ainda que a literatura “**instrui deleitando**”, e que:

A verdade é que as obras-primas do romance contemporâneo dizem muito mais sobre o homem e sobre a natureza do que graves obras de filosofia, de história e de crítica” [...] Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine,

⁹ *I made a rule for myself: I would not include anything that human beings had not already done in some other place or time, or for which the technology did not already exist*

¹⁰ *My women suffer because most of the women I talk to seem to have suffered [...] But you don't hear about it because women's suffering is seen as passive.*

¹¹ *Some books haunt the reader. Others haunt the writer. The Handmaid's Tale has done both.*

um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensina mais sobre a vida do que longos tratados científicos (COMPAGNON, 2009, p. 25-26).

Seguindo o raciocínio de Compagnom pode-se acrescentar ainda sua seguinte reflexão sobre o papel da literatura contemporânea para a sociedade:

Uma segunda definição do poder da literatura, surgida com o Século das Luzes e aprofundada pelo romantismo, faz dela não mais um meio de instruir deleitando, mas um remédio. Ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades, pensavam os filósofos; ela o cura, em particular, do obscurantismo religioso. A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e responsabilidade do indivíduo (COMPAGNON, 2009, p. 33-34).

Compagnom fala de libertar-se pela literatura, mas também de responsabilidade. Seria, portanto, correto afirmar que a escrita e leitura dos temas abordados por Margaret Atwood em *O Conto da Aia*, por exemplo, torna-a responsável pela interpretação que o leitor faz? Ou a autora é isenta de tal pesado fardo? Segundo o próprio Compagnom a resposta para esses questionamentos pode ser encarada da seguinte forma:

A literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder. Contrapoder, revela toda extensão de seu poder quando é perseguida. Resulta disso um paradoxo irritante: a liberdade não lhe é propícia, pois priva-a das servidões contra as quais resistir (COMPAGNON, 2009, p. 34).

Ou seja, independente da intenção do autor a literatura basta por si só, a partir do momento em que ela é escrita ela é seu próprio poder. Prévoost explica que “toda a obra é um tratado de moral agradavelmente posta em ação” (PREVÓST, 2002, p. 12).

O interesse de Atwood por distopias iniciou em sua adolescência, quando ela leu *1984* de Orwell; *Admirável Mundo Novo*, de Huxley e *Fahrenheit 451* de Bradbury, e continuou durante seus estudos de pós graduação em Havard no início dos anos 1960. A autora não concorda em chamar *O Conto da Aia* de “distopia feminista”, o livro tem um teor político muito forte em relação ao controle da vida das mulheres, mas não se trata apenas disso, e Atwood explica suas razões no seguinte fragmento:

O Conto da Aia costuma ser chamado de “distopia feminista”, mas esse termo não é estritamente preciso. Em uma distopia feminista pura e simples, todos os homens teriam mais direitos do que todas as mulheres. Teria uma estrutura de duas camadas: homens na camada superior, mulheres na camada inferior. Mas Gilead é o tipo usual de ditadura: Em forma de pirâmide, com os poderosos de ambos os sexos no ápice, os homens geralmente superando as mulheres no mesmo nível; depois, níveis decrescentes de poder e status com homens e mulheres em cada um, até o fundo, onde os homens solteiros devem servir nas

fileiras antes de serem premiados com uma econoesposa¹² (ATWOOD, *The Guardian*, 2012, Tradução livre).

Apesar de o próprio nome do livro aludir o leitor a um regime de repressão totalitário contra as mulheres, para a autora falar que *O Conto da Aia* é uma “distopia feminista” seria reduzi-lo a apenas uma de suas tantas camadas incitantes ao debate e reflexão social. Porém, algumas críticas literárias como Fiona Tolan e June Deery, por exemplo, denominam o romance como distopia feminista, pois não há como negar o forte apelo feminista que a obra carrega, mesmo com declarações da autora afirmando que essa não é sua intenção.

Tolan (2007) Examina os romances de Margaret Atwood em conjunção com a segunda onda feminista, em uma tentativa de relacionar a escrita da autora com a teoria feminista e diz que:

Qualquer compromisso de examinar a natureza da relação entre ficção e teoria são imediatamente problemáticas. Assim, alguns dos aspectos mais elementares da discussão são controversos. Como pode um romancista ser relacionado a uma teoria particular a qual ele afirma não fidelidade? Como podem as abstrações de um discurso teórico entrar em um relacionamento com um romancista? E mais, se é para presumir que tal relação existe, é demonstrável?¹³ (TOLAN, 2007, p. 12, tradução livre).

Tolan reage ao discurso de Atwood e compreende que “os interesses políticos de Atwood não se limitam de forma alguma ao debate feminista – um fato que complica produtivamente qualquer leitura do seu trabalho”¹⁴ (TOLAN, 2007, p. 13, tradução livre).

Tolan argumenta, porém, que:

O Conto da Aia enfatiza o poder da história, que para Offred reside em sua habilidade em se posicionar como ouvinte, “até quando não há ninguém”. Em sua autoanálise da função da narrativa e o papel da narrativa na criação do registro histórico, o conto de Offred é um exame metaficcional da meta-história, e a história em questão é, em uma extensão significativa, a do movimento feminista¹⁵ (TOLAN, 2007, p. 144, tradução livre).

¹² *The Handmaid's Tale* has often been called a "feminist dystopia", but that term is not strictly accurate. In a feminist dystopia pure and simple, all of the men would have greater rights than all of the women. It would be two-layered in structure: top layer men, bottom layer women. But Gilead is the usual kind of dictatorship: shaped like a pyramid, with the powerful of both sexes at the apex, the men generally outranking the women at the same level; then descending levels of power and status with men and women in each, all the way down to the bottom, where the unmarried men must serve in the ranks before being awarded an Econowife”.

¹³ Any undertaking to examine the nature of the relationship between fiction and theory is immediately problematic. So many of the most elementary aspects of the discussion are contentious. How can a novelist be said to relate to a particular theory to which they claim no allegiance? How can the abstractions of a theoretical discourse be said to enter into a relationship with a novelist? And further, if such a relationship is to be presumed to exist, is it demonstrable?

¹⁴ Atwood's political interests are by no means confined to feminist debate – a fact that productively complicates any critical readings of her work.

¹⁵ *The Handmaid's Tale* emphasises the power of the story, which for Offred lies in its ability to posit a listener, “even when there is no one”.1 In its self-conscious examination of the function of narrative and the role of

Atwood também nega a ideia de que *O Conto da Aia* e *Oryx and Crake* (outra distopia escrita pela autora), sejam consideradas ficção científica. Ao jornal *The Guardian*, ela afirmou preferir que sua obra seja considerada ficção especulativa a ficção científica: “Ficção científica tem monstros e naves espaciais; ficção especulativa poderia realmente acontecer”¹⁶ (ATWOOD, *The Guardian*, 2016). Para a autora, a diferença entre ficção científica e especulativa é que a primeira é algo que nós ainda não podemos fazer, já a segunda, é sobre assuntos que já estão inseridos na sociedade e acontecem em qualquer parte do mundo. June Deery (1997) dilucida sobre Atwood e sua relação com a ficção científica, como consta no seguinte trecho:

Muitas ideias ponderosas da ciência moderna caíram em ouvidos artísticos surdos. Exceto para escritores de ficção científica, relativamente poucos escritores de ficção contemporâneos fizeram das ciências naturais uma preocupação central. Na verdade, a maioria dos escritores ignoram completamente os desenvolvimentos científicos. Uma exceção interessante é Margaret Atwood, que não apenas se refere à ciência, mas também o faz da perspectiva de uma mulher, algo comparativamente raro nas evocações literárias da ciência. A ciência não é a preocupação central de Atwood, mas ela sugere, embora de uma maneira leve e às vezes até caprichosa, que a física moderna é adequada para descrever a experiência das mulheres. Ao fazer isso, ela produz uma adaptação impressionante de um discurso predominantemente masculino (ciências naturais)¹⁷ (DEERY, 1997, p. 470, Tradução livre).

Assim como todo romance distópico, o que Atwood apresenta em *O Conto da Aia* não é pura ficção, mas uma reflexão sobre como ideias e discursos interpretados ao extremo podem levar a um regime totalitário. Pode criar uma sociedade que, aos poucos, dá pistas de valores exagerados, que autoriza e legitima esse tipo de governo.

Dito isso, será discutido nos próximos dois subcapítulos como esse discurso é feito através da repressão, da falta de direitos e exclusão do acesso das mulheres de Gilead à educação, e quais as consequências e danos causados a elas através dessa dominação estatal sobre suas vidas.

narrative in creating the historical record, Offred's tale is a metafictional examination of metahistory, and the history in question is, to a significant extent, that of the feminist movement.

¹⁶ *science fiction”, which “has monsters and spaceships” and “speculative fiction”, which “could really happen.*

¹⁷ *Many powerful ideas of modern science have fallen on artistic deaf ears. Except for writers of science fiction, relatively few contemporary fiction writers have made natural science a central preoccupation. In fact, most authors ignore scientific developments altogether. An interesting exception is Margaret Atwood, who not only refers to science but also does so from a woman's perspective, something comparatively rare in literary evocations of science. Science is not Atwood's central concern, but she does suggest, albeit in a light and at times even whimsical fashion, that modern physics is suited to describing women's experiences. In so doing she produces a striking adaptation of a predominantly male discourse (natural science).*

2.2 Religião, Estado e repressão

“Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacó, teve Raquel inveja de sua irmã, e disse a Jacó: dá-me filhos senão eu morro.

Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel e disse: estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?

E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bila; entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela” (GÊNESIS, 30: 1-3, 1999).

Em *O Conto da Aia*, a epígrafe acima referente ao texto de Gênesis antecipa o sumário do romance e é utilizada como argumento teórico cristão para a criação de leis e doutrinas que legitimam a escravização de mulheres, manipulação da crença social e emprego do discurso da fertilidade como benção divina. Assim, a sociedade toma esse discurso como verdade absoluta, uma vez que a escritura sagrada é inquestionável. Abaixo dessa epígrafe, existem outras duas, no entanto, neste momento, essa é a que melhor se adequa a análise aqui abordada por se tratar do texto de argumentação teórica para a escravização das Aias, que eram anteriormente mulheres livres, com vida e destino próprios, mas que agora apenas executam a função reprodutora.

Para esclarecer a importância dessa passagem bíblica na construção do romance, é necessário conhecer a história de Jacó. Jacó era o filho mais novo de Isaque e Rebeca, e irmão de Esaú. O pai de Jacó era cego, portanto, um dia pede a seu filho mais velho e preferido, Esaú, que saísse de casa para buscar-lhe comida e logo depois disso ele abençoaria seu primogênito. Ouvindo isso, Rebeca vai até Jacó e convence-o a fingir ser seu irmão Esaú para receber a benção em seu lugar, e assim ele o faz, indo até o rebanho e trazendo dois cabritos para dar de comer a seu pai.

Ao receber a comida, Isaque toca seu filho para saber se realmente é Esaú, porém ele não percebe que é enganado e abençoa o filho errado. Quando descobre a mentira Esaú fica furioso, pois seu irmão havia roubado seu status de primogênito e sua benção. Para que Esaú não mate Jacó, Isaque ordena que Jacó saia da cidade e vá até Padã-Arã, e case-se com uma das filhas de seu tio Labão.

Jacó obedece a seu pai, sai de Berseba e vai até o encontro de seu tio. Ao chegar na cidade ele logo encontra Raquel, a filha mais nova de Labão, e logo apaixonou-se por ela. Porém, para casar-se com Raquel, Jacó faz um acordo com Labão e trabalha sete anos pelo casamento. Quando chega a data de cumprir o acordo Labão entrega sua filha mais velha Lia, e não Raquel, para coabitar com Jacó. Jacó fica furioso pois ele esperava casar-se com

Raquel, seu verdadeiro amor segundo ele: “Que é isso que me fizeste? Não te servi eu por amor a Raquel? Por que, pois, me enganaste?” (GÊNESIS, 29: 25, 1999).

Labão explica que para casar a filha mais nova ele precisava casar a filha mais velha primeiro, então outro acordo é firmado entre Labão e Jacó. Jacó casou-se com Raquel na semana seguinte ao seu primeiro casamento e trabalhou para seu sogro por mais sete anos, por amor a Raquel. Jacó, então, tomou as duas irmãs como esposas.

A Bíblia afirma que por perceber o desprezo de Jacó por Lia, Deus a faz fecunda e ela dá à luz seis filhos, e a Raquel Deus deu o castigo da infertilidade, por isso ela teve ciúmes da irmã e convenceu seu marido a deitar-se com sua serva Bila para que ela gerasse seu filho. Inicia-se, então, uma competição entre as irmãs para ver quem daria mais filhos a Jacó. Lia também oferece sua serva Zilpa para que ela lhe desse mais filhos. Lembra-se Deus de Raquel e a faz fecunda, finalmente ela dá a luz a José, porém, ao gerar seu segundo filho, Benjamim, Raquel não resiste e vem a falecer.

Essa é a história que deu origem aos princípios do novo comando de Gilead. O governo utiliza essa passagem bíblica para justificar a escravização das Aias, uma imagem distorcida da narrativa, uma vez que a história de Jacó e Raquel é uma história de amor mútuo, principalmente no que diz respeito a esperar o momento certo, paciência e compreensão, não é sobre escravizar mulheres para fins reprodutivos.

Em Gilead a fertilidade está presente nos mais sutis detalhes, Offred discorre minuciosamente sobre o assunto, “há minhocas por toda parte, **evidência da fertilidade do solo**, apanhadas pelo sol, semimortas, flexíveis e rosadas, como lábios” (ATWOOD, 2017, p. 27, grifo meu), ou ainda, “nem todas vocês cairão em **solo infértil** ou espinhoso. Algumas de vocês não têm raízes profundas [...] Pensem em si próprias como sementes” (ATWOOD, 2017, p. 29, grifo meu). Referências sutis, mas que imprimem nas mulheres de Gilead a intenção de que, assim como as esposas de Jacó, elas devem ser férteis, úteis e produtivas.

Além disso, leis que anteriormente poderiam ser consideradas inadequadas e desumanas são infiltradas parcialmente no discurso estatal e popular e recebem a aprovação da população para perpetuação do poder do governo ditatorial. Assim surge a aceitação do tratamento das Aias como meras escravas reprodutoras, com base num discurso encenado e manipulado para proveito até pessoal dos governantes.

Outra ligação do romance com a história de Jacó é o próprio nome do grupo cristão que estabelece o golpe. Filhos de Jacó nada mais é que uma referência à benção proferida por Isaque a seu filho mais novo e principalmente à profecia dada por Deus a Jacó em um sonho,

quando ele para e se deita em uma pedra na sua fuga para Padã-Arã, como está escrito na seguinte passagem da Bíblia:

Perto dele estava o SENHOR e lhe disse: Eu sou o SENHOR, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra que agora está deitado, eu te darei, a ti e a tua descendência. A tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte e para o Sul. Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo que hei referido (GÊNESIS, 28: 13, 14, 15, 1999).

Os filhos de Jacó se auto intitulam os descendentes de Jacó, os bem-aventurados e possuidores da benção dada por Deus há séculos, portanto, se acham no direito de invadir e tomar posse das terras que agora são batizadas pelo nome de Gilead e fazer o que bem entenderem, pois, segundo eles, essa autoridade lhes foi dada e legitimada por Deus, “porque foram declarados Filhos de Jacob e portanto especiais, a eles foi dada uma escolha” (ATWOOD, 2017, p. 239):

Esses grupos foram organizados pouco depois do reconhecimento do empate forçado em termos de poderio de armas pelas superpotências e da assinatura em segredo do Acordo de Esferas de Influência, que deixou as superpotências livres para lidar, sem os empecilhos criados por interferência, com o número crescente de rebeliões em seus próprios impérios. Os registros oficiais das reuniões dos Filhos de Jacob foram destruídos depois do Grande Expurgo do período médio, que desacreditou e liquidou um número considerável dos arquitetos originais de Gilead, mas temos acesso a algumas informações através do diário mantido em código cifrado por Wilfred Limpkin, um dos sociobiólogos contemporâneo (ATWOOD, 2017, p. 359 – 360).

Gilead é atingido por uma onda de infertilidade e as taxas de natalidade decrescem velozmente. O Estado, então, interfere de maneira enérgica, pois o país não tem progresso se sua população não crescer, é preciso que gerem descendentes para haver mão de obra jovem e barata disposta a trabalhar e pagar impostos.

Conforme mencionado na introdução desta dissertação, as Aias são mulheres férteis que de alguma forma não se encaixam nas regras de Gilead para serem esposas. Por exemplo: mulheres no segundo casamento, pois Gilead considera apenas o primeiro casamento como válido, uma vez que o divórcio é banido, portanto, as mulheres casadas pela segunda vez são consideradas adúlteras (esse é o caso de Offred); mulheres de outra religião que se rebelaram contra as novas imposições e mulheres homossexuais. Esses são alguns dos critérios para escravizar as Aias. Uma verdadeira caça às bruxas como é referido por Silvia Federici em *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação*, as bruxas aqui estão no centro da cena “enquanto encarnação de um mundo de sujeitos femininos que o capitalismo precisou

destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher obeah que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião” (FEDERICI, 2017, p. 32-34).

Nicolau Maquiavel, no capítulo V de seu clássico *O Príncipe*, explica como administrar cidades ou principados que antes de conquistados tinham suas próprias leis, seu próprio regimento e fazê-los, de fato, compactuar com novas leis e crenças, mesmo que de antemão sejam consideradas absurdas. O autor atesta que:

Quando, conquistados [...] tais Estados estão afeitos a viver sob suas próprias leis e em liberdade, há que se respeitar três regras caso se queira mantê-los: a primeira, arruiná-los; a segunda, ir habitá-los pessoalmente; a terceira, deixá-los viver sob suas leis, mas auferindo tributos e criando ali dentro um governo oligárquico, que os mantenha fiéis — pois, tendo sido criados por esse príncipe, tais governos sabem que não poderão prescindir de sua amizade e força e farão de tudo para preservá-lo; e mais facilmente se domina uma cidade acostumada a viver livre por meio de seus cidadãos que por qualquer outro meio, caso se queira preservá-la (MAQUIAVEL, 2010. p. 38).

Em Gilead, um novo governo se instaura em um ambiente onde já existiam regras, leis, costumes e as elimina gradativamente, com a desculpa de que as leis vigentes estavam saturadas, não atendiam às necessidades de seu povo, criam novas leis pautadas estritamente pela sua leitura da Bíblia e as disseminam fazendo seus habitantes acreditarem que essas leis são necessárias e devem ser seguidas à risca, quem infringi-las sofrerá sanções que, de acordo com o novo regime, são ditas corretas e fundamentais para a ordem e reconstrução de sua população, que, sem direitos, deve se conformar e acatar as decisões de quem governa, criando um governo oligárquico e autoritário. Sobre o regime autoritário Magalhães; Rocha inferem que:

Em sentido amplo é todo regime antidemocrático. Nele, o poder de decidir e se fazer obedecer do governo, é concentrado na mão de uma única pessoa ou grupo, que o exerce destruindo a ideia da igualdade entre os cidadãos e diminuindo ou extinguindo a participação popular na política, geralmente por meios coercitivos, logo, a figura de autoridade do governo aparenta ser legítima, mas não é (MAGALHÃES; ROCHA, 2018, p. 611).

Max Weber (2015) discorre sobre a política como vocação e verbera que ela é um campo que faz uso por meio da violência, pois, para ele, o Estado é o único que pode praticar a violência legítima, um instrumento utilizado como legítima defesa. No entanto, o autor acredita que os fins não justificam os meios e, ao contrário do que acontece nos regimes autoritários, em que a violência é justificada e sua utilização substitui a culpa pelo uso da violência para autoridade, deveria, ao invés disso, existir um governo, um político, que assumisse a responsabilidade de seus atos. O autor pontua ainda que:

Normalmente, em contrapartida, o protestantismo legitimou de maneira absoluta o Estado, ou seja, o meio da violência enquanto instituição divina, legitimando também, em particular, o Estado autoritário. Lutero retirou a responsabilidade ética pela guerra do particular e o transferiu para a autoridade. Obedecer à autoridade em outras questões para além das questões de fé nunca podia constituir culpa (WEBER, 2015, p. 132).

Federici (2017) analisa a transição do feudalismo para o capitalismo a partir do ponto de vista das mulheres, do corpo e da acumulação primitiva, e exprime que “as hierarquias sexuais quase sempre estão a serviço de um projeto de dominação que só pode se sustentar por meio da divisão, constantemente renovada, daqueles a quem se procura governar” (FEDERICI, 2017, p. 18). Já Maquiavel (2010) continua sua dissertação sobre como administrar novos reinos e principados explicando que não há modo seguro de se administrar tais cidades a não ser pela destruição:

Isto porque, na verdade, não há modo seguro de controlar tais cidades senão as destruindo; e aquele que se tornar senhor de uma cidade habituada a viver em liberdade e não a reduzir a ruína será mais cedo ou mais tarde arruinado por ela: pois sempre se abrigam nas rebeliões o nome da liberdade e suas antigas leis, coisas que nunca se esquecem, nem pela duração do tempo, nem por quaisquer benefícios. E, por mais que se faça e se cuide, caso seus habitantes não sejam dispersos ou debelados, não se esquecerão daquele nome nem daquelas leis, e ao primeiro incidente recorrerão a eles: como fez Pisa (MAQUIAVEL, 2010, p. 49).

Em consonância com as palavras de Maquiavel, pode-se considerar que as leis criadas pelo Governo de Gilead são para coibir qualquer manifestação de rebelião e manter a sociedade sobre as garras firmes do regime ditatorial. O autoritarismo e a falta de liberdade de expressão, ou em qualquer outro âmbito da vida social, são características da literatura distópica, e Barros; Barros; Faria (2020) explicam como essa literatura está associada a:

Um tipo de produção que traz não mais um cenário ideal e atraente, mas sociedades falhas, em que os personagens vivem em ambientes autoritários, submetidos à opressão de vários níveis, sejam governamentais, tecnológicos ou religiosos. Uma tirania oriunda das angústias trazidas pelos avanços tecnológicos descontrolados e pelas mudanças sociais. (BARROS; BARROS; FARIA, 2020, p. 1).

Nesse cenário caótico e distópico de *O Conto da Aia*, as mulheres de Gilead são submetidas a um controle estatal sobre a liberdade do indivíduo, e cada uma de acordo com sua nova posição na hierarquia social, deve cumprir seu dever sem questioná-lo, “algo que nos remete [...] às leis sangrentas introduzidas na Europa do século XVI e XVII com o objetivo de colocar os “vagabundos” à disposição da exploração local” (FEDERICI, 2017, p. 25).

Uma das punições a que essas mulheres são submetidas é a pena de morte pública, um ato permitido pelo novo governo e que serve de exemplo coercivo para aquelas que tentarem seguir os passos daquelas que desobedecem às “leis de Deus”, como quando Offred começa a se encontrar às escondidas com o Comandante. A transgressora sabe que se for descoberta, ele, por ser um homem de bastante prestígio e poder, pode encontrar uma forma de escapar e colocar toda a culpa nela, “pelo que age nas sombras, às escondidas do poder patriarcal, subvertendo o regime usando o seu poder informal” (c.f. ALSTON, 1995, p. 25 e ORR, 2004, p. 9-15). O poder que a mulher tem e exerce a partir do espaço doméstico, nos bastidores da vida social e política, enquanto mãe/educadora, dona de casa, conselheira, mecenas cultural e religiosa. Neste caso, em público, valeria a palavra dele e a punição seria a morte de Offred, a Aia traidora e libertina, por enforcamento.

No trecho a seguir, a narradora demonstra sua preocupação: “Eu me apressava em atravessar os poucos metros de gramado iluminado, os holofotes estavam acesos de novo, esperando a qualquer momento sentir as balas me trespassar antes mesmo de ouvi-las” (ATWOOD, 2017, p. 316). Offred continua expressando seu medo da morte por desobediência na continuação de sua fala:

A cada vez esperava que ele não estivesse; ou pior, esperava que dissesse que eu não podia entrar. Ele poderia dizer que não iria mais violar quaisquer regras, enfiar o pescoço na forca, por mim. Ou ainda pior, me dizer que não estava mais interessado. Apesar de minhas expectativas, o fato de ele não fazer nenhuma dessas coisas, era para mim a mais inacreditável boa vontade e sorte. Eu lhe disse que isso era ruim (ATWOOD, 2017, p. 316-317).

O simples fato de estar fora de seu quarto, caminhando pelo gramado, já é uma justificativa para ser fuzilada, não importa o motivo, o encontro com o Comandante é um agravante a mais, uma vez que encontros casuais e sexo por prazer não são permitidos nessa sociedade.

Michel Foucault explica que “por muito tempo, um dos privilégios característicos do poder soberano fora o direito de vida e morte” (FOUCAULT, 1988, p. 127), um direito que, no caso das Aias não lhes pertence, pois o direito sobre suas vidas, o de viver ou morrer, está nas mãos de seus Comandantes, e, a partir do momento em que são enviadas para a casa deles suas vidas já não lhes pertencem mais. Até que elas sejam enviadas o direito sobre a vida e a morte delas está nas mãos das Tias, as únicas mulheres que ainda possuem algum poder, mesmo que inferior ao dos Comandantes. Ou seja, o regime de Gilead extinguiu qualquer possibilidade de decisão das Aias sobre suas próprias vidas. Santos; Oliveira; Badiru (2017) explicam que há várias formas de poder:

Podendo o poder ser traduzido e representado em vários contextos, sendo o da força (guerra) o mais substancial, outras formas, dependendo do contexto podem ser conceituadas, como: o poder do capital (lucro, financeiro, acumulativo); poder da liberdade; poder de mobilidade; poder de tratados; poder da resistência (SANTOS; OLIVEIRA, BADIRU, 2017, p. 2).

Foucault verbera que “se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 1987, p. 165). Offred, no entanto, acredita que sua sobrevivência depende de sua lealdade “forjada” a esse sistema despótico. Bourdieu (1989) explica o conceito de poder simbólico e para ele o poder se vê por toda parte e ele está caracterizado como uma espécie de círculo “cujo centro está em toda parte e parte nenhuma” (BOURDIEU, 1989, p. 7), além disso:

É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder indivisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Às Aias é permitido serem espancadas pelos seus Comandantes, até mesmo por suas Esposas, caso desobedeçam alguma regra, “eles podem bater em nós, existe precedentes nas Escrituras determinando isso. Mas não com qualquer instrumento. Somente com as mãos” (ATWOOD, 2017, p. 26). Mikhail Bakunin (1882), com sua crítica áspera sobre as leis da economia e ciências sociais em *Deus e o Estado*, exprime que:

Três elementos ou três princípios fundamentais constituem, na história, as condições essenciais de todo desenvolvimento humano, coletivo ou individual: 1º) a animalidade humana; 2º) o pensamento; 3º) a revolta. À primeira corresponde propriamente a economia social e privada; à segunda, a ciência; à terceira, a liberdade (BAKUNIN, 1882, p. 5).

Bakunin critica a crença cega dos idealistas, sua visão, segundo ele, equivocada de Deus e as ações humanas atribuídas a ele. Bakunin complementa seu pensamento e afirma que:

Tais são os contos absurdos que se narram e as doutrinas monstruosas que se ensinam, em pleno século XIX, em todas as escolas populares da Europa, sob ordem expressa dos governos. Chama-se a isto civilizar os povos! Não é evidente que todos os governos são os envenenadores sistemáticos, os embrutecedores interessados das massas populares? (BAKUNIN, 1882, p. 5).

O novo governo de Gilead cria um sistema econômico e social quase que primitivo, no qual o dinheiro é substituído por cupons equivalentes a cada produto vendido no mercado e a população é dividida em manadas, como se fossem uma espécie de gado a ser encurralado e

domesticado. “Os “sistemas simbólicos” só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados” (BOURDIEU, 1989, p. 9).

No caso das Aias seu curral é o antigo ginásio de esportes, agora conhecido como Centro Vermelho ou Centro Raquel e Lia, onde são ‘domesticadas’ para exercerem sua única função de procriadoras. Esse encurralamento pode ser percebido em alguns trechos do livro, como no seguinte: “Tia Sara e Tia Elizabeth patrulhavam; tinham agulhões elétricos de tocar gado suspensos por tiras de seus cintos de couro” (ATWOOD, 2017, p. 12).

A descrição da narradora mostra exatamente o status em que essas mulheres são submetidas, o de vacas reprodutoras sendo amansadas até estarem prontas para acasalar com seus Neloires, os Comandantes. As Tias funcionam como capatazes e são as responsáveis por fazer esse trabalho, são consideradas as doutrinadoras do regime. Já as Aias são consideradas como animais indóceis e impuros, mas elas têm algo raro a oferecer à Gilead, a fertilidade, portanto, precisam ser vigiadas e domesticadas para não prejudicarem a nova ordem social imposta.

Karl R. Popper (1974) em seu livro intitulado *A Sociedade Aberta e seus Inimigos*, disserta sobre o mito da origem e do destino do indivíduo, em uma visão mais profunda acerca da vida social em geral ele afirma que, diferentemente do homem comum que considera o seu modo de vida como coisas assentes, como pequenas lutas, o filósofo social e o cientista analisam de maneira mais elevada:

Vê ele o indivíduo como um peão, como instrumento algo insignificante no desenvolvimento geral da humanidade. E verifica que os atores realmente importantes no Palco da História são as Grandes Nações e seus Grandes Líderes, ou talvez as Grandes Classes, ou as Grandes Ideias. Seja isto como for, tentará compreender a significação da peça que se representa no Palco Histórico; tentará entender as leis do desenvolvimento histórico. Se o conseguir, naturalmente estará capacitado a predizer desenvolvimentos futuros. Poderá, então, colocar a política sobre sólida base e dar-nos conselhos práticos, dizendo-nos quais as ações políticas mais em condições de ter êxito, ou de falhar (POPPER, 1974, p. 21).

Popper denomina essa ação dos mitos sobre a origem e o destino do ser humano de *historicismo*, que é “uma velha ideia, ou antes, um conjunto frouxamente relacionado de ideias, as quais infelizmente de tal modo se tornaram de nossa atmosfera espiritual que costumeiramente são tidas como assentes e dificilmente são discutidas” (POPPER, 1974, p. 21).

Depois de serem treinadas no Centro Vermelho, as Aias são enviadas para servir como uma espécie de barriga de aluguel na casa de algum Comandante que por algum motivo ele e/ou sua esposa não tiveram filhos.

As Aias podem permanecer um prazo estipulado de, no máximo, dois anos em cada casa, e podem passar por três casas de comandantes, dando-lhes o prazo de seis anos para cumprirem seu papel e engravidar. Se não engravidarem durante esse prazo as Aias são enviadas para as Colônias, lugar que podem permanecer vivas no máximo três anos, devido os gases tóxicos desses lugares, e aos trabalhos forçados a que são submetidas.

Às Aias são dadas duas opções antes de serem direcionadas ao Centro Vermelho, elas podem “escolher” entre serem escravizadas como Aias ou irem para as Colônias, porém elas preferem o sofrimento de serem estupradas mensalmente por seus Comandantes, mesmo com todos os riscos, do que irem para as Colônias. Detalhe retratado na seguinte passagem do romance em que Offred escuta atrás da porta um diálogo entre as duas Marthas da casa:

Por vezes fico escutando do lado de fora de portas fechadas, algo que nunca teria feito no tempo de antes. Não escuto por muito tempo, porque não quero ser apanhada fazendo isso. Mas certa vez ouvi Rita dizer para Cora que não se rebaixaria dessa maneira. Ninguém está pedindo que o faça, retrucou Cora. De qualquer maneira, o que você poderia fazer se acontecesse?
Ir para as Colônias, respondeu Rita. Ela tem essa escolha.
Com as Não Mulheres, e morrer de fome e Deus sabe o que mais?, disse Cora. Agora te peguei. (ATWOOD, 2017, p. 18).

Neste momento, ao abrir a porta, Offred escuta as últimas palavras da conversa entre as Marthas em que Rita diz “Antes ela do que eu” (ATWOOD, 2017, p. 19). Offred percebe que há um desconforto com sua presença na cozinha, como se ela fosse uma intrusa naquele local. “Os rostos delas estavam de maneira como ficam os rostos de mulheres quando elas estiveram falando a seu respeito pelas costas e acham que você ouviu: constrangidos, mas ao mesmo tempo um pouco desafiadores, como se aquilo fosse direito delas” (ATWOOD, 2017, p. 19). Essa passagem demonstra a incompreensão por parte da sociedade, até mesmo das mulheres, com o papel social determinado às Aias, o fato de terem essas duas opções coloca o regime autoritário como benevolente e justo com essas mulheres. Uma lavagem cerebral coletiva e alienação social que é demonstrado na continuação do diálogo entre Rita e Cora:

De qualquer maneira, elas estão fazendo isso por todos nós, disse Cora, ou pelo menos é o que dizem. Se eu não tivesse ligado as trompas, poderia ter sido eu, digamos, se fosse dez anos mais moça. Afinal, não é assim tão ruim. Não é o que se considera trabalho pesado (ATWOOD, 2017, p. 19).

Rita e Cora representam a voz externa da sociedade para Offred, uma vez que ela está em um círculo fechado e sem quase nenhum contato com pessoas fora da casa, é através das conversas entre as duas Marthas que Offred se depara com os acontecimentos externos, como

a sociedade está lidando com o novo regime. Cora e Rita são sua única fonte de informação no momento.

Através dos diálogos entre as duas Marthas percebe-se também que o novo governo utiliza de mecanismos de força e coerção para obter aprovação da massa popular, uma alienação da massa. É o que acontece quando as duas estão comentando sobre o assassinato equivocado de uma Martha, que ao passar por uma das barreiras fixadas pelo governo, estava remexendo sua túnica em busca de seu passe e foi executada, pois os Guardiões que ali estavam pensaram que ela estivesse com uma bomba, acreditaram ser um homem disfarçado, pois já haviam precedentes dessa natureza:

Estavam fazendo seu trabalho, disse Cora. Mantendo-nos seguras.

Nada é mais seguro que a morte, retrucou Rita, em tom zangado. Ela estava apenas cuidando de suas obrigações. Não havia necessidade de matá-la.

Foi um acidente, disse Cora.

Acidentes não existem, tudo acontece intencionalmente. Eu podia ouvi-la batendo as painelas umas nas outras, na pia.

Bem, de qualquer maneira, alguém vai pensar duas vezes antes de explodir esta casa, disse Cora.

Mesmo assim, retrucou Rita. Ela trabalhava duro. Foi uma morte ruim.

Posso pensar em piores, disse Cora. Pelo menos foi rápida.

Você pode dizer isso, retrucou Rita. Eu preferiria ter algum tempo antes, sabe. Para botar as coisas em ordem (ATWOOD, 2017, p. 31).

Cora representa a parcela de mulheres gileadianas que estão a serviço do governo patriarcal e totalitário, para ela o que importa é seguir estritamente, sem curvas, as doutrinas extremistas que lhes são ensinadas, e se uma outra Martha precisa morrer para servir como exemplo, é exatamente isso que deve ser feito, as execuções por enforcamentos em praça pública, os fuzilamentos de pessoas em contraposição ao governo, até mesmo a escravização das Aias, para ela, são necessários para manter a ordem social e moral dos moradores de Gilead e não se subverterem. Esse tipo de conjuntura social pode ser visto em sociedades reais ao redor do mundo, como por exemplo, as mulheres (muitas estrangeiras) que abandonaram suas famílias para seguirem as doutrinas de alguns grupos extremistas como o grupo hijadista do Estado Islâmico (EI), que tem seu governo fundamentado na visão extrema da aplicação das leis religiosas islâmicas, ou “shaira”.

Santos (2013) explica que “é extensa a tipologia das formas de vida não cidadãs, desde a retirada, direta ou indireta, dos direitos civis à maioria da população, às fórmulas eleitorais engendradas para enviesar a manifestação da vontade popular, ao abandono de cada um à sua própria sorte” (SANTOS, 2013, p. 94), uma maneira de controlar e repelir uma suposta rebelião encabeçada por essas mulheres, retirar os direitos de cidadãs e fazê-las acostumarem-

se com o regime imposto. A obediência e a falsa crença na segurança, segundo Maquiavel (2010) é o caminho para a perpetuação do poder:

No entanto, quando as cidades ou as províncias estão acostumadas a viver sob um príncipe e o sangue deste é extinto, estando, de um lado, afeitas à obediência e, de outro, desprovidas do antigo príncipe, são incapazes de fazer um soberano, e viver livres não o sabem; de modo que demoram mais a rebelar-se, e com mais facilidade um príncipe pode batê-las e apossar-se delas (MAQUIAVEL, 2010, p. 50).

As mulheres de Gilead são proibidas de diversas tarefas como, por exemplo, escolher a própria roupa. Acessórios, perfumes, produtos de beleza e maquiagem também são proibidos. O que lhes é permitido são tarefas domésticas, num espaço físico e social restrito, como bordar e jardinar, para as Esposas, cozinhar e algumas outras tarefas domésticas para as Marthas e fazer compras ocasionais para as Aias. Porém, nenhuma delas pode sair sozinha. O direito de ir e vir foi praticamente banido de Gilead.

O Conto da Aia abarca múltiplos contextos históricos de diversas realidades e ficciona um mundo que ‘falhou’ e pode ser classificado como o oposto da utopia, uma distopia social também marcada por catástrofes ambientais e, portanto, por um ambiente pós-apocalíptico, a partir do ambiente desumanizado que traumatiza e violenta mulheres.

O romance questiona problemas reais que permeiam a sociedade em geral, sejam eles eventos do passado ou do presente, transfigurados em uma realidade futurista. Buchweit; Marques (2019) apresentam alguns exemplos de obras distópicas e defendem que elas:

Podem ser lidas como uma espécie de resposta, ou aviso, em relação as possíveis consequências político-sociais resultantes de alguns dos modelos de sociedade que prevaleciam na época. Os autores das obras supracitadas exploram, ao contrário do ideal utópico, um cenário majoritariamente pessimista, a fim de especular os prognósticos em relação ao futuro social e humano (BUCHWEIT; MARQUES, 2019, p. 10).

As mulheres de Gilead não têm direito à educação, as Universidades foram fechadas e as mulheres que sabem ler e escrever são proibidas de fazê-lo. Não podem ler nenhum livro, mas, principalmente, a Bíblia é estritamente proibida: “A Bíblia é mantida trancada, da mesma maneira como as pessoas antigas trancavam o chá, para que os criados não o roubassem. É um instrumento incendiário: quem sabe o que faríamos com ela, se puséssemos nossas mãos nela?” (ATWOOD, 2017, p. 107). Roland Barthes, em sua aula inaugural da cadeira de semiologia literária do *Collège de France*, verbera que a palavra, a língua, é poder, e substancia seu discurso afirmando que “o poder (a *libido dominandi*) aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando esta parte de um lugar fora do poder” (BARTHES,

2015, p. 5), daí a proibição da palavra escrita, da aprendizagem e do pensamento crítico em Gilead.

Leitura e escrita dão acesso ao conhecimento, por isso, em um regime autoritário uma de suas primeiras ações é destruir os livros que possam contradizê-lo e dificultar o acesso à educação. Barthes complementa sua reflexão e pontua que “a linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva” (BARTHES, 2015, p. 06). Para Barthes o poder existe entre as relações, todas elas. Em *O Conto da Aia* essa relação pode ser vista através do poder das Tias sobre as Aias, das Esposas sobre as Aias e dos Comandantes sobre as Aias, que estão na última camada da pirâmide social de Gilead.

O poder da palavra exercido sobre a vida dos indivíduos evoca ao discurso de Michael Foucault em sua aula inaugural também no *Collège de France (A Ordem do Discurso)*, em 2 de dezembro de 1970, momento que ele aproveita para instigar seus ouvintes aos questionamentos sobre o tema, ele faz indagações e levanta possíveis explicações para qual é o perigo de as pessoas falarem e qual o perigo de os discursos se multiplicarem, para tal, o autor argumenta que:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (FOUCAULT, 1970, p. 2).

Gilead torna impossível o acesso das mulheres à leitura e escrita podendo recitar a elas aquilo que há na Bíblia à sua maneira, mesmo que não seja exatamente aquilo que está escrito. Se as mulheres de Gilead tivessem contato com a Bíblia perceberiam que o que lhes ensinam não é exatamente aquilo que está escrito. Ler é poder, e conhecer o conteúdo da Bíblia permite interpretá-la, ou seja, ter o controle, o poder. Segundo Perrot (2007):

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades (PERROT, 2007, p. 11).

Barthes argumenta que o poder é um objeto exemplarmente político e ideológico e que está implícito nos lugares onde, de início, não era ouvido, mas que mesmo assim permanece uno: “O poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social [...] chamo discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe” (BARTHES, 2015, p. 6). Já Foucault (1988) define poder como:

A multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1988, p. 88).

Foucault afirma ainda que “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 89). Apenas as Tias têm permissão para ler a Bíblia, a elas é reservada a tarefa de passar os ensinamentos bíblicos para as Aias, mas apenas as passagens que são de interesse do novo regime. O romance de Atwood chama, assim, a atenção para o poder e a função da palavra, do discurso e da manipulação de narrativas para influenciar a forma como as Aias interpretam o mundo.

Essa posição reserva às Tias uma parte do poder permitido apenas aos homens, elas são consideradas mulheres fiéis e confiáveis para exercer tal função, mesmo que para o novo governo nenhuma mulher seja digna de confiança, como explica Offred na seguinte passagem do romance ao se referir às Tias: “não tinham arma de fogo, porém, nem mesmo elas mereciam confiança para portar arma de fogo. As armas eram para os guardas. Especialmente escolhidos entre os Anjos” (ATWOOD, 2017, p. 12).

Essa contradição é necessária, uma vez que as Tias são mulheres mais experientes, sagazes e possuem o poder da palavra e da argumentação para serem ouvidas. Quando a palavra não dá resultados outros métodos podem ser utilizados, incluindo violência física e até mesmo a execução. Paulo André Machado Kulsar, em seu texto *Desonra: o biopoder e a coerção sobre as mulheres*, afirma que:

As relações humanas sempre se basearam em poder. O poder de decidir quem tem direito a um bem ou a uma ação são intrínsecos ao funcionamento da sociedade. Se cada indivíduo pudesse tomar suas decisões arbitrariamente, sem se preocupar com aqueles que estão ao seu redor, a sociedade estaria condenada. Não haveria possibilidade de se estabelecer o convívio, uma vez que todos estariam em guerra contra todos (KULSAR, 2019, p. 65).

Kulsar amplia seu raciocínio e explica que “então, surgem aí duas figuras essenciais para a sociedade: a autoridade que tem legitimidade através da força e a autoridade coletiva, que se impõe através da organização social, motivada pelo sentimento de injustiça” (KULSAR, 2019, p. 65). Kulsar resume de maneira simples e sucinta as características básicas da relação e construção de poder em uma sociedade, que, aliás, pode ser identificado no romance de Atwood.

O Conto da Aia narra o início da instauração do novo governo de Gilead, portanto, tanto Offred como a maioria das mulheres submetidas ao novo regime sabem ler e escrever, porém, são obrigadas a abandonar tal prática e são pressionadas a fazer apenas trabalhos domésticos como, por exemplo, bordar, “esse é o tipo de detalhe de que eles gostam: arte folclórica, arcaica, feita por mulheres, em suas horas livres, de coisas que não têm mais utilidade. Um retorno aos valores tradicionais. Quem tudo economiza tem tudo que precisa” (ATWOOD, 2017, p. 15), e para tais práticas as mulheres não precisam perder tempo lendo e escrevendo.

Se as Aias perdem o contato com a escrita, conforme o tempo passa, elas podem esquecer ou ficar confusas com leituras que poderiam ter feito durante suas vidas antes do golpe instaurado, como as mulheres que já conheciam as escrituras bíblicas antes do novo regime.

Sabendo dessa fragilidade da mente humana o novo governo utiliza as Tias para doutrinar de forma distorcida as Aias utilizando alguns trechos da Bíblia fora de contexto, alguns nem são da Bíblia e são utilizados como se fossem retirados das escrituras sagradas, como por exemplo, a frase: “*que cada uma dê, diz o slogan, de acordo com sua capacidade; para cada um de acordo com suas necessidades*” (ATWOOD, 2017, p. 143).

Essa frase, tal qual como ela está descrita no romance, é uma adaptação de um princípio popularizado por Karl Marx que significa que cada um contribui para a sociedade de acordo com sua capacidade, habilidade, aptidão e inclinações e consome de acordo com suas necessidades. Essa frase é utilizada como passagem da Bíblia pelas Tias para ensinarem as Aias que seu papel e vocação dada por Deus é o de serem apenas procriadoras de Gilead, essa seria uma missão divina.

Offred narra que as Aias são obrigadas a repetirem essa frase religiosamente todos os dias para que elas sejam convencidas de seu destino divino: “recitávamos isso, três vezes, depois da sobremesa. Era da Bíblia, ou pelo menos diziam que era. São Paulo de novo, em Atos” (ATWOOD, 2017, p. 143).

A frase original de Karl Marx: “*de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades*”¹⁸, aparece em uma carta chamada “Crítica ao Programa de

¹⁸ Na fase superior da sociedade comunista, quando houver desaparecido a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, o contraste entre o trabalho intelectual e o trabalho manual; quando o trabalho não for somente um meio de vida, mas a primeira necessidade vital; quando, com o desenvolvimento dos indivíduos em todos os seus aspectos, crescerem também as forças produtivas e jorrarem em caudais os mananciais da riqueza coletiva, só então será possível ultrapassar-se totalmente o estreito horizonte do direito burguês e a sociedade poderá inscrever em suas bandeiras: **De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades** (MARX, p. 7, 2001, grifo meu).

Gotha”, enviada pelo autor para o grupo da social-democracia alemã pouco antes da reunião de unificação dos dois partidos socialistas alemães no Congresso de Gothan, que aconteceu na cidade de Gota, Alemanha, em 1875. Na missiva publicada por Friedrich Engels na revista *Neue Zeit* em 1891, Marx faz uma crítica aniquiladora do programa, talvez seja o discurso mais completo do filósofo alemão sobre assuntos revolucionários, como por exemplo, a ditadura do proletário e o partido da classe operária.

Na visão marxista essa distribuição entre dar e receber de acordo com o que cada um produz e necessita só é possível devido a abundância de bens e serviços que uma sociedade socialista desenvolvida é capaz de produzir, onde há o suficiente para a necessidade de cada um. O propósito dessa máxima é abolir o trabalho assalariado, a sujeição dos trabalhadores a classe capitalista, burocrata e Estado. Vê-se que, a frase não tem nenhuma ligação religiosa, como é pregado pelas Tias em Gilead. Federici alega que:

Embora Marx fosse profundamente consciente do caráter criminoso do desenvolvimento capitalista — sua história, declarou, “está escrita nos anais da humanidade com letras de sangue e fogo” —, não cabe dúvida de que considerava isso como um passo necessário no processo de libertação humana (FEDERICI, 2017, p. 27).

O fato de Gilead utilizar essa frase marxista parodia esse mesmo regime, que nem sequer cristão é, apesar de se autocaracterizar como tal. Na verdade, o nome de Cristo não é citado em nenhum momento durante a narração do romance, salvo apenas em exclamações do dia-a-dia em que o nome de Jesus é citado de forma automática e sem nenhum significado relevante, como, por exemplo: “**Ah, disse ele, Ah, Jesus**, uma exalação de assombro maravilhado” (ATWOOD, 2017, p. 154, grifo meu).

Gilead tem sua religião própria, uma doutrina que utiliza recortes de vários livros e pensadores que são empregadas à sua maneira, mas não é necessariamente uma sociedade cristã, muito menos uma sociedade comunista, uma vez que um dos principais princípios comunistas é a não existência de classes, e Gilead tem sua estrutura social totalmente pautada na divisão de classes. Isto demonstra como a linguagem é utilizada para fins específicos, logo, as opiniões da elite tornam-se verdades absolutas e distorcidas que não autorizam qualquer contradição.

Em Gilead, Deus é utilizado para reprimir. As mulheres não podem ter esperança, pois a esperança pode causar rebelião e desobediência. Compagnon argumenta que a experiência e o exemplo guiam a conduta melhor do que as regras, mas a experiência depende do acaso: “Só resta, pois, o exemplo que possa servir de regra a muitas pessoas no exercício da virtude” (COMPAGNON, 2009, p. 32).

Um exemplo de regras e consequências da desobediência em *O Conto da Aia* são as execuções públicas por enforcamento, que eles chamam de “*Salvamento*”, e na passagem em que várias Aias são levadas a executarem um ex-Guardião acreditando que ele seria um estuprador em um ritual chamado de “*Participunção*”. Offred narra o discurso de Tia Lydia, uma espécie de Tia suprema entre as Tias, em que ela condena o rapaz pelo suposto estupro:

— Este homem — diz tia Lydia — foi condenado por estupro. — A voz dela treme de raiva, e de uma espécie de triunfo. — Um dia foi um Guardião. Ele envergonhou seu uniforme. Abusou de seu posto de confiança. Seu parceiro de depravação já foi fuzilado. A pena para estupro, como sabem, é a morte. Deuterônimo 22:23-29. Eu poderia acrescentar que seu crime envolveu duas de vocês e foi cometido à mão armada. Também foi brutal. Não ofenderei seus ouvidos com quaisquer detalhes, exceto para dizer que uma mulher estava grávida e o bebê morreu (ATWOOD, 2017, p. 327-328).

Na verdade, o ex-Guardião não era um estuprador, ele era um “traidor” do governo que ajudava as Aias a fugir de Gielad. A fúria das Aias ao acreditar que aquele homem era culpado fizeram-nas agir por impulso e atacar um inocente, como é descrito na seguinte passagem do romance em que Ofglen explica para Offred porque atacou o acusado antes das outras Aias:

— Eu vi o que você fez — digo-lhe. Agora estou começando a sentir de novo: choque, ultraje, náusea. Barbárie. — Por que fez aquilo? Você! Pensei que você...
— Não olhe para mim — diz. — Elas estão observando.
— Não me importo — digo. Minha voz está se elevando. Não consigo impedir.
— Trate de se controlar — ordena. Finge estar limpando minha roupa, meu braço e ombro, trazendo o rosto para perto de minha orelha. — Não seja burra. Ele não era um estuprador coisa nenhuma, era um preso político. Era um dos nossos. Eu o fiz perder os sentidos. Para poupá-lo de mais sofrimento. Você não sabe o que estão fazendo com ele? Um dos nossos, penso. Um Guardião. Parece impossível. (ATWOOD, 2017, p. 329-330).

O governo utiliza da própria vivência das Aias como subalternas e escravas para convencê-las de que aquele homem é culpado, pois atinge o sentimento delas de serem estupradas mensalmente por seus Comandantes, o discurso faz com que elas descarreguem sua fúria acumulada, sua raiva contida todas as vezes que são obrigadas a se deitarem com eles.

Ao afirmar que a Aia estuprada pelo suposto estuprador estava grávida e perdeu a criança por consequência do abuso, o coletivo das Aias ali presentes no ritual perde o controle e ataca o homem, como se fosse um animal a ser abatido, acendendo a chama mais animalesca e primitiva dentro delas.

No prefácio do texto “*Pode o subalterno falar?*” a tradutora Sandra Regina Goulart Almeida simplifica as palavras de Spivak dizendo que “a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p.

15), e essa é uma possível justificativa para o comportamento descontrolado das Aias ao atacarem e assassinarem o suposto estuprador.

As Aias não possuem voz, são obrigadas a se calarem diante do sistema e quando são colocadas em uma posição em que elas têm o poder sobre a sentença de um homem que teoricamente violentou uma Aia, a violência se torna a única forma de punição que elas encontraram para se expressarem, levando em consideração que a violência e a morte são os únicos artifícios de penitência conhecidos nessa nova estrutura governamental. Segundo Garcia; Souza (2015) “para a sociedade, a mulher só não é uma intrusa se tiver atitudes de submissão ao discurso dominante patriarcal; se a mulher reagir, poderá ser vítima de violência a qual se baseia na desigualdade de gênero construída culturalmente” (GARCIA; SOUSA, 2015, p.1000). Já Woolf alega que “eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se” (WOOLF, 1985, p. 45).

Spivak defende que “a mulher subalterna se encontra em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero” (SPIVAK, 2010, p. 15). Por consequência, a mulher é levada a lidar com tais situações de acordo com as possibilidades que lhe são ofertadas, assim como se verifica no romance de Atwood.

Introduzido o contexto histórico-social do romance, é necessário pontuar que o fazer literatura pode ultrapassar os limites da leitura por pura fruição e torna-se um instrumento de informação, questionamentos e resistência. Kulsar exprime esse poder revolucionário exercido pela literatura da seguinte forma:

Ao desafiar o poder constituído e contestar suas imposições, a literatura assume a possibilidade de trabalhar uma nova forma de poder: a transformação das convicções do leitor, muitas vezes de forma sutil e imperceptível, mas efetiva. Ao se identificar com um personagem ou rejeitá-lo, o leitor pode passar a assumir posturas ideológicas de acordo com a imagem construída daquele personagem (KUISAR, 2019, p. 64).

Numa sociedade em que não existe mais universidades, o poder do conhecimento foi eliminado e os verdadeiros nomes dos indivíduos são mudados para anular quem um dia eles foram, Offred segue em busca de reencontrar a si mesma, de descobrir motivos para acreditar que ainda está viva e que seu destino pode ser diferente, ela busca a esperança que o governo de Gilead tenta apagar a qualquer custo.

Dentro das limitações impostas pelo novo governo de Gilead está a eliminação do sexo por prazer, que dá lugar ao sexo ortodoxo, mecânico, ritualizado, reprodutivo e violento e

utiliza a religião como chave-mestra para legitimar a anulação do ato sexual e a ação individual da mulher, tema que será explorado no próximo subcapítulo.

2.3 A historicização do poder puritano sobre os corpos

“Todo mundo tem uma vida sexual. O problema é saber de que ela consiste, isto é, que formas toma a libido sob a dupla influência da repressão e do erótico, que mais ou menos abertamente existem em todas as culturas; como, então, o desejo sexual é estruturado, em que medida ele atinge seus fins, e o que resulta para o sujeito e para os objetos de seu desejo” (FLANDRIN, 1981. p. 09).

Após o golpe de estado, os denominados Filhos de Jacó instituem regras morais e leis coercitivas que anulam a interação sexual entre os moradores de Gilead, o sexo por prazer. O sexo passa a fazer parte de um acordo social, com o propósito de resguardar o crescimento da natalidade e a preservação da instituição familiar através da utilização dos preceitos bíblicos. Busca-se com este subcapítulo explorar as consequências dessas leis no cotidiano das mulheres de Gilead, sobretudo as Aias, através da análise feita acerca da personagem principal e sua relação com o sexo, e qual sua conduta a respeito dessa coibição, uma vez que as Aias são as procriadoras de Gilead e para isso precisam coabitar com os Comandantes, e com eles manter relações sexuais em um ritual alcunhado de Cerimônia.

Sarah R. Morrison (2000) explica que Margaret Atwood rompe com a forma convencional dos romances tradicionais sobre casamento, namoro e família, de forma crua, para satirizar a trama do casamento, e, ao mesmo tempo, utiliza uma crítica consciente para desenvolver esse tema. Para Sarah (2000), Atwood sai desse padrão popular romanesco para entrar na questão de se é mesmo possível romper com a tradição para escapar das histórias limitadas e limitantes do passado. Nessa perspectiva, analisar o comportamento de Offred perante a proibição do sexo proporciona o entendimento da relação social entre o sexo e as mulheres de Gilead, em especial as Aias.

Em *O Conto da Aia*, o domínio sobre a sexualidade humana pode ser percebido na extinção do sexo por prazer no casamento. No novo regime, o sexo é permitido única e exclusivamente para a procriação. É estabelecido um ritual que deve ser rigorosamente seguido, qualquer outra utilização do sexo é considerada fora da lei e deve ser devidamente punida. Michel Foucault, em *A História da Sexualidade I*, analisa a relação da sociedade e o pudor, o sexo, a relação entre os corpos e como era fluida a conexão entre sociedade e o prazer da carne no início do século XVII:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa fraqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticências excessivas e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam” (FOUCAULT, 1988, p. 9).

A extinção do sexo em Gilead pode ser explicada através do seguinte trecho do romance, quando Offred conversa com o Comandante em seu escritório e ele justifica a eliminação do sexo por prazer. Na ocasião, ele explica que o sexo estava sendo banalizado, algo que prejudicava e, possivelmente, extinguiu a tradicional instituição familiar:

Não estou falando a respeito de sexo, diz ele. Aquilo era parte do problema, o sexo era fácil demais. Qualquer um podia apenas comprá-lo. Não havia nada por que trabalhar, nada por que lutar. Temos as estatísticas daquela época. Você sabe a respeito de que eles mais estavam se queixando? Incapacidade de sentir. Os homens estavam perdendo o interesse pelo sexo. Perdendo o interesse pelo casamento (ATWOOD, 2017, p. 250).

Offred retruca o Comandante, como se ele estivesse contando uma fábula ou um conto de fadas onde o sexo entre os personagens é retirado da história contada, “Eles sentem agora?, pergunto. Sim, diz ele, olhando para mim. Sentem” (ATWOOD, 2017, p. 250). De acordo com Foucault, a partir do século XIX, sobretudo na era Vitoriana, o puritanismo (sexual) é exacerbado:

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade, é então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa o discurso. E se o estereótipo insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse *status* e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Federici reforça essa supervisão acerca do sexo e explica que:

Essa supervisão sexual aumentou no século XII, quando os concílios de Latrão de 1123 e 1139 lançaram uma nova cruzada contra a prática corrente do casamento e do concubinato entre os clérigos, e declararam o matrimônio como um sacramento cujos votos não podiam ser dissolvidos por nenhum poder temporal. Nesse momento, foram reiteradas também as limitações impostas pelos penitenciais sobre o ato sexual (FEDERICI, 2017, p. 81).

Assim como descrito por Foucault e Federici, em *O Conto da Aia* o sexo é banido e é permitido apenas para procriação, é estrito ao quarto do casal, os corpos se tornaram sinônimos de luxúria e pecado e devem ser cobertos, ou seja, encena-se o que Foucault denomina de *Psiquiatrização do prazer perverso*:

O instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fez-se uma análise clínica de todas as formas de anomalias que podem afetá-lo; atribui-se um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Segundo Barthes, “Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo” (BARTHES, 1987, p. 8). Offred entra no jogo do Comandante quando ele a convida para ir a seu gabinete às noites, a sedução é sua carta coringa, o sexo, a conjunção carnal.

Mas como encaixar o Comandante nisso, na forma como ele existe em seu estúdio, com seus jogos de palavras e seu desejo, de quê? De que se brinque com ele, de ser gentilmente beijado, como se eu quisesse de verdade. Sei que preciso levar isso a sério, o seu desejo. Poderia ser importante, poderia ser um passaporte, poderia ser meu cadafalso. Preciso ser séria, convicta, com relação a isso, preciso ponderá-lo (ATWOOD, 2017, p. 174).

Offred sabe que é um jogo perigoso, mas se recuar perderá a chance de contornar a pontuação da jogada, que para ela, até o momento, estava desfavorável, mas agora tem um truque na manga, a sedução. É através do jogo da encenação (*performance*) sedução, e eventualmente do sexo, que Offred consegue eliminar cada etapa de sua condição subservil e, finalmente, cruzar as fronteiras de Gilead, rumo a uma nova vida, livre, no Canadá. Debergé (2011) pontua que:

É fato que as interpretações mais arcaicas da sexualidade coincidem sempre com uma sacralização da sexualidade. Elas correspondem a um mundo cultural em que a sexualidade, a fecundidade e a procriação eram tão misteriosas quanto as sementes que germinam do solo, a alternância das estações do ano, a chuva que fertiliza a terra, o amanhecer do dia e o pôr do sol etc. (DEBERGÉ, 2011, p. 13).

Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina* versa sobre as estruturas de poder e suas relações com o sexo. Ele chama a atenção para a necessidade de se perguntar “quais são os mecanismos *históricos* que são responsáveis pela *des-historicização* e pela *eternização* das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes” (BOURDIEU, 2012, p. 4). Ele acrescenta ainda que:

Colocar o problema nestes termos é marcar um progresso na ordem do conhecimento que pode estar no princípio de um progresso decisivo na ordem da ação. Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola, e também, em uma outra ordem, o esporte e o jornalismo (estas noções abstratas sendo simples designações estenográficas de mecanismos complexos, que devem ser analisados em cada caso em sua particularidade histórica) é reinserir na história e, portanto, devolver à

ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (e não, como quiseram me fazer dizer, tentar parar a história e retirar às mulheres seu papel de agentes históricos) (BOURDIEU, 2012, p. 4).

Em contrapartida, Thomas E. Woods Jr. (2008) aborda a construção dos dogmas da igreja católica na civilização ocidental e, para ele, ao contrário do que é ensinado nas escolas de ensino médio que resume seu ensino sobre a influência da igreja apenas em três palavras: ignorância, repressão e estagnação, Woods Jr. explica que a influência da igreja católica vai muito além disso, para ele a igreja católica construiu a civilização ocidental e alega que “ninguém fez o menor esforço por mostrar-lhe que a civilização ocidental deve à Igreja o sistema universitário, as ciências, os hospitais e a previdência, o direito internacional, inúmeros princípios básicos do sistema jurídico, etc. etc.” (WOODS JR. 2008, p. 5). O autor assegura que devemos muito mais à igreja católica do que até os próprios católicos imaginam:

Como nem é preciso dizer, o Ocidente não deriva apenas do catolicismo; ninguém pode negar a importância da antiga Grécia e de Roma, ou das diversas tribos germânicas que sucederam ao Império Romano do Ocidente, como elementos formadores da nossa civilização. E a Igreja não só não repudiou nenhuma dessas tradições, como na realidade aprendeu e absorveu delas o melhor que tinham para oferecer (WOODS JR. 2008, p. 5).

É verdade que a Igreja católica construiu importantes pilares para o desenvolvimento da civilização ocidental, porém, é necessário lembrar que as três palavras renegadas por Woods também fazem parte da história da igreja católica e que exercem influência sobre a sociedade até os dias atuais, principalmente sobre as mulheres. Pierre Debergé, em seu livro *O Amor e a Sexualidade na Bíblia*, resume a relação da sexualidade com a religião e afirma que:

Desde sua chegada a Canaã, no século XII a.C., os descendentes de Abraão, de Isaac e de Jacó confrontaram-se com esse paganismo agrícola, em que a religião e a sexualidade estavam estreitamente ligadas. Como muitos outros povos, os cananeus viviam em um universo celeste habitado por inúmeras divindades que eles consideravam depositárias da fecundidade e da fertilidade. Algumas eram machos, outras eram fêmeas, e a ação delas sobre a natureza e sobre os seres humanos estava ligada à sua atividade sexual. Eram representadas com atributos sexuais — imagens fálicas, touros em ereção ou seios abundantes. Eram adoradas nos templos, nos lugares sagrados, lá onde sua proteção era mais necessária, como nos campos e nas vinhas. A elas ofereciam-se os frutos do campo ou do trabalho e, às vezes, até mesmo as crianças. Em benefício próprio, do gado, da terra ou da família, tentava-se extorquir-lhes a vitalidade por meio de ritos sempre muito parecidos com a magia. Às vezes, recorriam-se a prostitutas sagradas. Em especial nas festas sazonais, os santuários transformavam-se em verdadeiros centros de prostituição, tanto sagrada como profana (DEBERGÉ, 2011, p. 14).

Foucault (1988) afirma que “deve-se falar de sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação do lícito e do ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção” (FOUCAULT, 1988. p. 27). As mulheres são colocadas em um lugar de subordinação devido à crença cega de alguns membros da religião cristã

ocidental, e isso ocasionou durante séculos um forte atraso no que diz respeito ao tratamento de igualdade sobre as mulheres, e, como retrata Spivak, “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 14). Em *O Conto da Aia*, as Tias são responsáveis por propagar os ensinamentos (subvertidos) bíblicos às Aias, isso inclui a forma como as Aias devem se comportar em relação ao sexo.

Homens são máquinas movidas a sexo, dizia tia Lydia, e não muito mais. Eles querem apenas uma coisa. Vocês têm que aprender a manipulá-los, para o bem de si mesmas. Levá-los pelo nariz para onde quiserem; isso é uma metáfora. É a maneira como funciona a natureza. É o plano de Deus. É a maneira como são as coisas. Tia Lydia não dizia isso na verdade, mas estava implícito em tudo que ela de fato dizia. Pairava acima de sua cabeça, como os lemas em dourado nos resplendores sobre os santos, de eras mais obscurantistas. Como eles também, era angulosa e descarnada (ATWOOD, 2017, p. 174).

Debergé explica que “na Bíblia não há um “tratado” sobre sexualidade” (DEBERGÉ, 2011, p. 13), e que para compreender a relação da Bíblia com o sexo primeiro é preciso apreender o contexto em que ela foi escrita e seus aspectos linguísticos, literários e históricos:

Descrever a maneira como a Bíblia concebe o amor e a sexualidade não é tarefa fácil, pois a Bíblia fala de pessoas que viveram em épocas diferentes e evoluíram com o tempo. Também são diferentes, na Bíblia, os gêneros literários que evocam o amor ou a sexualidade; e a linguagem não é a mesma, considerando-se que se trata de relatos, leis, poemas, exortações proféticas ou provérbios. No entanto, trata-se, sempre, de homens e mulheres que amam, odeiam, são tomados por sentimentos de ciúme e medo, pela felicidade devida à fecundidade ou pelo pavor devido à esterilidade, pela preocupação com o futuro de suas famílias ou de seu povo (DEBERGÉ, 2011, p. 13).

Jean-Louis Flandrin faz uma resenha crítica acerca da doutrina cristã do casamento, utilizando como base o livro de John T. Noonan, *Contraception et Mariage* (1969). Flandrin discursa, principalmente sobre a formação da doutrina tradicional durante os primeiros séculos de nossa era e sua transformação radical no século XX. Ele aponta que:

Do século II ao XX, a pesquisa do prazer sexual é vigorosamente condenada, e o que nós chamamos amor permanece mais ou menos estranho à problemática cristã do casamento. Este, todavia, é admitido, sacramentalizado, firmemente defendido contra aqueles que só vêem nele fornicção. É que ele difere radicalmente, não só por sua indissolubilidade, mas por seus fins. A fornicção é busca do prazer, o casamento é dever de procriação. E toda busca do prazer no casamento faz da união um adultério (FLANDRIN, 1981. p. 59).

Federici afirma que “a tentativa eclesiástica de regular o comportamento sexual tem uma longa história na Europa” (FEDERICI, 2017, p. 80). A autora continua explicando que “desde tempos muito antigos (depois que o cristianismo se tornou a religião estatal no século IV), o clero reconheceu o poder que o desejo sexual conferia às mulheres sobre os homens e

tentou persistentemente exorcizá-lo, identificando o sagrado com a prática de evitar as mulheres e o sexo” (FEDERICI, 2017, p. 80).

O Casamento em *O Conto da Aia* é uma instituição indissolúvel, o sexo é tratado como um acordo forçado e violento entre o casal e a Aia. A doutrina bíblica interfere diretamente na vida sexual de toda a sociedade e o nome de Deus é utilizado para fortalecer a crença e o medo da desobediência. Flandrin complementa seu pensamento com a seguinte afirmação:

Entre esses dois momentos, sobre 17 ou 18 séculos, há uma estabilidade. Não, por certo, o imobilismo, visto que padres da Igreja e teólogos medievais deram forma a essa doutrina, enriqueceram-na, justificaram-na sem hesitar, mesmo pondo às vezes em discussão as suas bases fundamentais (FLANDRIN, 1981. p. 59).

Para agregar as palavras de Flandrin ao romance aqui estudado, pode ser usado como exemplo a passagem em que Offred é recebida pela Esposa de seu novo Comandante, Serena Joy. A Esposa procura deixar claro que a relação a três não passa de um acordo, um negócio, e assim como todo acordo existem regras, limites que devem ser seguidos à risca, e mais, que ela, a Esposa, é quem dita tais regras. Existe, portanto, um rígido contrato moral entre eles, no qual os direitos da Aia objetificada não são considerados:

No que me diz respeito, isto é uma transação comercial, um negócio. Mas se me trouxer problemas, darei o troco na mesma moeda, também lhe darei problemas. Está me entendendo?

Sim, senhora, respondi.

Não me chame de senhora, disse ela com irritação. Você não é uma Martha.

Não perguntei de que eu deveria chamá-la, porque podia ver que ela esperava que eu nunca tivesse a oportunidade de chamá-la de coisa nenhuma [...] Quanto a meu marido, disse ela, ele é apenas isso. Meu marido. Quero que isso fique perfeitamente claro. Até que a morte nos separe. É definitivo.

Sim, senhora, respondi de novo, me esquecendo (ATWOOD, 2017, p. 25).

Em *O Conto da Aia* o sexo por prazer é proibido, porém, como em qualquer outra forma de governo, o fato de proibir não significa que as Aias ou qualquer outro indivíduo não sinta desejos, o prazer do sexo e da sedução é instintivo, como quando Offred e sua companheira Ofglen passam pela barreira dos Guardiões e precisam apresentar seus *identipasses*, Offred começa a ter pensamentos lascivos a respeito dos dois guardiões que fazem a guarita:

E se eu viesse aqui à noite, quando ele estivesse montando guarda sozinho – embora nunca lhe fosse permitida tanta solidão – e permitisse que ele visse para além de minhas abas brancas? E se eu tirasse minha mortalha vermelha e me mostrasse a ele, a eles, sob a luz bruxuleante das lanternas? (ATWOOD, 2017, p.32).

Para Offred, imaginar que os guardiões sentem desejo por ela é um gesto de poder e de se humanizar, ao mesmo tempo um ato de rebeldia e uma maneira de ainda se sentir mulher,

uma mulher atraente que, mesmo com todas as mudanças drásticas acontecidas em seu país, ainda é capaz de despertar a libido dos homens. Como é demonstrado na seguinte passagem:

Sei que estão nos observando, esses dois homens que ainda não têm sequer permissão para tocar em mulheres [...] eu remexo um pouco os quadris, sentindo a saia vermelha rodada balançar ao meu redor. É como dar uma banana quando se está atrás de uma cerca ou atijar um cachorro com um osso mantido fora do alcance [...] Aprecio o poder, o poder de um osso de cachorro, passivo, mas presente. E espero que fiquem de pau duro ao nos verem e que tenham que se esfregar contra as barreiras pintadas, às escondidas [...] Agora não dispõem mais de qualquer meio para dar vazão, exceto por si próprios, e isso é um sacrilégio. Não existem mais revistas, não existem mais filmes, não existem mais substitutos, só eu e minha sombra se afastando dos dois homens (ATWOOD, 2017, p. 33).

Offred se diverte com pequenos acontecimentos como esse, a possibilidade de flertar, de desobedecer as regras, mesmo que seja algo tão pequeno, é para ela uma maneira de enfrentar o governo autoritário que impõe regras sobre seu corpo e sua libido:

É um acontecimento, um pequeno desafio às regras, tão pequeno a ponto de ser indetectável, mas momentos como esse são as recompensas que guardo para mim mesma, como as balas que juntava escondida, quando criança, no fundo de uma gaveta. Momentos como esse são possibilidades, minúsculos olhos mágicos (ATWOOD, 2017, p. 32).

Apesar de ser proibido, o sexo está sempre presente, pois há uma necessidade de sentir prazer, paixão e contato humano, como quando a narradora está consciente do seu poder enquanto símbolo do sexo proibido para os homens de Gilead: “Somos secretas, proibidas, nós os excitamos” (ATWOOD, 2017, p. 41) Offred pensa isso quando o grupo de turistas japoneses que estão em excursão por Gilead a observa. Sobre a proibição do sexo por prazer pela Igreja católica, Federici fala sobre a tentativa da Europa do século IV de expulsar das mulheres qualquer relação entre elas e a liturgia do sexo:

Expulsar as mulheres de qualquer momento da liturgia e do ministério dos sacramentos; tentar roubar os poderes mágicos das mulheres de dar vida ao adotar trajes femininos; e fazer da sexualidade um objeto de vergonha — esses foram os meios pelos quais uma casta patriarcal tentou quebrar o poder das mulheres e de sua atração erótica (FEDERICI, 2017, p. 90).

Carl Gustav Jung (1980) argumenta que “o processo cultural consiste na repressão progressiva do que há de animal no homem; é um processo de domesticação que não pode ser levado a efeito sem que se insurja a natureza animal, sedenta de liberdade” (JUNG, 1980. p. 18). Dentro dessa perspectiva, a sociedade dita as regras que todos devem seguir, julga e pune quem não se encaixa e segue à risca esses parâmetros por ela proferida.

Coagir e controlar a vida sexual da população também é uma forma de poder, muitas vezes eficaz para quem possui o controle, uma vez que o Estado e a religião interferem na

rotina sexual da população e no domínio do indivíduo sobre seu próprio corpo, sobre seus mais primitivos instintos humanos, o sexo. Um exemplo de controle exercido sobre a vida sexual de uma população na sociedade atual são as medidas rígidas de controle de natalidade estabelecidas na China desde a década de 70 até meados de 2015, em que cada casal do país, por lei, deveria ter apenas um filho, exercendo poder estatal não apenas sobre a taxa de natalidade do país, mas também sobre a rotina sexual dos cidadãos chineses. Barthes (2015) explica que o poder é exercido de múltiplas formas e está presente em todo e qualquer mecanismo da sociedade:

O poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo: chamo discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe (BARTHES, 2015, p. 6).

Em *O Conto da Aia* essa busca pelo controle da natalidade se deve também pela queda da natalidade e o envelhecimento crescente da população. Arbo; Marques (2019) complementam essa argumentação e reiteram que as Aias:

São forçosamente destituídas de suas vidas e identidades prévias para se tornarem propriedade do Estado e distribuídas a seu critério. O seu bem-estar importa apenas na medida em que estejam fortes o suficiente para executarem sua função de geradora; sua subjetividade é anulada por uniformes, por interação intersubjetiva limitada e por uma total privação da liberdade (ARBO; MARQUES, 2019, p. 165).

Arbo; Marques continuam sua afirmação e dizem que, “As Aias, portanto, se encontram em um limbo da (ine) existência social, impossibilitadas tanto de participar daquela sociedade quanto de formar qualquer sociedade. Instrumentalizadas em função de sua capacidade reprodutiva em prol de um bem maior” (2019, p. 165).

O governo de Gilead precisa de renovação da sua população e mão de obra jovem para que a engrenagem do país não pare de funcionar e seu poder perpetue por mais tempo. Prévošt explica: “é que não sendo os preceitos da moral mais do que princípios vagos e gerais, será muito difícil aplicá-los na especialidade aos costumes e às ações humanas”. (PREVÓŠT, 2002, p. 10) Prévošt continua seu raciocínio e defende que, “ora, a experiência não é vantagem de que todos disponham e que todos mesmo possam usar; ela depende das situações diferentes, em que cada um se acha colocado, conforme a sua fortuna. Não resta mais do que o exemplo a servir de norma no exercício da virtude” (PREVÓŠT, 2002, p. 11). O que remete aos fenômenos da acumulação primitiva através da perspectiva das mulheres elucidados por Federici, são eles:

i) O desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. E, o que é mais importante, coloquei no centro da análise da acumulação primitiva a caça às bruxas dos séculos XVI e XVII: sustento aqui que a perseguição às bruxas, tanto na Europa quanto no Novo Mundo, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras (FEDERICI, 2017, p. 26).

Um país com uma população envelhecida como Gilead não prospera economicamente e aumenta seus gastos com saúde, previdência privada, conseqüentemente a arrecadação de impostos diminui prejudicando economicamente o modelo estatal. É o que Foucault chama de *Socialização das condutas de procriação*:

Socialização econômica por intermédio de todas as incitações, ou freios, à fecundidade dos casais, através de medidas “sociais” ou físicas; socialização política mediante a responsabilização dos casais relativamente a todo corpo social (que é preciso limitar ou, ao contrário, reforçar), socialização médica, pelo valor patogênico atribuído às práticas de controle de nascimentos, com relação ao indivíduo ou à espécie (FOUCAULT, 1988, p. 99).

Daí a necessidade de Gilead preservar, a todo custo, a tradição do casamento, pois o enfático controle da fertilidade vai muito além do discurso pregado sobre preservação das tradições familiares e seguimento reto das escrituras sagradas. É uma manobra de manutenção e preservação do poder através da manipulação forçada. A escravização das Aias foi a forma mais viável e barata para Gilead atingir o objetivo de perpetuação do poder, uma vez que tal manobra custa muito pouco, ou quase nada, aos cofres do governo e a perpetuação da população e criação de mão de obra jovem é garantida através desse sistema. Foucault define esse controle social do poder como *O Ciclo da Interação*:

Não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa entre duas inexistências. (FOUCAULT, 1988, p. 81).

Na escala do poder é evidenciado o poder patriarcal exercido pelos homens sobre as mulheres, seja no âmbito social, profissional, econômico, sexual ou familiar, “mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão”

(FEDERICI, 2017, p. 27). As mulheres, mesmo que comparadas na mesma classe social que os homens e exercendo a mesma função, são tratadas como inferiores, “em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural” (WOOLF, 1985, p. 45), fenômeno que Kulsar explica da seguinte forma:

Além do poder oficial do governo, que desenvolve dispositivos e discursos para aumentar o controle sobre os corpos, existe um outro nível de poder coercitivo, que não está ligado diretamente ao Estado, mas que é praticado em quase todas as sociedades conhecidas: o poder que os homens exercem sobre as mulheres. Aquilo que hoje é entendido como “machismo” foi naturalizado por milênios, as mulheres sendo consideradas o sexo frágil, recebendo a atribuição de cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, enquanto os homens deveriam prover a família de alimentos e proteção física. No contexto familiar, religioso, no trabalho, na escola, as mulheres sempre foram relegadas a um plano auxiliar, em que o homem comanda e a mulher ajuda ou não atrapalha (KULSAR, 2019, p. 67).

No romance, Offred narra a respeito do sentimento de liberdade que existia no passado para as mulheres em relação às pequenas atividades que elas poderiam exercer, e que não lhes é permitido em Gilead. Até a escolha da roupa que as mulheres vestiam é motivo de nostalgia para a narradora:

Penso a respeito de lavanderias de autoatendimento. O que eu vestia para ir a elas, shorts, jeans, calças de malha de corrida. O que eu punha nas máquinas: minhas próprias roupas, meu próprio sabão, meu próprio dinheiro, dinheiro que eu mesma ganhava. Penso sobre ter tanto controle (ATWOOD, 2017, p. 35).

O termo controle é constante nos pensamentos de Offred, controle sobre o direito de ir e vir, controle sobre suas finanças, sua roupa, seu corpo, sobre sua liberdade sexual, algo que já não lhe é permitido mais, controle sobre sua própria vida, “tudo pode acontecer quando a feminilidade tiver deixado de ser uma ocupação protegida” (WOOLF, 1985, p. 50). As manobras de controle sobre a sexualidade feminina são abordadas por Foucault da seguinte forma:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações de sexo: a idéia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não se explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, as diferentes idades e classes sociais (FOUCAULT, 1988, p. 98).

Essas relações de poder entre homens e mulheres levam a uma submissão feminina, devido vários fatores impostos, como por exemplo, aproveitamento de uma maior força física e submissão psicológica, ou até mesmo da própria posição de inferioridade determinada à mulher pela sociedade, como é encontrado na narração de Offred quando ela vai ao médico fazer os exames de rotina, que agora são obrigatórios às Aias, e é assediada pelo médico:

Meus seios são apalpados por sua vez, em busca de madureza, de podridão. A respiração chega mais perto [...] Então a voz, suave, bem baixa, perto de minha cabeça: [...] – Eu poderia ajudar você – diz ele. Sussurros. – O quê? – pergunto. Shh – diz ele. – Eu poderia ajudar você. Já ajudei outras. – Me ajudar? – pergunto, a voz tão baixa quanto a dele. Como? [...] – Como você acha? – diz ele, ainda mal murmurando as palavras. Será que aquilo é a mão dele, deslizando pela minha perna acima? Ele tirou a luva. – A porta está trancada. Ninguém vai entrar. Nunca saberão que não é dele [...] – A maioria desses velhos não consegue mais ter uma ereção e ejacular – diz ele. – Ou então são estéreis. Eu quase engasgo de espanto: ele disse uma palavra proibida. *Estéril*. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe, não oficialmente. (ATWOOD, 2017, p. 74-75).

Esta passagem do romance levanta outra questão relevante, o problema da infertilidade em Gilead não atinge apenas as mulheres, os Comandantes também podem ser inférteis devido a diversos fatores como: idade, problemas anteriores com cigarros e sedentarismo, mas, como é relatado pela narradora, a infertilidade é direcionada como sendo apenas um problema das mulheres, elas são consideradas inférteis, são obrigadas a ir no médico mensalmente para fazer *check-up* e, principalmente, elas são escravizadas e obrigadas a terem relações com esses homens em nome da fertilidade divina. Saffioti (2001) concebe a ideia de que “no exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio” (SAFFIOTI, 2001, p. 1). Já Foucault em seu texto *Vigiar e Punir* afirma que:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios (FOUCAULT, 1987, p. 195).

Os impulsos da sexualidade são testados e anulados a todo momento em Gilead, um olhar, um simples gesto que seja, e a tensão sexual precisa ser camuflada, pois a punição é a morte por perversão. Offred sente falta de seu marido, Luke, mas isso não a impede de olhar

para outros homens, aos poucos ela se permite, sentir seus desejos reprimidos, e passa a flertar com Nick, o motorista do Comandante. Em seu primeiro contato com o motorista ela o descreve da seguinte maneira:

Ele mora aqui, na casa da família, em cima da garagem. Tem baixo status: oficialmente não lhe foi concedida uma mulher, nem sequer uma. Não conseguiu se classificar para isso: tem algum defeito, falta de bons contatos. Mas age como se não soubesse disso, ou pouco se importasse. É demasiado informal, não é servil o suficiente. É possível que seja por burrice, mas não acredito. Não me cheira nada bem, costumavam dizer; ou: Me deixa com a pulga atrás da orelha, me cheira falso. Sem querer, não consigo deixar de pensar em como poderia ser o cheiro dele. Não um cheiro ruim, um fedor desagradável: pele bronzeada, úmida ao sol, coberta por uma película de fumaça. Eu suspiro, inalando (ATWOOD, 2017, p. 28).

Em seu primeiro contato, os dois se olham, mesmo sendo proibido contato visual entre eles. As Aias devem sempre esconder seus rostos e jamais falar com qualquer pessoa sem permissão, principalmente com um homem, pois até mesmo o ato de olhar, ou um simples piscar de olhos, é considerado perversão nessa sociedade. Offred descreve essa interação da seguinte maneira:

Ele olha para mim e me vê olhando. Tem um rosto francês, magro, forte, pouco comum, ligeiramente jocoso, cheio de planos e ângulos, com sulcos fundos ao redor da boca onde sorri. Dá uma tragada final no cigarro, deixa cair no pavimento e pisa nele. Ele começa a assobiar. Então pisca um olho. Baixo a minha cabeça e viro de modo que as abas brancas me escondam o rosto, e continuo a andar. Ele acabou de se arriscar, mas para quê? E se eu o denunciasses? Talvez estivesse apenas sendo amistoso. Talvez tenha visto a expressão em meu rosto e a interpretado erroneamente como sendo outra coisa. Na verdade, o que eu queria era o cigarro. Talvez tenha sido um teste, para ver o que eu iria fazer. Talvez ele seja um Olho (ATWOOD, 2017, p. 28).

Offred demonstra ainda preocupação em ser descoberta sobre seus flertes com Nick, ela sabe o que pode acontecer se as piscadelas e os assobios forem descobertos, pois podem ser enforcados. Nick também sabe que as Aias são proibidas para ele, “as penalidades por atividade sexual não autorizada com uma Aia eram severas, nem mesmo seu status de Olho necessariamente o protegeria” (ATWOOD, 2017, p. 365), porém, a tensão sexual entre os dois cresce demasiadamente e ambos se arriscam. A protagonista tenta decifrar os códigos enviados por Nick com bastante cautela, como é demonstrado por ela na seguinte passagem:

Na entrada para carros, Nick está lustrando o Tormentas de novo. Ele chegou ao cromado na traseira. Ponho minha mão enluvada no trinco do portão, abro-o, empurro para dentro [...] Nick levanta a cabeça e começa a assobiar. Então diz: — Boa caminhada? Faço que sim com a cabeça. Mas não respondo com minha voz. Ele não deveria falar comigo. É claro que alguns deles tentarão, dizia tia Lydia. Toda a carne é fraca. Toda a carne é erva, eu a corriji em minha cabeça. Eles não conseguem deixar de fazê-lo, dizia ela, Deus os fez assim, mas Ele não os fez assim. Ele os fez diferentes. Cabe a vocês impor os limites. Mais tarde receberão agradecimentos (ATWOOD, 2017, p. 57).

Offred lembra das palavras de Tia Lydia, mas ao mesmo tempo as recrimina em uma busca de legitimar seu desejo por Nick. Offred procura provas para confiar em Nick e não nas palavras ditas por Tia Lydia, algo que limpe sua consciência antes de tomar a decisão de aproximar-se dele ou não. Luis Fernando Soares (2001) aborda a dimensão psicológica da sexualidade humana da seguinte forma:

De qualquer ângulo que olhemos, ela se mostra presente em nosso cotidiano. Difícil passar um dia inteiro sem que ela cruze nosso pensamento. Seja porque somos bombardeados com informações e estímulos nesse sentido, seja porque nossos hormônios não nos deixam em paz. [...] Livros e mais livros foram escritos a respeito dela, peças de teatro foram encenadas, filmes foram produzidos, teorias psicológicas, baseadas exclusivamente nela, foram criadas. Entretanto, o assunto parece nunca se esgotar. É como se a sexualidade se recusasse a ser encarcerada, como se ela não coubesse em nenhuma das caixas onde tentamos pô-la (SOARES, 2011. p. 9).

A sexualidade é também omnipresente na obra de Atwood, e Offred tenta controlar seus impulsos por Nick, de certa forma ele a faz lembrar de seu marido Luke, que ela não sabe se ainda está vivo, mas que deseja reencontrar. Para tentar controlar seus instintos sexuais, Offred se recorda das palavras de sua amiga Moira, que também foi escravizada como Aia: “você não pode controlar o que sente, disse Moira certa ocasião, mas pode controlar como se comporta” (ATWOOD, 2017, p. 230).

Os estímulos da sexualidade são pulsantes em Offred, ela demonstra que tinha vida sexual ativa com seu marido Luke, e ela ainda sente estímulos eróticos ao olhar para Nick, os olhares ficam mais intensos e tentadores, e ambos acabam por se envolver sexualmente.

Mesmo com todas as proibições e punições estabelecidas, eles não resistem e Offred se arrisca ir até o quarto de Nick. A narradora busca uma relação diferente da que tem com o Comandante, por obrigação, por puro instinto de sobrevivência, com Nick é uma relação de desejo, próxima da que mantinha com o marido, como ela própria descreve:

Com o Comandante eu fecho os olhos, mesmo quando estou apenas dando-lhe o beijo de boa-noite. Não quero vê-lo de perto. Mas agora, aqui, a cada vez, mantenho os olhos abertos. Gostaria de uma luz acesa em algum lugar, uma vela talvez, enfiada numa garrafa, algum eco dos tempos de faculdade, mas qualquer coisa desse tipo seria um risco grande demais; de modo que tenho que me satisfazer com o holofote, seu brilho vindo do terreno gramado abaixo, infiltrado através das cortinas brancas de Nick, que são iguais às minhas. Quero ver o que pode ser visto dele, absorvê-lo, memorizá-lo, preservá-lo de modo que eu possa viver da imagem, depois: as formas de seu corpo, a textura de sua carne, o reluzir de suor em seus pelos, o rosto afilado, sardônico e enigmático. Eu deveria ter feito isso com Luke, prestado mais atenção, aos detalhes, aos sinais e cicatrizes, às rugas singulares, não o fiz e aos poucos ele está se apagando. Dia a dia, noite a noite, ele se retira e me torno mais descrente, mais infiel (ATWOOD, 2017, p. 317-318).

Offred mostra-se lúcida e consciente de suas atitudes, confia em Nick e se arrisca:

Estar aqui com ele é segurança; é uma caverna, onde nos aconchegamos juntos enquanto a tempestade continua lá fora. É uma ilusão, é claro. O quarto dele é um dos lugares mais perigosos em que eu poderia estar. Se fosse apanhada não haveria quartel. Mas está além de minhas forças me importar. E como passei a confiar nele assim, o que é temerário por si? Como posso presumir que o conheço, ou a mínima coisa a seu respeito e o que ele realmente faz? (ATWOOD, 2017, p. 318).

O envolvimento de Offred com Nick se torna, para ela, algo além do carnal, mesmo sem conhecê-lo e correndo o risco de ele ser um Olho infiltrado do governo. Pela primeira vez, a prisioneira sente que tem um confidente, alguém a quem ela pode mostrar sua verdadeira identidade:

Descarto esses sussurros incômodos. Eu falo demais. Conto-lhe coisas que não deveria. Conto a ele sobre Moira, sobre Ofglen; porém não sobre Luke. Quero contar a ele sobre a mulher em meu quarto, a que estive lá antes de mim, mas não faço. Tenho ciúmes dela. Se também estive aqui antes de mim, nesta cama, não quero ouvir falar (ATWOOD, 2017, p. 318).

Logo em sua primeira noite com Nick Offred revela segredos de seu passado que a fazem refletir sobre tal atitude, e expõe sua verdadeira identidade: “Digo-lhe meu verdadeiro nome, e sinto que, portanto, sou conhecida. Ajo como uma pateta ignorante. Deveria ter juízo suficiente para não fazer isso. Faço dele um ídolo, uma máscara de papelão” (ATWOOD, 2017, p. 318). Essa relação sexual é um gesto de transgressão a vários níveis, de conquista de conforto e de humanidade.

A adoração de Offred por Nick é tanta nesse momento que ela pensa em desistir de sua fuga para o Canadá e ficar em Gilead com ele, e quando ele propõe a ela ajuda para fugir ela pensa em negar a proposta: “o fato é que não quero mais partir, escapar, cruzar a fronteira para a liberdade. Quero estar aqui, com Nick, onde posso tocá-lo, tê-lo” (ATWOOD, 2017, p. 319). Este episódio ilustra a necessidade do ser humano para manter relações de intimidade e proximidade com outros seres humanos, sobretudo no deserto emocional de Gilead em que Offred recupera uma parte da sua identidade (que perdera) e da sua humanidade.

Mais tarde, existirá outro motivo para a ligação de sentimentos entre Offred e Nick ser tão forte. Offred revela a seu amante que está esperando um filho dele e que essa será uma ligação eterna entre eles:

Ponho a mão dele sobre a minha barriga. Aconteceu, digo. Sinto que sim. Mais duas semanas e saberei com certeza. Isso eu sei que é o desejo de que minha esperança se torne realidade. Ele amará você até a morte, diz ele. E ela também. Mas é seu, digo. Será seu, na verdade. Quero que seja. Contudo, não damos continuidade a isso (ATWOOD, 2017, p. 319).

A maternidade não é agora um ato violento, mas fruto do amor entre Nick e a narradora, que contrasta com o ritual traumático entre Aias e Comandantes. Para além da vontade de estar com Nick, Offred também sente medo da fuga, medo de ser pega e ser aniquilada pelo governo, até mesmo se mostra acomodada com sua atual condição. “Não posso, digo a Ofglen. Tenho medo demais. De qualquer maneira não saberia fazer isso direito. Seria apanhada” (ATWOOD, 2017, p. 319). Depois de seu envolvimento com Nick e a descoberta de sua gravidez Offred mostra não querer mais fazer tanto esforço para atingir seu primeiro objetivo, o de fugir de Gilead: “Eu mal me dou o trabalho de parecer lamentar, tornei-me tão preguiçosa (ATWOOD, 2017, p. 319). A maternidade e o consolo que encontra em Nick aliviam a Aia e apaziguam a sua pulsão de fuga, e o Canadá, que antes era sinônimo de liberdade e esperança, agora transforma-se em algo escusável.

As Aias “estão confinadas a um composto semelhante a uma prisão, com a finalidade de estarem disponíveis para terem relações sexuais com seus “Comandantes da fé” periodicamente”¹⁹ (MALAK, 2001, p. 9, tradução livre), e Offred tem consciência de sua condição, ela está lúcida e ciente das consequências de seus atos, mesmo assim prefere viver seus instintos e desejos em sua plenitude, pois só assim ela entende que está viva.

De acordo com Malak (2001) distopias como *O Conto da Aia* “dramatizam o eterno conflito entre a escolha individual e a necessidade: o indivíduo que se ressentido da substituição de sua vontade privada por decisões uniformitárias compulsórias feitas por uma máquina burocrática impessoal”²⁰ (MALAK, 2001, p. 10, tradução livre), que segundo Arbo; Marques “é o tema central na República de Gilead, onde indivíduos são destituídos de sua individualidade” (ARBO; MARQUES, 2019, p. 167).

Para descobrir sua identidade, sua individualidade, e se reconectar com quem um dia Offred imagina ter sido é necessário ultrapassar as barreiras geográficas limitantes estabelecidas pelo novo governo, pois o espaço político e também agora das emoções ilícitas é estritamente vigiado e controlado, impossibilitando qualquer tentativa de fuga, tema que será abordado no próximo capítulo.

¹⁹ Are confined to a prison-like compound in order to be available for periodically programmed sexual intercourse with their "Commanders of the Faith."

²⁰ dramatize the eternal conflict between individual choice and social necessity.

3 VIAGEM DO FEMININO EM *O CONTO DA AIA*: MOVIMENTO NO ESPAÇO CONTROLADO

“O desafio está em separar da realidade total um campo particular, susceptível de mostrar-se autônomo e que, ao mesmo tempo, permaneça integrado nessa realidade total” (SANTOS, 2006, p. 11).

O lugar onde se desenrola a trama, ou seja, onde as ações acontecem, não se reduz apenas ao que se entende como território físico. O espaço ficcional está diretamente ligado às ações das personagens, às suas emoções, identidade, sentimento de pertencimento, ao seu estatuto social e à compreensão de si mesmo. Em *O Conto da Aia*, o território político é violento para com a mulher, onde ela é mantida a força, e, logo, é opressor. De acordo com Marlene François Motta (2003), “são as relações que acontecem no espaço, que os caracterizam. Não há como separar as coisas das criaturas humanas, pois as coisas passam a ter significado a partir da importância, do uso, do valor que lhes é dado por alguém” (MOTTA, 2003, p. 43).

Compreender os lugares simbólicos da trama (lugares físicos, como casa, edifício, prisão, ruas, jardins), espaços de opressão (Gilead), ou liberdade (Canadá), é essencial para interpretar a obra em análise, entendendo os diferentes sentidos dados aos lugares pelos indivíduos nele inseridos. Gilead é um espaço de relativa liberdade para a maioria dos homens da elite e um espaço que aprisiona mulheres, algumas das quais olham para o Canadá como o espaço de uma vida digna, em liberdade. Santos explica que “na ausência de uma definição clara de espaço, mesmo a abundância de exemplos pode ter valor demonstrativo, mas não explicativo, do papel do lugar e do espaço no processo social [...]” (SANTOS, 2006, p. 10).

Ana Regina Vasconcelos Ribeiro Bastos (1998) entende que a Geografia “muito tem a ganhar através da incorporação crítica de discursos como o da literatura” (BASTOS, 1998, p. 1), e é nessa perspectiva que este capítulo aborda a relação das personagens com os lugares em *O Conto da Aia*, principalmente no que diz respeito à correlação entre lugar e o aprisionamento das personagens femininas, tanto espaço geográfico, como psicológico. Para Santos os lugares “podem ser vistos como um intermédio entre o Mundo e o indivíduo” (2006, p. 212), além disso “cada lugar é, à sua maneira, o mundo [...] Mas também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade” (2006, p. 213).

Antes de adentrarmos nos conceitos sobre espaço, lugar e sua relação com os personagens faz-se necessário apresentar o sistema geopolítico de Gilead, portanto, o primeiro subcapítulo fará essa introdução.

3.1 A geopolítica de Gilead

“Há uma abertura dialética ao pensamento geopolítico, de modo a propor um olhar que considere as contradições existentes entre as dimensões sociais, políticas, econômicas e históricas entre os países e a forma como a atuação política de seus governantes atuam interna e externamente em seus territórios” (FOLMER; MEURER; ARAÚJO; SUZUKI, 2021, p. 6).

Como já apresentado nesta análise, a República de Gilead faz parte do que antes era o território dos Estados Unidos da América (EUA). Essa tomada de território foi concretizada através de um golpe de estado, “a tática se baseou em ataques coordenados que assassinaram o presidente e os membros do Congresso, bem como os juízes da Suprema Corte e todo o *staff* da Casa Branca” (VIEIRA, 2021, online). E para entender como foi possível esse ataque ao país democrático, que depois se tornou uma teocracia totalitária baseada no Antigo Testamento, aqui faz-se um mapeamento geopolítico do país.

Para descrever o conceito de Geopolítica utiliza-se as palavras de Folmer; Meurer; Araújo; Suzuki (2021), no livro intitulado *Geopolítica: poder e território*, eles trazem a seguinte definição:

A geopolítica refere-se às implicações que as relações sociais e de poder estabelecem com diferentes dimensões da categoria espaço, de forma multitemática e interdisciplinar. Pensar a Geopolítica é considerar, de forma dialógica, as relações geográficas entre fatos e fenômenos espaciais em diferentes escalas de organização e planejamento de políticas públicas e ações governamentais com impactos locais, regionais, nacionais e internacionais dos diversos países (FOLMER; MEURER; ARAÚJO; SUZUKI, 2021, p. 5).

Na geopolítica também é necessário compreender que cada estudo é feito através de um ponto de vista de um determinado autor, e esse autor vai expressar a sua visão sobre aquele determinado país e seu contexto histórico, é o que explica Wanderley Messias da Costa:

Ocorre que o exame da literatura específica dessa área revela, com maior ou menor nitidez, que cada estudo é o estudo de um autor de uma determinada nação ou país, relacionado ou não aos objetivos de determinado Estado ou grupo de Estados, mas de todo modo produzindo uma geografia política marcada pelo seu contexto político e territorial (COSTA, 1992).

Folmer; Meurer; Araújo; Suzuki explicam que o conceito de geopolítica vai além das relações sociais de poder:

Outras temáticas que englobam o escopo de estudos geopolíticos envolvem as correlações de forças políticas, discussões de limites e fronteiras, geoestratégias, negociações, acordos, autonomia, soberania e dependência, cujos alicerces estão em interesses individuais e coletivos de Estados nacionais. Muitos desses interesses, como tem sido demonstrado historicamente, geram conflitos entre países, grupos, culturas, movimentos sociais em disputa por território e poder (FOLMER; MEURER; ARAÚJO; SUZUKI, 2021, p. 5).

Em *O Conto da Aia* Offred não explica como são feitas as relações internacionais de Gilead com outros países, uma vez que ela, como Aia/serva, não tem acesso a esse tipo de informação, o que a Aia sabe é o que ela viu noticiado através dos meios de comunicação. As informações mais afinadas sobre o contexto geopolítico de Gilead são as que se encontram no epílogo do livro, num simpósio metaficcional de estudos gileadianos.

Não se sabe, por exemplo, como os alimentos são comercializados, se são inportados de outro país ou produzidos pelos próprios cidadãos de Gilead, o que se tem é que nas Colônias existe o trabalho braçal, porém são lugares de altíssima radiação e seria inviável a produção de alimentos nessas terras, não se sabe também de onde vem os tecidos das novas roupas, aparelhos tecnológicos, armamentos e matérias brutas em geral. Porém, percebe-se que essas relações existem, a exemplo da passagem do romance em que um grupo de turistas japoneses estão a passeio pelo país, e não utilizam roupas características da cultura gileadina. Não se sabe também onde são adquiridos os materiais de tecnologia e força de inteligência utilizados para a manutenção do controle sobre os cidadãos gileadianos, porém elas existem, e Folmer; Meurer; Araújo explicam que:

É preciso, de igual modo, considerar os estudos sobre as relações locais/globais, internacionais dos países com as novas tecnologias digitais de comunicação e informação, das causas ambientais, dos acordos comerciais, das políticas provenientes das grandes agências de fomento transnacionais, das empresas privadas locais e transnacionais que se articulam em busca de infraestrutura para desenvolvimento econômico e hegemônico (FOLMER; MEURER; ARAÚJO; SUZUKI, 2021, p. 5).

É subjetiva também a relação de Gilead com o Canadá, quais são seus acordos comerciais, uma vez que suas fronteiras estão definidas e o dinheiro em cédula foi substituído por cupons em Gilead, se é assim, não temos muitas pistas de como são feitas as relações entre os dois países, nem até que ponto o Canadá (não) está envolvido com o sistema de escravização das Aias. Não há no romance relatos sobre um pacto formal entre os dois países, no entanto sabe-se que essas relações existem de alguma forma, velada. Sobre pactos políticos Denis Ricardo Carloto afere que “ todo pacto político é, também, um pacto territorial e,

portanto, são ações construídas e constituídas por pessoas. Qualquer intenção política afeta direta e indiretamente o território e conseqüentemente os lugares, diferenciando-os pelo seu uso (CARLOTO, 2014, p. 22).

O que se sabe é que em Gilead existem grupos clandestinos que ajudam as Aias a atravessarem as fronteiras, sem nenhuma relação com o governo canadense e suas transações geopolíticas e internacionais, “agora ele está nos dizendo que uma quadrilha clandestina de espionagem foi desbaratada por uma equipe de Olhos, trabalhando com um informante infiltrado. A quadrilha estava contrabandeando preciosos recursos naturais através da fronteira para o Canadá” (ATWOOD, 2017, p.102). O grupo no qual Offred se refere é denominado *Mayday*, grupo de oposição ao governo Gileadiano que briga pelo território dominado pelos Filhos de Jacó e detém toda a porção Oeste dos Estados Unidos em seu poder.

Além de ajudar as Aias a fugirem descobre-se que os recursos naturais de Gilead também estavam sendo contrabandeados pelo grupo clandestino, algo que interfere diretamente na economia do país e suas relações exteriores, já que retiram seus bens sem pagar impostos. Sabe-se também que o *Mayday* tem membros importantes no Canadá que facilitam o acesso ao país vizinho.

O que é apresentado por Offred é que esse contrabando está presente na sociedade mais do que se imagina, pois não é apenas o *Mayday* que se beneficia do tráfico clandestino, a exemplo dos cigarros, perfumes e outros produtos adquiridos pela Esposa do Comandante, Serena Joy, e do próprio Comandante que burla suas próprias leis adquirindo passaportes, roupas, maquiagens, revistas, livros, jogos e outros itens proibidos pela nova ordem através desse mercado. Também não temos pistas de como esses itens são negociados e quais os intermediadores entre a população gileadiana (aquela que tem poder suficiente para tal) e os comerciantes desse mercado.

No romance também não há nenhuma referência ao México, uma vez que mesmo não tendo ocupado o Texas, o estado mais próximo geograficamente, o governo de Gilead poderia ter firmado algum acordo com o país que até então era vizinho dos EUA. E ao que indica o *Mayday* apenas age nas fronteiras de Gilead com o Canadá, desconsiderando o México e o Texas.

Os filhos de Jacó eram civis que estavam insatisfeitos com as políticas do governo estadunidense, e ao assassinarem o presidente e os membros do congresso causam uma guerra civil:

Não foram só os civis que se opuseram ao processo que transformou os EUA na República de Gilead. Alguns soldados, junto aos civis que sobreviveram ao golpe impetrado pelos Filhos de Jacó, se reorganizaram no Alasca, no Havaí e em localidades pontuais, dando

início a uma resistência, batizada de Mayday, que culminou numa segunda Guerra Civil no norte da América (VIEIRA, 2021, online).

O domínio do conhecimento geográfico do país foi importante para que os Filhos de Jacó tivessem êxito na guerra civil:

Os estudos geopolíticos também se debruçam sobre a tentativa de compreensão das Alianças e acordos para a construção e manutenção de blocos econômicos visando interesses de países, geralmente com preponderância no avanço comercial, na educação, nas políticas públicas relacionadas à formação de mão de obra, entre outros. Nesse contexto de perspectiva de relações e de articulações estratégicas, território e poder se organizam para além da materialidade (FOLMER; MEURER; ARAÚJO; SUZUKI, 2021, p. 5).

Vieira (2021), em seu blog apresenta um panorama geral do sistema geopolítico de *O Conto da Aia* e o faz através do ponto de vista da série baseada no romance de Atwood que está disponível no Globoplay desde 2017. Aqui não será feita uma análise sobre a série *The Handmaid's tale*, porém serão utilizados os mapas que aparecem na série para explicar como se deu o golpe teocrático através do fechamento das fronteiras do então EUA e o domínio de boa parte do seu território. Vieira expõe os mapas do território dos Estados Unidos e exemplifica quais foram os estados tomados pelos Filhos de Jacó em quatro mapas oriundos da série *The handmaid's tale*, mais especificamente na segunda temporada:

Figura 1 – Mapa 1 de Gilead



Fonte: VIEIRA, 2021.

1. Como esperado pelo clima frio visto na série, o Distrito principal de Gilead fica ao norte, se dividindo em partes do Maine, Vermont, New York, e Massachusetts;
2. Todos os pontos pretos do mapa representam bases militares;
3. As áreas verdes são as Colônias e as curvas em seu entorno indicam a intensidade de risco de contaminação;

- Os territórios em vermelho pontilhado são ocupados pelos Filhos de Jacó, mas ainda em conflito com rebeldes, sendo suas bordas mais escuras fronteiras de conflito. Perceba que elas também estão presentes no Distrito de Gilead (VIEIRA, 2021, online).

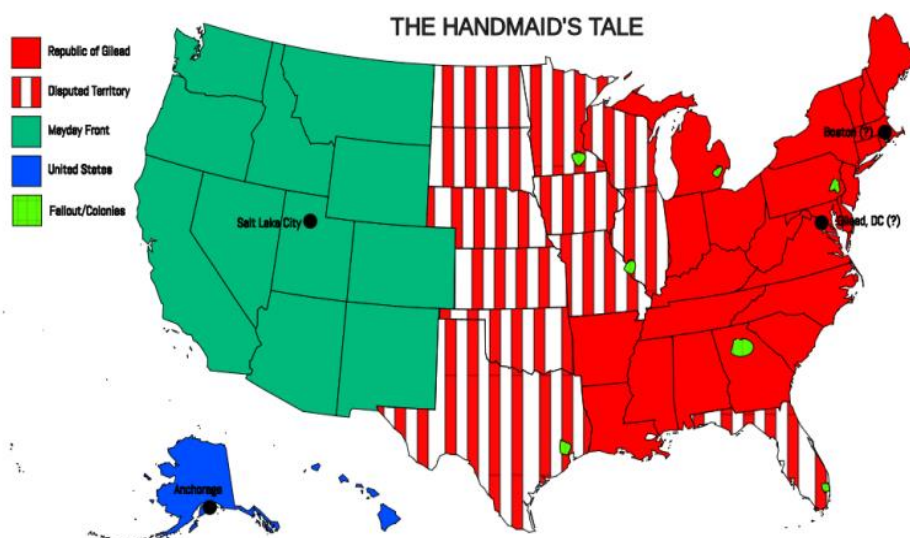
Figura 2 – Mapa 2 de Gilead



Fonte: VIEIRA, 2021.

Perceba que neste mapa mais “limpo”, que aparece no final da segunda temporada, as divisões territoriais são mais explícitas [...] Claro que os modelos para mapas de Gilead chegaram muito antes da série, variando em detalhes e criatividade. Abaixo apresento os principais. Nesse primeiro mapa Gilead aparece apenas com os territórios do leste, exceto a Flórida que se junta a porção em vermelho-e-branca das terras em disputa pelos Filhos de Jacó e a resistência, conhecida como Mayday, que detém toda a porção oeste dos Estados Unidos em seu poder (VIEIRA, 2021, online).

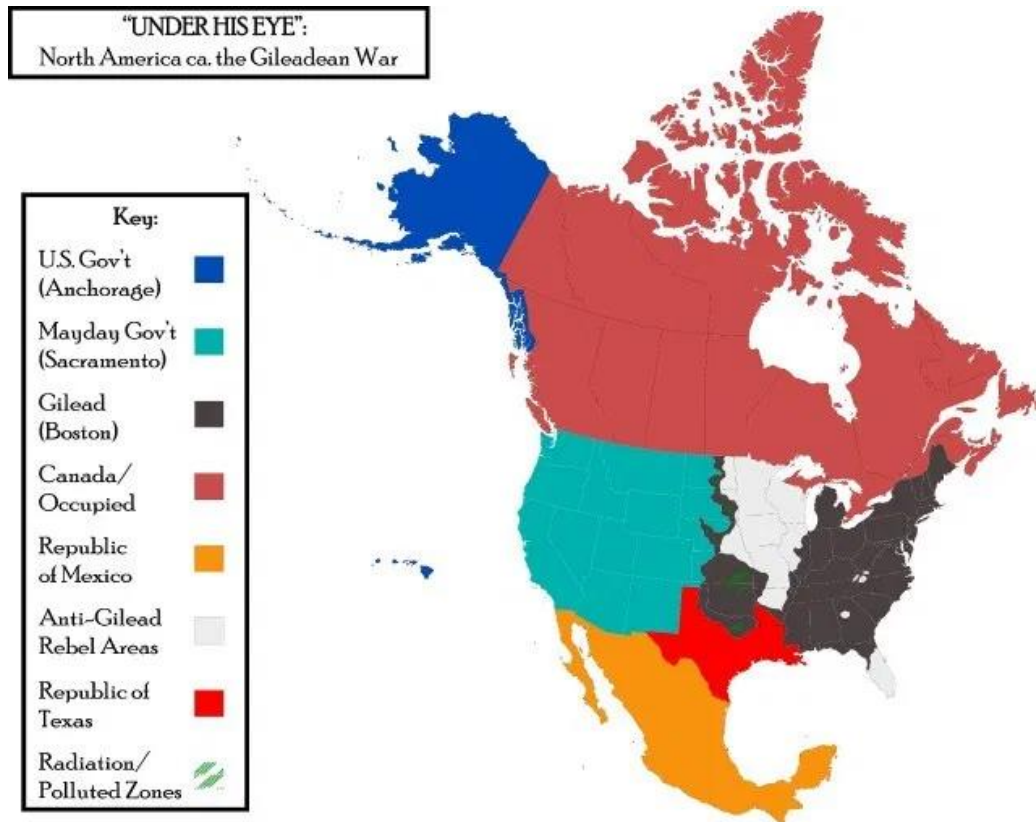
Figura 3 – Mapa 3 de Gilead



Fonte: VIEIRA, 2021.

“As Colônias neste mapa são as partes verdes mais claras e aqui os Estados Unidos se resumiram também ao Haváí e ao Alasca. O próximo mapa nos dá um panorama de como poderia ser contextualizada geograficamente a Republica de Gilead na América do Norte” (VIEIRA, 2021, online).

Figura 4 – Mapa 4 de Gilead



Fonte: VIEIRA, 2021.

“No que tange à divisão dos Estados Unidos, este mapa só se diferencia do anterior por apresentar a República do Texas; no mais, ele mantém parte da Flórida como território rebelde e mostra que os países vizinhos não foram afetados em suas fronteiras” (VIEIRA, 2021). A estrutura governamental de Gilead foi constituída a partir de um comitê geral e centralizado por um conselho composto pelos Comandantes de alta patente, tendo como elemento determinante o Comandante Judd, um dos articuladores do golpe e da nova estrutura governamental, como é descrito por Offred no excerto abaixo:

Judd, por outro lado, parece ter estado menos interessado na apresentação e mais preocupado com a tática. Foi ele quem sugeriu o uso de um obscuro manual da CIA sobre a desestabilização de governos estrangeiros como guia estratégico para os Filhos de Jacob, e foi ele, também, quem redigiu as primeiras listas de “americanos” proeminentes da época a serem alvos de assassinato. Também é suspeito de ter orquestrado o Massacre do Dia do

Presidente, que deve ter exigido um nível máximo de infiltração no sistema de segurança rodeando o Congresso, e sem o qual a Constituição nunca poderia ter sido suspensa. Os Territórios Nacionais e o plano de embarcar em navios as pessoas de religião judaica foram ambos dele, bem como a ideia de privatização do esquema de repatriação dos judeus, com o resultado de que mais de uma carga inteira de navio lotado de judeus foi simplesmente atirada no Atlântico, para maximizar os lucros. Pelo que sabemos de Judd, isso não o teria incomodado muito. Ele era um linha-dura, e Limpkin lhe dá o crédito pelo comentário: “Nosso grande erro foi ensiná-los a ler. Não faremos isso de novo” (ATWOOD, 2017, p. 361).

Foi o Comandante Judd que também teve a ideia de criar a Casta das Tias para controlar as Aias, pois ele acreditava que para ter um controle mais eficiente sobre as mulheres apenas outras mulheres poderiam fazer esse trabalho, além disso os custos também eram mais baixos, uma vez que as mulheres em Gilead não são assalariadas:

Judd — de acordo com o material de Limpkin — era de opinião desde o início que a melhor maneira e a mais eficiente em termos de custos de controlar mulheres, para propósitos reprodutivos e outros, era por meio das próprias mulheres. Quanto a isso havia muitos precedentes históricos; de fato, nenhum império imposto pela força ou de outro modo jamais deixou de ter essa feição característica: o controle dos nativos por membros de seu próprio grupo. No caso de Gilead, existiam muitas mulheres dispostas a servir como Tias, fosse por causa de uma crença genuína no que chamavam de “valores tradicionais”, ou pelos benefícios que poderiam desse modo adquirir. Quando o poder é escasso, ter um pouco dele é tentador. Havia também um induzimento negativo: mulheres sem filhos ou estéreis ou mais velhas que não eram casadas podiam se alistar para servir como Tias e assim escapar à inutilidade e conseqüente embarque para as infames Colônias, que eram compostas de populações portáteis usadas principalmente como esquadrões descartáveis de limpeza de materiais tóxicos, embora se você tivesse sorte pudesse ser destacado para tarefas menos arriscadas como apanhar algodão e trabalhar na colheita de frutas (ATWOOD, 2017, p. 362).

De acordo com essa passagem temos pistas de que Gilead produzia algodão, portanto, poderia produzir o tecido de suas próprias roupas e produtos para outras finalidades derivados dessa fibra, além de produzir frutas também, não se sabe ao certo a quantidade que era produzida, se para consumo próprio dos que cultivava ou para alimentar a sociedade gileadiana em geral. Além disso, Gilead conta com um grande arsenal de armamento militar e de inteligência, homens treinados para qualquer situação de combate. Homens que fortalecem o fechamento das fronteiras do país e a ordem cível entre a sociedade, como, por exemplo, os Olhos que são a força policial e espã de Gilead e os Anjos que são os soldados.

Os Estados Unidos da América, cenário escolhido por Atwood para os eventos ocorridos em seu romance distópico, é atualmente a nação mais poderosa militarmente e também a mais rica do mundo, sendo, de longe, o país com maior capacidade de projeção global da atualidade e sua moeda oficial é o dólar. O país possui uma geopolítica única, quase onipresente, que busca se propagar por todo o planeta, assim, os EUA se mantêm como o país mais poderoso e influente do mundo.

O país está localizado na América do Norte, fazendo fronteira com o Canadá, ao Norte, e o México, ao Sul. Tendo ainda o Oceano pacífico no lado Oeste do país, e Oceano Atlântico no lado Leste. Além disso, o país conta com o Alasca na região do círculo Ártico e na região central do Oceano Pácífico o arquipélago do Havaí.

O Estados Unidos tem sua origem na sua parte leste, uma região limitada pelas montanhas Apalaches, que isolava suas treze colônias iniciais britânicas e as protegia dos territórios franceses ao Oeste. Os ingleses iniciaram sua colonização entre as colônias do Sul, tendo como primeiro assentamento permanente a região chamada de Virgínia (1607), nomeada em homenagem à rainha Elizabeth I (a rainha virgem), uma ilha próxima a Baía de Chesapeake onde foi criada a cidade de Jamestown. Depois vieram a colônia católica do Sul, Maryland (1632), Carolina do Norte (1633), Carolina do Sul, (1633) e Geórgia (1733). A economia nessas primeiras colônias baseava-se no latifúndio, monocultura, exportação e trabalho escravo de africanos.

Já na parte Norte do país a colonização iniciou com a criação da cidade de New Plymouth (1620), por peregrinos puritanos ingleses que eram perseguidos em seu país de origem. Depois dessa primeira colônia outras foram surgindo no lado Norte, tendo como atividades principais a pesca e o cultivo em pequenas propriedades. Logo após, vieram as colônias de Rhode Island (1636), Connecticut (1630) e New Hampshire (1638). Ao longo do tempo a colonização inglesa se expandiu circundando as treze colônias iniciais. A junção das colônias do Norte e do Sul formaram o território que ficou conhecido como Nova Inglaterra.

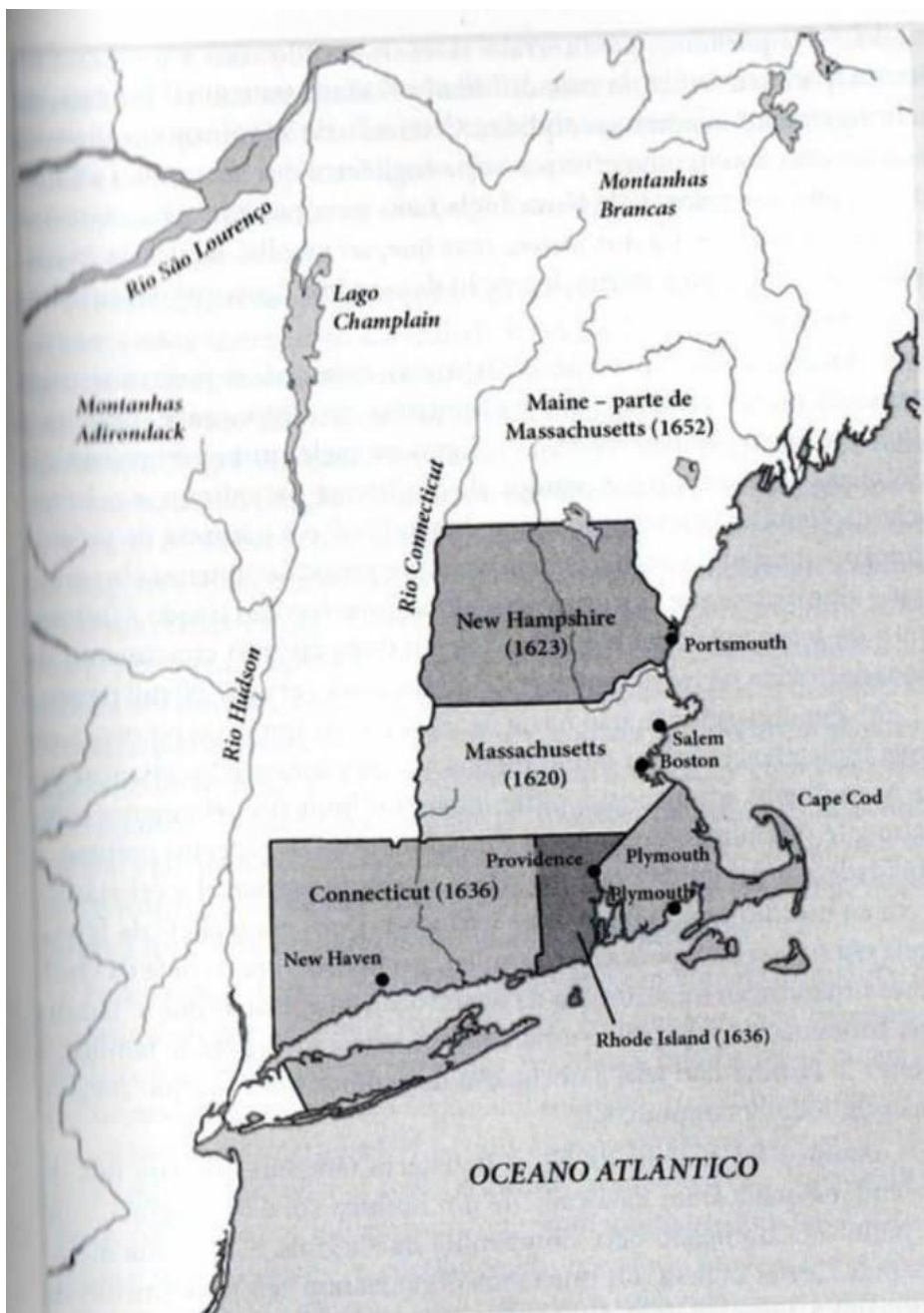
Ao contrário das colonizações dos países ibéricos como o Brasil, por exemplo, em que suas colonizações foram marcadas pela extração de bens e recursos naturais para enriquecer seus colonizadores europeus, nos EUA “as colônias de povoamento receberiam o que houvesse de melhor nas metrópoles, gente de valor que, perseguida na Europa, viria com seus bens e cultura para o Novo Mundo trazendo na bagagem apenas a honradez e a Bíblia (KARNAL, 2007, p. 24), Karnal afirma ainda que:

O oposto das colônias de exploração seriam as de povoamento. Para lá as pessoas iriam para morar definitivamente. A atitude não era predatória, mas preocupada com o desenvolvimento local. Isso explicaria o grande desenvolvimento das áreas anglo-saxônicas como os EUA. Famílias bem constituídas, pessoas de alto nível intelectual e sólida base religiosa: tais seriam os colonos que originaram o povo norte-americano (KARNAL, 2007, p. 23).

De acordo com Karnal (2007) as treze Colônias originais dos EUA são: Virgínia, New Hampshire, Massachusetts, (Plymouth), Maryland, Connecticut, Rhode Island, Carolina do Norte, Nova York, Nova Jersey, Carolina do Sul, Pensilvânia, Delaware e Geórgia. Susan

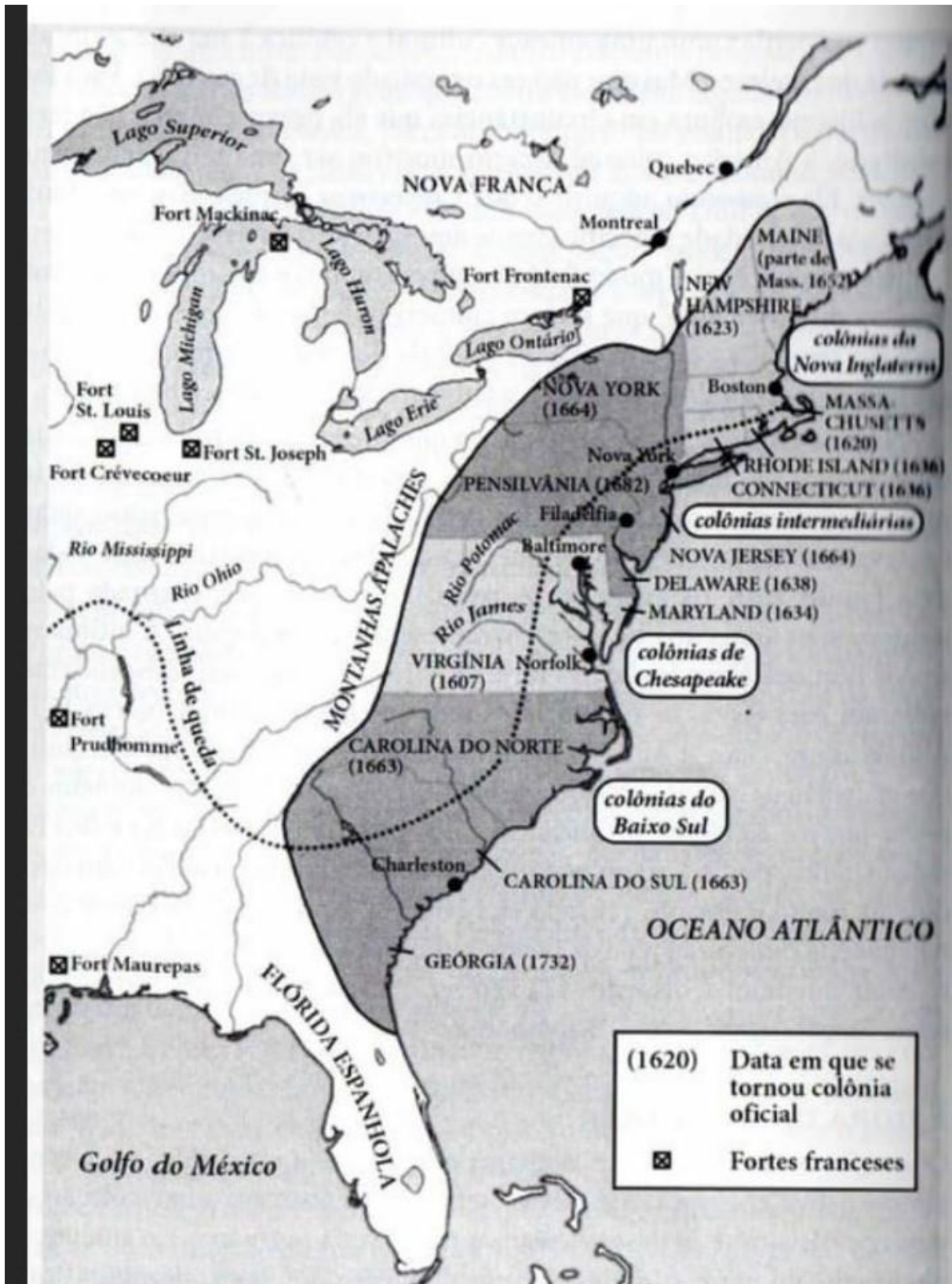
Mary Grant (2014) apresenta uma história concisa dos Estados Unidos da América e explica que “ a Nova Inglaterra como um todo era relativamente homogênea em termos de população e cultura, se comparada com muitas das outras colônias, certamente Pensilvânia ou Nova York” (GRANT, 214, p. 121). Grant também ilustra alguns mapas da época da colonização inglesa no Novo Mundo, as treze colônias que compunham a Nova Inglaterra, segue abaixo dois mapas apresentados pela autora:

Figura 5 – Mapa 1 das 13 Colônias dos Estados Unidos da América



Fonte: GRANT, Susan Mary. **História Concisa dos Estados Unidos.** Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto: São Paulo – SP: EDIPRO,2014. p. 77.

Figura 6 – Mapa 2 das 13 Colônias dos Estados Unidos da América



Fonte: GRANT, Susan Mary. **História Concisa dos Estados Unidos**. Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto: São Paulo – SP: EDIPRO, 2014. p. 120.

Nota-se, pelos mapas aqui apresentados, que as 13 colônias iniciais, pelo menos em sua maioria, são justamente aquelas tomadas pelos Filhos de Jacó em *O Conto da Aia*, seria, portanto, um ponto estratégico para o grupo extremista teocrático, uma vez que se trata do ponto de origem do país, onde seria necessário iniciar o processo de reestruturação e retorno aos seus princípios originais. Os filhos de Jacó buscavam retomar o que os protestantes calvinistas iniciaram na colonização dos EUA, uma busca pela nova Canaã através da execução dos preceitos bíblicos, como descrito por Karnal:

Os “puritanos” (protestantes calvinistas) tinham em altíssima conta a ideia de que constituíam uma “nova Canaã”, um novo “povo de Israel”: um grupo escolhido por Deus para criar uma sociedade de “eleitos”. Em toda a Bíblia procuravam as afirmativas de Deus sobre a maneira como Ele escolhia os seus e as repetiam com frequência. Tal como os hebreus no Egito, também eles foram perseguidos na Inglaterra. Tal como os hebreus, eles atravessaram o longo e tenebroso oceano, muito semelhante à travessia do deserto do Sinai. Tal como os hebreus, os puritanos receberam as indicações divinas de uma nova terra [...] são frequentes as referências ao “pacto” entre Deus e os colonos puritanos. A ideia de povo eleito e especial diante do mundo é uma das marcas mais fortes na constituição da cultura dos Estados Unidos (KARNAL, 2007, p. 44).

Grant alega que “os puritanos procuravam viver de acordo com a promessa bíblica de que nem “a luz do mundo” nem a “cidade da colina” fundada no seu brilho jamais ficariam escondidas” (GRANT, 2014, p. 78). Além dos aspectos políticos, sociais e econômicos, a religião também era um fator relevante para as relações internacionais do país, para a cultura, crenças e criação de valores, e assim como os primeiros puritanos dos EUA os Filhos de Jacó se auto intitulam o povo eleito de Deus:

Diante de uma desgraça, como a seca de 1662 na Nova Inglaterra, os puritanos ainda encontravam novos paralelos com a Bíblia: Deus também castigara os judeus quando estes foram infiéis ao pacto. Deus salva a poucos, como os pregadores puritanos costumavam afirmar. Fiéis à tradição dos reformistas Lutero e Calvino, a predestinação era uma ideia forte entre eles (KARNAL, 2007, p. 44).

Após sua independência em 1776, as recém independentes 13 Colônias assinaram um acordo com império britânico, que além de reconhecer a sua independência, ainda receberiam territórios entre os grandes lagos, os montes Apalaches, e os rios Ohio e Mississippi.

Em uma breve explanação sobre o contexto histórico dos EUA dos anos 80, momento em que Atwood escreve o romance *O Conto da Aia* – especificamente no período em que Ronald Wilson Reagan foi presidente (1981-1988) – foi palco de uma tomada do poder por uma direita neoliberal que segundo Leandro Karnal (2007) reagiram às recessões políticas causadas pela crise econômica mundial de 1973 com “políticas neoliberais – retirada do Estado da regulação da economia e cortes nos programas sociais” (KARNAL, 2007, p. 262).

Karnal continua sua explanação sobre o neoliberalismo que se difundiu no país e afirma que o “neoliberalismo foi a resposta das elites econômicas e políticas à crise dupla que emergiu nos anos 1970” (KARNAL, 2007, p. 262). Além disso:

Uma “nova direita” passou a dominar a vida intelectual, cultural, política e grandes setores da mídia norte-americana, especialmente depois da queda do muro de Berlim em 1989. Ocorreram, com frequência, intervenções norte americanas robustas na América Latina, Ásia e Oriente Médio nas décadas de 1980 e 1990. Nestas intervenções, liberdade veio a ser redefinida como nos anos 1920 e 1950: o direito de o capitalismo norte-americano florescer livremente (KARNAL, 2007, p. 262).

Para Cortez; Carvalho; Cunha (2015), o governo Reagan foi o período em que ocorreu o processo de consolidação dos EUA como principal potência mundial. Para os autores, o governo Reagan foi responsável pela recuperação econômica do país e trouxe iniciativas diplomáticas e militares que derrubaram a URSS (União das Repúblicas Socialista Soviéticas) e fortaleceram o apoio da Alemanha e Japão aos EUA:

As decisões tomadas pelo governo norte-americano de 1981 a 1985 recuperaram o tripé que sustenta os EUA como principal potência mundial: (i) liderança econômica, em especial na alta tecnologia, e o dólar como principal moeda de reserva; (ii) liderança militar incontestável, com o fim da capacidade da URSS de tentar equilibrar a corrida armamentista e a vitória na Guerra Fria, com clara superioridade em armamentos de alta tecnologia; (iii) credibilidade da política externa, principalmente frente a seus aliados. (Cortez; Carvalho; Cunha, 2015, p. 2).

De acordo com Cortez; Carvalho; Cunha, “a economia do *supply side*²¹ foi uma marca do governo Reagan e consagrou a chamada contra-revolução liberal, ou anti-keynesiana, ao lado das políticas de Margaret Thatcher, na Grã-Bretanha” (Cortez; Carvalho; Cunha, 2015, p. 2). Já Karnal (2007) alega que a elite econômica e política do país estabeleceu medidas neoliberais que acumularam as riquezas de uma minoria, enquanto a grande parte da população via sua renda decair:

Diante das dificuldades de conseguir lucros no mesmo nível de antes e das pressões da competição global, as corporações introduziram novos métodos de produção e gerenciamento para melhorar a produtividade, resultando em reduções salariais e mais desemprego. Uma minoria pequena no topo da sociedade enriqueceu, enquanto grande parte da população viu sua renda estagnar ou declinar. Muitos ganhos econômicos e sociais do boom econômico do período pós-guerra foram gradualmente minados, bem como as aberturas culturais dos anos 1960, colocando os sindicatos e os movimentos sociais na defensiva (KARNAL, 2007, p. 262).

Susan Faludi (2001) em seu livro *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*, discorre sobre como era ser mulher nos Estados Unidos no fim do século

²¹ Teoria econômica de diminuição de impostos nos EUA.

XX e denuncia que a década de 80 foi “um implacável contra-ataque às conquistas femininas” (FALUDI, 2021, p. 3). E esse contra-ataque opera em dois níveis: “convencer as mulheres de que seus sentimentos de angústia e insatisfação são resultado do excesso de independência, ao mesmo tempo que destrói gradativamente os mínimos avanços que as mulheres realizaram no trabalho, na política e em sua forma de pensar” (FALUDI, 2001, p. 3). Faludi exprime bem o que é ser mulher no final do século XX em um país dominado pela elite neoliberal:

Ser mulher nos Estados Unidos neste fim-de-século: que maravilha! Pelo menos é o que se diz o tempo todo. Os políticos garantem que as barricadas já caíram. As mulheres "chegaram lá". O mundo da publicidade se regozija. A revista *Time* proclama que a luta da mulher pela igualdade "foi amplamente vencida". Matricule-se à vontade em qualquer universidade, arrume um emprego em qualquer firma de advocacia, solicite empréstimos em qualquer banco. Os líderes trabalhistas afirmam que agora as mulheres têm tantas oportunidades que não é necessária uma política que lhes garanta igualdade de condições. Os legisladores proclamam que atualmente as mulheres são tão iguais que já não é preciso haver emendas constitucionais para a Igualdade de Direitos. Até os anúncios de cartões de crédito estão saudando a liberdade da mulher a fim de cobrá-la. Enfim, as mulheres receberam os seus papéis de cidadania plena (FALUDI, 20021, p. 9).

A ironia ácida de Falude descreve como a mídia da época escancarava de forma deliberada que o problema das mulheres não era a falta de direitos, e sim o excesso de independência e liberdade que elas tinham, das altas cargas horárias de trabalho e da solidão da solteirice, e principalmente o excesso de igualdade entre homens e mulheres e que elas estavam sofrendo, “a causa deste sofrimento deve ser o excesso de igualdade. As mulheres estão infelizes justamente devido ao fato de serem livres. As mulheres estão sendo escravizadas pela sua própria liberação” (FALUDI, 2001, p. 10). A autora expões que:

Este boletim de desespero está afixado em todos os lugares - nas bancas de jornais, na telinha da televisão, nos anúncios, nos filmes, nos consultórios médicos e nas publicações acadêmicas. As mulheres profissionais estão entrando em "parafuso" e sucumbindo a uma "epidemia de infertilidade". As solteiras estão se queixando devido à "falta de homens". O *New York Times* revela: as mulheres sem filhos andam "deprimidas e confusas" e cada vez em maior número. A *Newsweek* afirma: as mulheres não-casadas estão "histéricas" e prostradas numa profunda crise de "falta de confiança". Os manuais médicos informam: mulheres em altos cargos executivos estão sofrendo como nunca de "distúrbios provocados pelo estresse", queda de cabelo, nervosismo, alcoolismo e até enfartes. Os livros de psicologia advertem: a solidão da mulher independente representa hoje em dia "um dos mais graves problemas de saúde mental". Até a histórica feminista Betty Friedan anunciou aos quatro ventos que as mulheres estão atualmente sofrendo de uma nova crise de identidade e de "problemas ainda sem classificação" (FALUDI, 2001, p. 9).

Em *O Conto da Aia* a mídia também teve grande influência no que diz respeito à culpabilizar as frustrações femininas por sua liberdade, os jornais, programas de televisão imbuíam na sociedade o discurso de que deveriam voltar às tradições familiares e religiosas, que a mulher é o alicerce sagrado da família e seu dever é abdicar-se de si mesma, de sua

vaidade, para cuidar de sua família. Serena Joy foi uma das propagadoras do discurso radical religioso, como exposto por Offred no seguinte excerto do romance:

Serena Joy nunca foi seu nome verdadeiro, nem mesmo naquela época. O nome dela era Pam. Li isso num perfil a respeito dela numa revista de notícias, muito depois de tê-la visto cantar na televisão enquanto minha mãe dormia em casa nas manhãs de domingo. Então, ela já merecia um perfil: foi na *Time* ou *Newsweek*, creio, deve ter sido. Naquela altura, ela já não cantava mais, estava fazendo discursos. Era boa oradora, sabia fazê-los. Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela própria não fazia isso, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava fazendo pelo bem de todos (ATWOOD, 2017, p. 57-58).

Falude (2001) explica que o discurso pregado nos meios de comunicação nos Estados Unidos dos anos 80 era que a causa de toda essa problemática envolvendo as mulheres era do feminismo:

As mulheres estão sendo escravizadas pela sua própria liberação. Elas se agarraram ao brilho dourado da independência e deixaram escapular o único anel que realmente lhes interessa. Conseguiram assumir o controle da sua fertilidade, mas só para destruí-la. Perseguiram seus próprios sonhos profissionais perdendo no caminho a aventura feminina maior. Os movimentos feministas, não nos cansam de apregoar, acabaram por se provar o pior inimigo da mulher [...] "Ao distribuir os seus despojos, o movimento feminista deu à minha geração altos rendimentos, os nossos próprios cigarros, a opção de ser mãe solteira, delegacias para cuidar de mulheres violentadas, linhas de crédito pessoal, amor livre e mulheres ginecologistas", escreve na *National Review* Mona Charen, uma jovem estudante de Direito, num artigo intitulado "O erro feminista". "Em compensação tirou de nós aquilo sobre o qual repousa a felicidade da maioria das mulheres - os homens (FALUDI, 2001, p. 10).

Segundo Faludi (2001), tanto nos programas de TV, nos jornais, ou até mesmo nos romances, as mulheres independentes eram humilhadas e reduzidas ao estereótipo de solteironas amarguradas a procura de uma migalha de amor e atenção:

Nos programas do horário nobre da TV, mulheres solteiras, independentes e feministas são humilhadas, transformadas em harpias ou vítimas de esgotamento nervoso; as mais ajuizadas renegam os seus pendores para a independência nas cenas finais. Nos romances populares, como *Louca obsessão* de Stephen King, mulheres sozinhas reduzem-se a lamurientas solteironas ou tropejam como satânicos dragões, desistindo de qualquer aspiração que não seja o casamento, imploram por vínculos matrimoniais a estranhos ou dão machadadas em relutantes solteirões. "Estragamos tudo esperando demais", soluça uma típica profissional de carreira arrependida em *Singular Women* de Freda Bright; ela e a irmã, ambas executivas, "são condenadas a ficar sem filhos para sempre" (FALUDI, 2001, p. 11).

Faludi elucida que o governo Reagan e Bush colaboraram e se esforçaram para que esse discurso contra o feminismo tomasse força:

Nos tempos de Reagan e Bush, os funcionários do governo se apressaram a endossar esta tese. A porta-voz de Reagan, Faith Whittlesey, no único discurso oficial da Casa Branca sobre a condição da mulher americana, definiu o feminismo como uma verdadeira "camisa-de-força" para as mulheres (FALUDI, 2001, p. 11).

No entanto, diferentemente do discurso pregado pelo governo, elite e mídia da época, Faludi explica que a realidade das mulheres estava longe de ser o que anunciavam. O discurso pregado pelos meios de comunicação não retratava o congelamento de direitos atribuídos às mulheres, e havia ainda muito pelo que lutar:

Mas de que "igualdade" será que tantas autoridades estão falando? Se as mulheres americanas são tão iguais, por que representam, então, dois terços de todos os adultos pobres? Por que mais de 80% das mulheres que trabalham em tempo integral ganham menos de 20 mil dólares por ano, uma porcentagem quase duas vezes maior do que o índice masculino de pobreza? Por que é muito mais provável que elas morem em casebres, que não tenham direito a seguro-saúde e que na proporção de dois para um em relação aos homens não tenham aposentadoria alguma? Por que o salário médio de uma mulher continua tão inferior ao salário médio dos homens quanto há vinte anos? Por que qualquer mulher com formação universitária continua ganhando menos que um homem que tenha apenas o curso secundário (exatamente como acontecia nos anos 50) - e por que a mulher com curso secundário completo continua ganhando menos que um homem com o curso incompleto? Por que, com efeito, as mulheres americanas têm que enfrentar uma terrível defasagem salarial baseada na discriminação sexual adotada em todo o mundo desenvolvido? (FALUDI, 2001, p. 12).

Segundo Faludi, a realidade não condizia com tal imagem que o governo e a elite da época tentava apresentar pelos meios de comunicação, e o mais assustador de tudo isso é que a maioria da população absorveu esse discurso e o combate ao feminismo e à liberdade de direitos, sexual, reprodutiva e social das mulheres foi marca registrada nos tempos sombrios dos anos 80 no Estados Unidos da América.

A desigualdade tanto social quanto no âmbito da educação e do trabalho entre mulheres e homens era extensa e os números reais não batiam com a propaganda que lhes vendiam, mesmo que as mulheres tivessem estudo e capacidade suficientes para ocupar cargos de chefia, mais de 80% desses cargos eram ocupados por homens, e no que diz respeito à fertilidade feminina e controle de natalidade “a disponibilidade de diferentes formas de contracepção diminuiu, as pesquisas para novos meios de controle de natalidade foram praticamente interrompidas, novas leis limitando o aborto ou até informações sobre o aborto de mulheres jovens e pobres foram votadas” (FALUDI, 2021, p. 13).

Introduzido esse contexto histórico e sombrio para os cidadãos de Gilead e dos EUA, será discutido nos próximos dois subcapítulos como esse discurso é feito através da repressão e restrição do espaço em que as mulheres de Gilead estão inseridas e quais as consequências e danos causados a elas através dessa restrição de espaço.

3.2 O espaço como concentração de poder

“A ilusão da superioridade e centralidade provavelmente é necessária para a manutenção da cultura. Quando a crua realidade despedaça a ilusão, é possível que a própria cultura decline” (TUAN, 2015, p. 49).

A partir dos anos 1970, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan ajudou a difundir, juntamente com outros teóricos da área, as ideias da geografia humanista, que, em poucas palavras, expressa a concepção de que o lugar é construído a partir das experiências e dos sentidos envolvendo o ser humano e o meio ambiente em que está inserido, num processo de envolvimento geográfico do corpo agregado à cultura, à história e às relações sociais. A geografia humanista de Yi-Fu Tuan considera que os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço são concebidas através da experiência.

Tuan argumenta que existem vários tipos de espaço, sendo eles o pessoal, o grupal, onde é vivida a experiência do outro, e o espaço mítico, que é ligado à experiência. O autor considera ainda três principais tipos de espaço, sua interpretação “depende do poder da mente de extrapolar muito além dos dados percebidos” (TUAN, 2015, p. 26), são eles: o mítico, o pragmático e o abstrato ou teórico.

Sobre o espaço mítico, que é ligado às experiências, Tuan distingue dois tipos principais, no primeiro “o espaço mítico, é uma área imprecisa de conhecimento envolvendo o empiricamente conhecido; emoldura o espaço pragmático. No outro, é o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas” (TUAN, 2015, p. 111). Ambos persistem no mundo moderno segundo o autor. Além disso “o espaço mítico é um constructo intelectual. Pode ser muito sofisticado. O espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais (TUAN, 2015, p. 126).

Aqui, faz-se um paralelo entre Offred e suas limitações de transitoriedade nos espaços concedidos a ela, tanto nos locais externos quanto internos. A narradora inicia o primeiro capítulo (NOITE) descrevendo o espaço em que ela e as outras Aias são alocadas para que sejam disciplinadas e ensinadas a agir de acordo com o que seus novos postos exigem, o de serem as procriadoras de Gilead. A descrição do espaço se funde com as lembranças do passado, e a estrutura do lugar e os objetos ali ainda existentes se materializam nas lembranças de interações humanas um dia existentes naquele espaço:

Nós dormimos no que antes havia sido um ginásio esportivo. O assoalho era de madeira envernizada, com listras e círculos pintados, para os jogos que antigamente eram disputados ali; os aros para as redes das cestas de basquete ainda estavam em seus lugares, embora as redes tivessem desaparecido. Uma arquibancada cercava o salão para os espectadores, e imaginei que podia sentir muito ligeiramente, como uma imagem residual, o cheiro pungente de suor, mesclado com a doçura latente de goma de mascar e o perfume das garotas assistindo aos jogos vestidas com saias de feltro, como eu tinha visto em fotografias, mais tarde de minissaías, em seguida calças, depois com um brinco só, os cabelos espetados com mechas pintadas de verde. Bailes teriam sido realizados ali, a música permanecia, um palimpsesto de sons jamais ouvidos, um estilo seguindo-se ao outro, uma cadência de tambores, um lamento desamparado, guirlandas feitas de flores de papel de seda, máscaras de cartolina, uma esfera giratória coberta de espelhos, salpicando os dançarinos com uma neve de luz (ATWOOD, 2017, p. 11).

Esta passagem demonstra que, ao interagir com o lugar a personagem é capaz de sentir, ouvir e aguçar seus sentidos, fica íntima do lugar que antes era desconhecido para ela. Yi-Fu Tuan (2015) destaca que “a geografia humanista é entendida a partir da experiência geográfica do sujeito” (TUAN, 2015, p. 6). Tuan relaciona a experiência humana com o espaço mítico da seguinte forma:

O primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dado pela experiência direta. Quando imaginamos o que fica do outro lado da cadeia montanhosa ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade. Os mundos da fantasia são construídos sobre pouco conhecimento e muita vontade (TUAN, 2015, p. 112).

Além disso, através de sua descrição do Centro Vermelho Offred aguça sua auto-percepção, associa a atmosfera do lugar com a sensação de estar viva, de respirar: “Mais uma cadeira, luz do sol, flores: essas coisas não devem ser descartadas. Estou viva, eu vivo, respiro, estendo minha mão para fora, aberta para a luz do sol. Estar onde estou não é uma prisão e sim um privilégio, como dizia Tia Lydia” (ATWOOD, 2017, p. 16). Essa mesma sensação de liberdade e de estar viva em um lugar privilegiado se deve à influência e manipulação das Tias, que a todo tempo provocam propositalmente essa sensação de glorificação de Gilead nas Aias:

Existe mais de um tipo de liberdade, dizia Tia Lyddia. Liberdade para, a faculdade de fazer ou não fazer qualquer coisa, e liberdade de, que significa estar livre de alguma coisa. Nos tempos da anarquia, era liberdade para. Agora a vocês está sendo concedida a liberdade de. Não a subestimem (ATWOOD, 2017, p. 36).

O ginásio é o espaço reservado às mulheres, onde os homens não podem entrar. O lugar de comando feminino, de mulheres para mulheres. É o lugar considerado seguro para elas, como sugere o romance:

Os guardas não tinham permissão para entrar no prédio exceto quando eram chamados, e não tínhamos permissão para sair, exceto para as caminhadas, duas vezes por dia, duas a duas, ao redor do campo de futebol que agora estava cercado por uma cerca reforçada de malha metálica com rolos de arame farpado (ATWOOD, 2017, p. 12).

Os espaços de circulação das Aias são limitados, com extensão e horários cronometrados, e também não lhes é permitido sair do país, como para qualquer outro morador de Gilead.

Os dois primeiros capítulos do romance são praticamente reservados à descrição dos espaços da ação, à contextualização geográfica do romance, cujo espaço ideológico, político e físico é opressor e aprisiona mulheres, mas também homens, mesmo que eles não o percebam. Após a descrição do ginásio, a narradora discorre sobre a casa do Comandante, e os espaços principais do romance são apresentados antes mesmo dos personagens. Depois de descrever o Centro Vermelho, Offred delinea os espaços domésticos da casa do Comandante:

O tapete faz uma curva e desce a escadaria da frente e sigo por ele, com uma das mãos no corrimão, outrora uma árvore, abatida e transformada em outro século, polida até adquirir um brilho intenso. Do fim do período vitoriano, a casa é uma residência de família, construída para uma família rica e numerosa. Há um relógio de pé, no vestíbulo, que distribui o tempo em quilhões, e então a porta que dá para a maternal sala de estar da frente, com seus tons rosados e pequenos toques sugestivos. Uma sala onde nunca me sento, apenas fico de pé ou me ajoelho. No final do vestíbulo, acima da porta da frente há uma bandeira semicircular de vidro colorido: flores vermelhas e azuis (ATWOOD, 2017, p. 17).

No Capítulo VI intitulado “Pertences da Casa” Offred descreve as sensações existentes ao entrar em contato com os objetos da casa de seu Comandante, os cheiros, os sentimentos que eles despertam nela, e ao descrever a sala de estar e seus mínimos detalhes ela se conecta profundamente com o ambiente e seus objetos:

O aposento cheira a óleo de limão, tecido grosso e pesado, narcisos começando a murchar, restos de cheiros de comida que conseguiram abrir caminho vindos da cozinha ou da sala de jantar, e ao perfume de Serena Joy, Lírio dos Vales. Perfume é um luxo, ela deve ter algum fornecedor particular (ATWOOD, 2017, p. 98).

Offred chega a pensar em roubar um objeto da sala para si, apenas para poder observá-lo de vez em quando para rememorar essas sensações e sentir-se com algum poder:

Eu gostaria de roubar alguma coisa deste aposento. Gostaria de levar alguma coisa pequenina, o cinzeiro com arabescos, a caixinha para comprimidos da cornija da lareira, talvez, ou uma flor desidratada: escondê-la nas pregas de meu vestido ou na manga com zíper, guardá-la ali até que esta noite esteja acabada, escondê-la em meu quarto, debaixo da cama, ou dentro de um sapato, ou numa abertura na almofada dura da FÉ bordada em petit-point. De vez em quando eu a tiraria e olharia para ela. Isso me faria sentir que tenho poder (ATWOOD, 2017, p. 99).

Através das descrições dos espaços Offred tenta se situar na atmosfera em que é inserida à força, compreender como cada indivíduo que por esses lugares circula se comporta e o que ela pode aproveitar dessa análise para seu benefício. Offred apresenta cada personagem de acordo com a apresentação de cada espaço, seja do Centro Vermelho, seja da casa do Comandante, como no trecho em que ela apresenta as Marthas ao mesmo tempo que ela descreve a cozinha onde elas trabalham, havendo uma simbólica simbiose entre personagens e o espaço que aprisiona:

Aqui o cheiro não é mais de lustra móveis. Rita está aqui dentro, de pé diante da mesa da cozinha, que tem um tampo branco esmaltado lascado. Ela está com seu vestido habitual de Martha [...] Rita me vê e acena com a cabeça, embora seja difícil dizer se é um cumprimento ou um simples reconhecimento de minha presença, e limpa as mãos cheias de farinha no avental e vai revirar a gaveta da cozinha em busca do talão de vales de alimentos (ATWOOD, 2017, p. 18).

Durante suas descrições, Offred revela que em sua vida anterior foi casada e teve uma filha, que lhe foi tirada pelo novo governo, ela também tinha outro nome, porém o romance não nos revela qual era sua verdadeira identidade. As Aias foram obrigadas a mudarem de identidade, assim como todos os outros cidadãos gileadianos, uma forma de reparação dos pecados do passado e purificação da alma.

Offred, quando está enclausurada em seu quarto, percorre por uma viagem interior, que também é um lugar psicológico, lembrando de sua vida passada, e busca (através dessa viagem interna) meios de encontrar sua filha e seu marido, ou seja, para ultrapassar e fugir das barreiras e fronteiras geográficas de Gilead (a sua prisão) rumo ao espaço da liberdade democrática do Canadá, a protagonista atravessará a fronteira nacional e política entre Gilead e o país vizinho, isto é, fugirá de um território político (forma de vida) para outro.

Offred busca seu antigo lugar através de suas recordações, onde ela acreditava ser feliz com sua família, ocupa a sua mente, um ‘espaço’ da memória que alivia experiências traumáticas, ao permitir evadir-se por momentos. Yi-Fu Tuan diferencia espaço de lugar e em sua concepção “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria” (TUAN, 2015, p. 10). Tuan prossegue com sua concepção de lugar e aduz que:

O lugar, como entendido neste livro, é o próprio microcosmo que dá sentido à existência; é mais que o lugar antropológico, mais que o habitus social ou casulo protetor psicológico: ele é tudo isso ao mesmo tempo, sendo significado geograficamente na relação corpórea e simbólica do sujeito (TUAN, 2015, p. 6).

Mas o lar em Gilead é o espaço que aprisiona e estupra. A narradora continua a descrever o lugar onde, agora, ela deve considerar como “sua casa”, seu novo lar, um lugar estranho em que ela é posicionada como um mal necessário, ainda assim, na descrição desse espaço ela busca fazer parte dele, uma vez que suas opções de fuga são reduzidas e praticamente descartáveis, como ir para as Colônias, para onde são enviadas as Não Mulheres, e onde um ser humano não sobrevive por muito tempo por ser um lugar tóxico, de ar irrespirável e trabalho braçal pesado. Offred não duraria muito tempo por lá, e ela quer ficar viva, se submete ao seu posto de inferioridade por acreditar que assim terá mais chances de encontrar uma forma de escapar e reencontrar sua filha e seu marido em liberdade.

Offred está sempre descrevendo os espaços por onde passa, os objetos simbólicos dessa prisão, e ligando-os às suas recordações (de um tempo em que fora livre). Como se o espaço fosse a forma de sempre lembrá-la de quem um dia ela foi, para não esquecer sua própria identidade, que parece estar sumindo aos poucos.

A descrição do espaço continua, Offred utiliza os objetos e os espaços diversos para manter sua sanidade mental e insiste em descrever os mínimos detalhes do lugar, como se desenhasse um mapa mental para relacioná-lo com suas vivências e, de alguma forma, a esperança de que através dessas descrições ela encontre um meio de escapar, ou que alguém a tire dele:

Uma janela, duas cortinas brancas. Sob a janela, um assento com uma pequena almofada. Quando a janela está parcialmente aberta – ela só abre parcialmente – o ar pode entrar e fazer as cortinas se mexerem. Posso sentar na cadeira ou no banco junto à janela, as mãos com os dedos entrelaçados, e observar isso. A luz do sol também entra pela janela e bate no assoalho, que é feito de madeira, em ripas estreitas, muito bem enceradas. Há um tapete no chão, oval, feito de retalhos trançados (ATWOOD, 2017, p. 15).

Há também as passagens das portas de um cômodo para o outro, dos corredores, que nunca são trancadas, uma espécie de portais sempre abertos, que ao atravessá-los Offred se transposta para sua própria realidade, uma realidade imaginária que a faz viajar para quem ela era antes do novo regime. Segundo Joel Candau:

As relações de si para si mesmo, o trabalho de si sobre si mesmo, a preocupação, a formação e expressão de si, supõem um trabalho da memória que se realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, aquelas dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma memória da ação, absorvida em um presente sempre evanescente; e uma memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro (CANDAU, 2021, p. 60).

Para Offred, as relações da memória e recordações estão ligadas aos diferentes espaços e seus respectivos objetos, como se esses objetos representassem para ela a codificação do real fora de Gilead, como o quadro de estampa de flores íris azul sem vidro, que está pendurado na parede acima da cadeira. Outro exemplo é quando o cheiro do ginásio a faz sentir as possíveis sensações ali antes existentes: “havia sexo antigo naquele espaço, e solidão, e expectativa, de alguma coisa sem forma nem nome” (ATWOOD, 2017, p. 11). Para Bastos (1988):

Num horizonte de expectativas, o desejo de esgotar o real, cabe registrar que toda codificação é representação parcial do real e que existem várias representações para um dado real - a representação é, portanto, plural. Neste sentido, os símbolos não são, somente, representações do objeto, mas representações de concepções do objeto (BASTOS, 1998, p. 2).

No romance em geral, cada personagem interage de forma diferente com o espaço, na geografia humana essa interação é descrita por Milton Santos (2006) que cita as palavras de E. Laclau para descrever a interação objeto/espaço e sua significação como:

Do ponto de vista do evento, é, também, necessário discernir entre a existência do objeto e o valor do objeto. O objeto tem uma realidade *per se*, que vem da sua constituição material. Um objeto tomado isoladamente tem um valor como coisa, mas o seu valor como dado social vem de sua existência relacional. É o caráter contingente do ser dos objetos de que fala E. Laclau (LACLAU, 1990, p. 119, **apud** SANTOS, 2006, p. 102).

A falta de objetos em um determinado espaço também tem significação, como, por exemplo, a falta de espelhos para as Aias, pois significam a vaidade a ser evitada: “o tempo aqui é medido por sinos, como outrora nos conventos de freiras. Também como nos conventos, existem poucos espelhos” (ATWOOD, 2017, p. 16). A vaidade em Gilead deve ser evitada a todo custo pelas mulheres, pois significa luxúria e perversão.

De acordo com Santos (2006), o objeto “tem autonomia de existência, devida à sua existência corpórea, mas não tem autonomia de significação” (SANTOS, 2006, p. 102), e o que confere significação ao objeto são suas constantes relações em movimento com o indivíduo colocado em interação com esse. As sensações percebidas por Offred ao descrever o cenário do antigo ginásio são fruto de sua experiência ou de alguém que ela imagina ter conexão com aquele lugar, os objetos por ela descritos têm seu valor a partir do momento que ela atribui suas próprias experiências e lembranças a eles. Para Tuan “o lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe uma personalidade geométrica (TUAN, 2015, p. 26).

As Aias têm seus horários controlados e ocupados com algumas atividades para que não tenham tempo de pensar em fugir. Como se fosse fácil fugir. Como revela a seguinte passagem:

Estava no ar; e ainda estava no ar, como uma reflexão tardia, enquanto tentávamos dormir, nos catres do exército que haviam sido dispostos em fileiras, espaçados de modo que não pudéssemos conversar. Tínhamos cobertas, lençóis de flanela de algodão, como as de crianças, e cobertores padrão fabricados para o exército, dos antigos que ainda diziam U.S. Dobrávamos nossas roupas cuidadosamente e as colocávamos sobre os banquinhos aos pés da cama (ATWOOD, 2017, p. 12).

Quando se fala de espaço na literatura, não se trata apenas da descrição de território. O espaço psicologicamente conceitualizado pelos personagens também é levado em consideração, como num monólogo interior ou num fluxo de consciência, em que as ações desses personagens acontecem, sobretudo interiormente. Espaço que Ozíris Borges Filho (2008) chama de **imaginativo**: “quando os lugares citados na obra literária não existem no mundo real. São lugares inventados, imaginados pelo narrador, no entanto, são lugares semelhantes aos que vemos em nosso mundo” (FILHO, 2008, p. 3). Controlar esse espaço imaginativo também é uma forma de poder de controle pessoal, e Offred busca apaziguar seus pensamentos, pois num regime totalitário parece que conseguem controlar até os pensamentos, que muitas vezes podem levar o indivíduo a cometer ações erradas e sem volta, como o romance sugere no trecho seguinte:

Tento não pensar demais. Como outras coisas agora os pensamentos devem ser racionados. Há muita coisa que não é produtivo pensar. Pensar pode prejudicar suas chances, e eu pretendo durar. Sei porque não há nenhum vidro na frente do quadro de íris azuis, e porque a janela só se abre parcialmente e porque o vidro nela é inquebrável. Não é de fugas que eles têm medo. Não iríamos muito longe. São daquelas outras fugas, aquelas que você pode abrir em si mesma, se tiver um instrumento cortante (ATWOOD, 2017, p. 12).

Filho (2008) sustenta a ideia de que no romance em geral, é possível prever as ações do personagem também através do espaço, que é um indicador. Muitas vezes, as ações podem ser guiadas pelo espaço de ação, ora limitador, ora ampliador de possibilidades de movimento:

Muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão as atitudes da personagem, pois essas ações já foram indiciadas no espaço que a mesma ocupa. Note que esses espaços são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou freqüentam com grande assiduidade (FILHO, 2008, p.1).

Para Mieke Ball (1990) a forma como os objetos estão dispostos em um espaço, ou sua configuração, pode influenciar na percepção do indivíduo sobre esse espaço, e o novo governo de Gilead sabe que nem todos aceitaram de bom grado as novas exigências, portanto,

tenta antecipar os fatos através da interpretação e reação do outro, logo, conseqüentemente, agir e antecipar acontecimentos através das disposições dos objetos no espaço é uma forma de prolongar-se no poder.

Através dos mínimos detalhes pensados para o espaço onde essas mulheres foram alojadas, como um quadro sem vidro, uma janela que não se abre por inteiro com o vidro inquebrável, o governo é capaz de antecipar algumas ações que poderiam ser pensadas pelas Aias, como se matarem, por exemplo, pois, com a escassez da natalidade, as Aias são essenciais nesse novo regime marcado pela infertilidade, que pode espelhar também a infertilidade ao nível dos direitos humanos e dos ideais políticos democráticos. As mulheres férteis são raras, portanto, mesmo que sejam “impuras” para a nova ordem, suas vidas devem ser cuidadosamente preservadas:

Uma cadeira, uma cama, um abajur. Acima no teto branco, um ornamento em relevo na forma de uma coroa de flores, e no centro dele um espaço vazio, coberto de reboco, como o espaço em um rosto onde o olho foi tirado fora. Deve ter havido um lustre, antes. Eles tinham removido qualquer coisa em que você pudesse amarrar uma corda (ATWOOD, 2017, p. 15).

Offred tenta se familiarizar com seu novo espaço, com o lugar que fazem, a todo custo, pensar que é seu novo lar, no entanto, ela não se sente parte dele e não quer fazer parte, reluta em aceitar, porém, para sua sobrevivência, de forma singela e cautelosa, o faz: “A porta do quarto – não do *meu* quarto, me recuso a dizer *meu* – não está trancada” (ATWOOD, 2017, p. 16). A protagonista continua a descrever os espaços da casa como se buscasse reconhecimento em um lugar totalmente estranho para ela: “saio para o corredor bem encerado, que tem uma passadeira no centro, de um tom rosa-acinzentado. Como uma trilha aberta em meio à floresta, como um tapete para a realeza, mostra-me o caminho” (ATWOOD, 2017, p. 16-17).

Uma vez na casa do Comandante, Offred sente-se sempre vigiada, pois os Olhos estão sempre à espreita, observando-a. Seu espaço transitório é bastante limitado, pode ser resumido entre a cozinha, o quarto em que dorme e a sala de jantar, quando é convocada. Os demais cômodos são para ela proibidos, o quarto do Comandante só é a ela permitido acesso nas noites em que ela deve cumprir seu papel de procriadora e deitar-se com ele, acomodada sobre os joelhos da Esposa do Comandante, numa posição de inferioridade, uma vez que a essas Aias não é permitido comparar-se com as respeitadas Esposas, elas estarão sempre em uma posição abaixo dos joelhos, nunca acima.

Sobre o papel das Esposas, pode-se dizer que pouca serventia lhes é atribuída, seu trabalho se resume a fazer tricôs e cuidar dos jardins, que, aliás, seriam os únicos lugares onde elas teriam alguma autoridade e utilidade. Offred descreve bem o lugar das esposas na seguinte passagem do romance: “O Jardim é o domínio da Esposa do Comandante” (ATWOOD, 2017, p. 21). A Esposa faz questão de demonstrar que ela é capaz de cuidar bem de algo, que é caprichosa, tem habilidades e serventia, num espaço associado à beleza (feminina) e à natureza (fertilidade das flores e plantas):

Saio pela porta dos fundos, para o jardim, que é grande e bem cuidado: um gramado no meio, um salgueiro, amentilhos floridos; ao redor das bordas, os canteiros de flores, nos quais os narcisos agora começam a desaparecer e as tulipas estão abrindo suas pétalas, derramando-se em cores. As tulipas são vermelhas, de um tom carmesim mais escuro junto aos talos; como se tivesse sido cortada ali e estivessem começando a sarar (ATWOOD, 2017, p. 21).

Offred percebe que essa falta de utilidade é atribuída a todas as Esposas quando ela diz que “muitas Esposas têm jardins desse tipo, é alguma coisa para organizarem e manter e cuidar, dar as ordens” (ATWOOD, 2017, p. 21), pois, dentro de casa as Esposas não têm voz ativa.

Normalmente, as Esposas e as Aias não têm contato umas com as outras, ao menos que seja necessário, como relata Offred “Ela não fala comigo, ao menos que não possa evitar. Sou uma vergonha para ela; e uma necessidade” (ATWOOD, 2017, p. 22), o que veicula a separação exigida às mulheres que servem o regime, para que não possa haver intimidade, emotividade e também revolta. O isolamento e a inimizade são, portanto, armas políticas do governo de Gilead para enfraquecer as mulheres, que se segregam entre si, e ajudar a manter o regime, que apenas necessita da sua mão-de-obra e úteros, no que diz respeito, respectivamente, às Martas e às Aias, enquanto as Esposas são, sobretudo, companheiras e ‘gestoras’ do lar, muitas vezes disfuncionais, que vivem de fachada.

Quando Offred é enviada para a casa de seu novo Comandante ela é recebida pela Esposa, Serena Joy, apesar de normalmente as Aias serem recebidas em seu primeiro dia pelas Marthas, que se ocupam dos afazeres domésticos. Num primeiro momento, Serena impede a passagem de Offred e fica parada no vão da porta, como se não a quisesse deixar entrar, ou seja, trata-se de um aviso de que a dona da casa é ela, e que outra mulher apenas entraria naquele espaço com sua autorização: “Queria fazer com que eu sentisse que não poderia entrar em sua casa ao menos que ela me autorizasse” (ATWOOD, 2017, p. 22).

A reluta da Esposa em deixar Offred entrar em sua casa é por sentir seu espaço invadido por uma estranha, uma mulher que ela sabe o que veio fazer, que irá se deitar em sua cama

com o seu marido, e por mais que tudo isso seja considerado por ela como um mero acordo comercial, ela se incomoda e sente-se invadida, aquele espaço é o seu território de poderil, mesmo que, na verdade, quem tenha voz ativa seja o Comandante. Bachelard (1979) defende que a imagem da casa parece se transformar na topografia do nosso ser íntimo, portanto, a Esposa do comandante não quer ter sua intimidade invadida por uma estranha com quem seu marido terá um filho, algo que ela não lhe pode dar.

Ao adentrar na casa desconhecida, Offred busca formas de se adaptar e sobreviver em um espaço minado, repleto de armadilhas. O lugar onde Offred encontra a maneira mais viável de organizar seus pensamentos e dialogar consigo mesma é no seu quarto. Outra Aia já havia dormido naquele lugar, e esse quarto, juntamente com as fortes recordações deixadas pela Aia anterior a faz sentir esperançosa e sã: “A noite é minha, meu próprio tempo, para eu fazer o que quiser, desde que fique quieta. Desde que não me mexa” (ATWOOD, 2017, p. 49).

O quarto é o único lugar da casa em que Offred se sente íntima, com alguma ligação, finalmente ela se rende ao fato de que precisa reconhecer algum lugar como seu, e o quarto que antes ela ignorava agora faz parte de seu íntimo e sua vontade de ter seu próprio lugar, que pode ser estudado através do que Bachelard (1979) chama de **topoanálise**: “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1979, p. 202). Já Filho (2008) diverge, em parte, da definição de Bachelard e diz que a topoanálise vai muito além das ligações do espaço com a vida íntima do indivíduo:

Apesar de aceitarmos a sugestão de Bachelard em relação à terminologia, divergimos do pensador francês em relação à definição. Por topoanálise, entendemos mais do que o “estudo psicológico”, pois a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais etc., fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural (FILHO, 2008, p. 1).

Filho (2008) acredita ainda que “a primeira tarefa de uma topoanálise é o levantamento dos espaços do texto, uma espécie de topografia literária. Assim sendo, é interessante termos, desde já, um critério de divisão para essa topografia” (FILHO, 2008, p. 4). Offred finalmente rende-se à sua vontade de criar intimidade com seu novo quarto, mesmo sabendo que é passageiro, sente vontade de ter um lugar para chamar de seu e, conseqüentemente, de descobrir sua identidade, “meu quarto, então, que seja. Tem de haver algum espaço, afinal, que eu chame de meu, mesmo nesses tempos” (ATWOOD, 2017, p. 63), logo, ela apossa-se daquele quarto que antes desprezara, e, como enfatiza Filho, “esses não são espaços em que a personagem vive, mas são espaços transitórios, muitas vezes, casuais. Assim, em

determinadas cenas, observamos que existe uma analogia entre o espaço que a personagem ocupa e o seu sentimento” (2008, p. 2).

Este mesmo tema do quarto-cubículo da Aia recorda o ensaio feminista de Virginia Woolf, *A Room of One's Own* (*Um teto todo seu* – 1929/1985) que reclama para as mulheres um espaço de ação próprio e denúncia à falta de direitos das mulheres. Se trata de um ensaio da autora em que ela disserta sobre “as mulheres e a ficção”, na verdade é um compilado de ideias produzidas para uma palestra que Woolf foi convidada a ministrar em duas universidades inglesas exclusivas para mulheres (Newham e Girton) na década de 1920. O texto de Woolf abarca questionamentos ainda atuais sobre as condições sociais da mulher e sua influência na produção literária:

Se apenas a sra. Seton e sua mãe e a mãe de sua mãe tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem deixado seu dinheiro, como fizeram seus pais e seus avós antes deles, para instituir *fellowships* e docências-livres e prêmios e bolsas de estudo apropriadas para o uso dos membros de seu próprio sexo, poderíamos ter jantado aqui em cima, sozinhas e bem razoavelmente, uma ave e uma garrafa de vinho; poderíamos ter antecipado, sem indevida confiança, uma vida agradável e honrada no refúgio de uma das profissões generosamente beneficiadas (WOOLF, 1985, 28).

Woolf questiona se as mulheres tivessem o mesmo espaço de ocupação e destaque que os homens tiveram durante o decorrer da história, o que elas seriam capazes de fazer, ou ser:

Poderíamos ter estado explorando ou escrevendo; vagueado pelos lugares veneráveis da Terra; sentado, contemplativas, nos degraus do Partenon, ou ido para um escritório às dez da manhã e voltado tranqüilamente para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia. Só que, se a sra. Seton e outra igual a ela tivessem entrado no mundo dos negócios aos quinze anos de idade, não teria havido — e esse era o ponto fraco da argumentação — Mary alguma (WOOLF, 1985, p, 28-29).

As mulheres tiveram que lutar por sua independência, por ter o direito ao estudo, a ter seu próprio dinheiro e poder gastá-lo conforme julgar ser a melhor maneira. Durante muitos séculos o direito de estudar e gastar o dinheiro da “família” esteve nas mãos do marido, o dono da casa e provedor do lar, os espaços de ação eram exclusivamente ocupados pelos homens, às mulheres restara o silêncio da obediência doméstica:

Além disso, é igualmente inútil perguntar o que teria acontecido se a sra. Seton e sua mãe, e a mãe de sua mãe, tivessem acumulado uma grande riqueza e a tivessem depositado aos cuidados das fundações da faculdade e da biblioteca, porque, em primeiro lugar, lhes era impossível ganhar dinheiro e, em segundo, se tivesse sido possível, a lei lhes negava o direito de possuírem qualquer dinheiro ganho. Só nos últimos quarenta e oito anos é que a sra. Seton pôde ter algum centavo de seu. Em todos os séculos antes disso, o dinheiro teria sido propriedade do marido — um pensamento que talvez tenha contribuído para manter a sra. Seton e sua mãe fora da Bolsa de Valores. Cada centavo que eu ganhe, teriam dito elas, será retirado de mim e empregado de acordo com o critério de meu marido [...] de modo

que ganhar dinheiro, mesmo que eu pudesse ganhá-lo, não é um assunto de grande interesse para mim. É melhor deixar isso para o meu marido (WOOLF, 1985, p. 29-30).

Em *O Conto da Aia*, quando é chegada a hora do que eles chamam de Cerimônia, o momento de consumir o ato da fertilidade, Offred está deitada de barriga para cima, entre as pernas de Serena Joy, o Comandante por cima. Offred está de olhos fechados, e em seu interior busca pensar na decoração do quarto como forma de escapar da realidade em que se encontra, da situação vexatória a que é submetida, procura lembrar-se de cada detalhe para passar o tempo até que o ato termine:

O que poderia ver, se abrisse meus olhos, seria o grande dossel branco, da enorme cama de quatro colunas em estilo colonial de Serena Joy, suspenso como uma nuvem pendente acima de nós, uma nuvem ornada com minúsculas gotas de chuva de prata que, se olhadas de perto, se revelariam ser flores de quatro pétalas. Eu não veria o tapete, que é branco, nem as cortinas enfeitadas com ramos e a penteadeira orlada de saia com seu conjunto de escova e espelho com dorso de prata; apenas o dossel, que consegue sugerir exatamente e ao mesmo tempo, pela qualidade diáfana de seu tecido e do bojo de sua curva pesada para baixo, a qualidade de ser etéreo e matéria (ATWOOD, 2017, p. 114).

Relativamente há um controle do corpo e da mente das Aias nos espaços exteriores, nas ruas é permitido às Aias andarem apenas em pares, pois se caso uma delas tentar fugir a outra seria obrigada a delatá-la, e mesmo assim há câmeras por todos os lados, e há Olhos em todas as esquinas, num estado também marcado pela vigilância humana e tecnológica, que controlam os movimentos e os corpos das mulheres de Gilead, quando muitas delas aí permanecem prisioneiras, sem poder ver seus filhos, sonham com a fuga para o Canadá. Suas saídas são limitadas a irem aos pontos de vendas do comércio para comprarem apenas o necessário, o dinheiro foi extinto, elas usam vales com figuras de acordo com o produto que irão comprar, já que às mulheres não é mais permitido ler, nas fachadas das lojas também foram trocadas as letras por figuras do que cada estabelecimento comercializa, ou seja, a ausência de escrita equivale à ausência de saber e de pensamento crítico, e logo de autonomia e de capacidade de revolta.

Segundo Bastos (1993), “significado [de palavras e símbolos] resulta de um modo de representação e vem nele embutido, estabelecendo uma íntima associação significante – significado” (BASTOS, 1993, p. 2). Outro significado para a alteração dos letreiros por imagens é que para Gilead até mesmo os nomes das lojas seriam consideradas distrações e tentações, como é descrito por Offred, “quando decidiram que mesmo os nomes de lojas eram tentações demais para nós. Agora os lugares são conhecidos apenas pelas figuras desenhadas nas insígnias em madeira” (ATWOOD, 2017, p. 36).

Logo que começa a caminhar Offred descreve as ruas de acordo com seu olhar e seus sentidos ao entrar em contato com o mundo exterior da casa do Comandante: “A rua é quase como um museu, ou uma rua numa cidade modelo construída para mostrar a maneira como as pessoas costumavam viver. Como naquelas fotografias, naqueles museus, naquelas cidades modelos, não há crianças” (ATWOOD, 2017, p. 34).

Offred conhece sua nova companheira, Ofglen, e, no início de suas caminhadas, as duas não conversam, utilizam apenas cumprimentos mecânicos que são obrigadas a seguir, “– Bendito seja o fruto – diz ela para mim, a expressão de cumprimento considerada correta entre nós. – Que possa o senhor abrir – respondo, a resposta também correta” (ATWOOD, 2017, p. 29), conversas robotizadas e ortodoxas. Nessa nova regência teocrática é necessário seguir as aparências e as mulheres desconfiam sempre umas das outras, afinal, são ensinadas a delatar a colega que infringir as leis, pois devem ser sempre fiéis às leis de Deus em primeiro lugar, ninguém é confiável, nem mesmo se for da mesma casta social.

A narradora busca memorizar cada espaço, por menor que seja, brechas para sua fuga. Quando se torna mais íntima de Ofglen pede a ela que mudem de rota, apenas para ver novas possibilidades, o território está cercado de todos os lados, mas ela sabe que há brechas, e ela procura esses espaços (liminares) de passagem que lhe permitirão a liberdade. A única forma de sair da submissão em Gilead é cruzando as fronteiras.

Outro lugar importante na narrativa é o escritório do Comandante, todos os comandantes de alta patente possuem um. Offred descreve o lugar com riqueza de detalhes, sua reação é de nostalgia representada pela definição do espaço e dos objetos:

O que está do outro lado é vida normal. Eu deveria dizer: o que está do outro lado parece ser vida normal. Há uma escrivaninha, é claro, com um Compufala sobre o tampo, uma poltrona de couro preto atrás. Há uma planta num vaso sobre a escrivaninha, um conjunto de porta canetas, papéis. Há um tapete oriental no assoalho, e uma lareira sem fogo aceso dentro dela. Há um pequeno sofá, estofado com tecido aveludado marrom, um aparelho de televisão, uma mesinha de canto, um par de cadeiras (ATWOOD, 2017, p. 166).

É no escritório que o Comandante guarda os livros e revistas proibidos, mais por uma questão de ostentação e status do que por prazer em ler, na verdade, o Comandante nem costuma ler tanto, entretanto, gosta de possuí-los, pois isso demonstra poder e acesso a objetos proibidos e subversivos: “Mas por toda parte sobre as paredes há estantes. Elas estão cheias de livros. Livros e livros e livros, bem ali, bem visíveis a olho nu, sem trancas, sem caixas. Não é de espantar que não possamos entrar aqui. É um oásis do que é proibido. Tento não ficar olhando” (ATWOOD, 2017, p. 166).

Os livros são considerados altamente perigosos, e, no escritório, que funciona como um cofre que guarda elementos culturais proibidos, não são apenas os livros e revistas que são guardados, mas tudo que é proibido e considerado perigoso para o restante da sociedade.

O escritório é o lugar da casa onde o Comandante pode se desarmar, é o seu lugar, onde ele pode se despir e apresentar suas vulnerabilidades. Um lugar proibido para qualquer outro membro da casa entrar, inclusive para a Esposa, nem as Marthas podem entrar para fazer a limpeza, a faxina do local é feita pelos Guardiões (homens). Porém, o Comandante resolve se arriscar e convida Offred para visitá-lo em seu escritório durante as noites, no início apenas jogavam mexe-mexe, um jogo proibido que o Comandante tem o privilégio de possuir. Offred reluta de início, “minha presença aqui é ilegal. É proibido para nós estarmos sozinhas com os Comandantes. Somos para fins de procriação: não somos concubinas, garotas gueixas, cortesãs” (ATWOOD, 2017, p. 165), porém, resolve aceitar o convite e utilizar essa oportunidade para descobrir os pontos fracos do Comandante para quem sabe, descobrir uma forma de fugir: “Quero saber o que ele quer” (ATWOOD, 2017, p. 166), a narradora continua:

Levanto a mão, bato, na porta do aposento proibido onde nunca estive, onde mulheres não entram. Nem mesmo Serena Joy vem aqui, e a limpeza é feita por guardiões. Que segredos, que totens masculinos são guardados aqui?”
Tenho ordem de entrar. Abro a porta, entro (ATWOOD, 2017, p. 166).

Vê-se que Offred primeiro bate na porta e pede permissão para entrar no escritório, ela não pode entrar sem antes fazer esse ritual, pois é um lugar considerado sagrado para o Comandante, e apenas com sua permissão e confiança alguém pode adentrar nesse espaço, então o Comandante dá sua autorização para Offred entrar. “– Venha – diz ele. – Você pode sentar” (ATWOOD, 2017, p. 167). Bachelard argumenta sobre as memórias dos diversos espaços da casa e afirma que:

Bem entendido, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios (BACHELARD, 1979, p. 202).

O escritório do Comandante pode representar o sótão/porão da casa, e também Offred o passa a frequentar, subvertendo assim a ordem de gênero e classe no lar do seu ‘dono’, ou seja, utiliza esse espaço de sedução para conseguir seu objetivo, fazendo uso do seu poder quer informal, quer como confidente e companheira, ou erótico. É no escritório que o Comandante guarda as lembranças do passado através de revistas, livros, do jogo de mexe-mexe, entre outros objetos, bem como as recordações de quem um dia ele foi, é para esse

lugar que ele volta quando quer recordar de seu passado, da sua verdadeira identidade, por isso não é qualquer um que pode entrar naquele espaço, porque ele revela a verdadeira identidade do Comandante.

É nesse lugar considerado seu refúgio que ele e Offred têm seu primeiro beijo e se relacionam de maneira mais íntima, ele se despe completamente de sua armadura de poderoso e intocável Comandante para mostrar-se de verdade.

Além de ser seu refúgio, o escritório faz o Comandante retornar ao que Bachelard chama de casa natal, a primeira casa em que o indivíduo morou, onde ele pode de olhos fechados reconhecer os espaços ali antes existentes:

Mas, além das lembranças, a casa natal está fisicamente inscrita em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos. A cada vinte anos, apesar de todas as escadas anônimas, reencontraríamos os reflexos da "primeira escada", não teimaríamos em permanecer num degrau um pouco alto. Todo o ser da casa se desdobraria, fiel a nosso ser. Empurraríamos com o mesmo gesto a porta que range e iríamos sem luz até o sótão distante. Mesmo o menor trinco ficou em nossas mãos. As casas sucessivas em que habitamos mais tarde tornaram banais os nossos gestos. Mas ficamos surpreendidos quando voltamos à velha casa, depois de décadas de odisséia, com que os gestos mais hábeis, os gestos primeiros fiquem vivos, perfeitos para sempre. Em suma, a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar (BACHELARD, 1979, p. 206-207).

Offred também busca o reconhecimento de sua casa natal, tanto ela quanto o Comandante buscam constantemente recuperar em suas memórias os vestígios do que foram um dia, sendo esses espaços também espaços de memória autobiográfica, que atenuam a experiência traumática para homens e mulheres em Gilead, pois a masculinidade tóxica e cruel acaba por castigar também os homens, mesmo que eles não se apercebam. O escritório tornou-se esse espaço que proporciona aos dois retornarem para onde vieram, através dos objetos antigos ali existentes e por ser o único lugar de “liberdade” em que podem falar de seus passados sem que sejam punidos ou recriminados. No que tange à Casa natal:

Mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos. Cada um desses redutos foi um abrigo de sonhos. E o abrigo muitas vezes particularizou o sonho. Nela aprendemos hábitos de devaneio particular. A casa, o quarto, o sótão em que estivemos sozinhos, dão os quadros para um devaneio interminável, para um devaneio que só a poesia poderia, por uma obra, acabar, por fazer. Se damos a todos esses retiros sua função que foi abrigar sonhos, podemos dizer, como eu indicava em livro anterior, que existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro. Essa casa onírica é, dizia eu então, a cripta da casa natal (BACHELARD, 1979, p. 207).

Offred, que, de início, ficou apreensiva quanto aos encontros às escondidas com o Comandante, tem no escritório um segundo espaço de contemplação, além de seu quarto que ela antes relutara em aceitar como seu. Agora ela aceita e tem esses dois espaços para

confortá-la e minimizar seus anseios e angústias, o seu ‘cubículo’ é um espaço de evasão, de cultura e prazer carnal, uma fronteira que alivia a sua existência, pois as janelas e portas são fronteiras (espaços de passagem) para um exterior violento e mortal. Offred conquista assim os espaços interiores para posteriormente poder conquistar esse grande espaço aberto (mas vigiado) que é a fronteira entre Gilead e o Canadá.

Para dar continuidade à análise da interação do espaço com o indivíduo, o próximo subcapítulo procura explicar as consequências dessa delimitação de espaço nas interações interpessoais entre as mulheres de Gilead, principalmente entre as Aias.

3.3 Aprisionamento dos corpos através do espaço

“O que é a mulher?/ Naufrágio em terra. /Fonte do mal./ Tesouro de impureza de malícia. /Companhia mortífera. /Ruína dos olhos. /Morte das almas. /Flecha no coração. /Perdição dos jovens. / Cetro do inferno. / Mestra da concupiscência. /Causa diaboli. /Repouso da serpente. /Consolo do diabo. /Dor inconsolável. /Caminho de fogo. /Malícia incurável. /Ofensa dos que se salvam. /Amor vergonhoso. /Besta impudente./Ímpeto sumamente imoderado. /Violadora dos mais sublimes segredos. /Triunfo das trevas. /Inspiradora de crimes. /Mestra do prazer. /Conselheira do suplício eterno. /Prudência terrena. /Cegueira do homem. /Pugna voluntária. /Calamidade quotidiana. /Naufrágio do homem. /Arma do diabo. /Entretenimento diurno. /Hospedagem dos lascivos. /Serpente vestida. /Tempestade doméstica. /Monstro selvagem. /Albergue de adúlteros. /Loucura desejada. /Morte adornada. /Escola de demônios” (BERNARDES, 1974, p. 256-257 apud MARTINS, 2011, p. 36-37).

Este subcapítulo aborda as consequências das delimitações de espaço e território nas relações interpessoais, principalmente, entre as mulheres de Gilead e, especialmente, entre as Aias. Também verifica de que forma a vigilância e a restrição espacial afetam a comunicação e a confiança entre Aias e as outras castas de mulheres, como Offred lida com essa situação e o que ela faz, ou deixa de fazer, para diminuir o distanciamento entre ela e as outras mulheres, principalmente as de sua própria casta. A restrição do espaço tem participação fundamental no distanciamento da comunicação precária entre as mulheres de Gilead.

Federici (2017) retoma alguns pontos importantes sobre a transição do feudalismo para o capitalismo, além de retomar alguns discursos importantes como de Karl Marx e Michael Foucault, agora pela perspectiva das mulheres. Seu livro, inspirado na caça às bruxas, tanto da Europa dos séculos XVI e XVII quanto no Novo Mundo, disserta a respeito da importância do feminismo para a libertação do corpo das mulheres:

Partindo de uma análise da “política do corpo”, as feministas não somente revolucionaram o discurso filosófico e político, mas também passaram a revalorizar o corpo. Esse foi um passo necessário tanto para confrontar a negatividade que acarreta a identificação de feminilidade com corporalidade, como para criar uma visão mais holística do que significa ser um ser humano (FEDERICI, 2017, p. 32)

O governo de Gilead criou leis e condutas sociais que excluíram o feminismo e todas suas bandeiras de luta, inclusive o direito das mulheres sobre seus corpos e seu livre arbítrio. Para o grupo extremista o feminismo era um mal que deveria ser eliminado pela raiz. O feminismo e toda a liberdade que ele prega, para eles, estava causando nas mulheres a recusa das tradições familiares, a rejeição à maternidade, uma vez que o uso de anticoncepcionais, a liberdade para estudar e trabalhar faziam com que essas mulheres deixassem a maternidade em último plano, o que desencadeava um abandono dos valores cristãos do matrimônio pregados pelos Filhos de Jacó. Gilead também baniou de seu vocabulário todos os componentes que englobam a palavra sororidade e qualquer resquício de lembrança do conceito de feminismo, palavras que passaram a ser proibidas no novo governo. Bernardes (2016) define sororidade como:

Uma aliança firmada entre mulheres, baseada na empatia, irmandade e companheirismo. A palavra não existe na língua portuguesa, oficialmente. No dicionário, a que mais se aproxima seria a palavra fraternidade, advinda do termo latino *frater* (irmãos), a qual, não por coincidência, significa tanto solidariedade de irmãos como harmonia entre os homens. Do termo latino *sóror* (irmãs), nenhuma palavra tradicionalmente se originou, como se desde a formação da língua portuguesa já houvesse a intenção de naturalizar o fato de que, supostamente, relações harmoniosas e solidárias acontecem apenas entre homens (BENARDES, 2016, não paginado).

bell hooks (2018) afirma que “a sororidade é poderosa” (HOOKS, 2018, p. 22), e para usufruir desse poder é preciso criar uma base de apoio para que as mulheres entendam de fato seu significado e se unam em prol de sua libertação por completo. Para a autora, a união feminina pode trazer benefícios não apenas para as mulheres, mas para a sociedade como um todo:

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o *ethos* que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos “iguais na criação” (HOOKS, 2018, p. 11).

O próprio romance faz menção à palavra sororidade e seu significado, uma referência sutil, mas que representa a seriedade dessa construção de significados para a trama:

Confraternizar significa comportar-se como irmão. Luke me disse isso. Ele me disse que não existia palavra correspondente que significasse comportar-se como irmã. Teria que ser consororizar, disse ele. Do latim. Ele gostava de saber detalhes assim. As derivações de palavras, os usos curiosos. Eu costumava caçoar dele, dizer que era pedante (ATWOOD, 2017, p. 20).

Uma das formas de dissolução dessa unidade feminina é através da delimitação acentuada e do controle dos espaços proibidos e acessíveis às mulheres. Para ter controle sobre o espaço do Outro e direcioná-lo de maneira orgânica, primeiro é necessário assimilar o significado complexo de espaço e a sofisticação das variantes relacionadas ao indivíduo e sua interação com ele, e como refere Yi-fu Tuan, “‘espaço’ é um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias” (TUAN, 2015, p. 49); daí que:

Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo, existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fato: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais (TUAN, 2015, p. 49).

No romance de Atwood, *Serena Joy, a Esposa do Comandante e senhora de Offred*, foi uma das precursoras do novo regime de Gilead, porém, em alguns momentos ela também quebra algumas regras que ela mesma ajudou a criar e disseminar, como é observado na seguinte narração de Offred quando ela vê Serena fumando cigarro, algo que foi proibido e banido depois do novo governo, mas que algumas pessoas da alta sociedade conseguem com facilidade: “Sempre existe um mercado clandestino, sempre existe alguma coisa que pode ser trocada. Então ela era uma mulher que talvez violasse as regras. Mas o que eu possuía que pudesse ser trocado?” (ATWOOD, 2017, p. 24).

O romance não se aprofunda nos motivos que levam Serena a quebrar as regras, porém o cigarro se transforma em uma linguagem simbólica para Offred. Ele mostra a possibilidade de um possível acordo entre ela e sua senhora, um acordo que beneficiasse ambas e possivelmente pudesse levar Offred a descobrir o caminho para fugir de Gilead e encontrar sua filha e seu marido.

Offred continua sua descrição da cena e demonstra que também deseja quebrar as regras, ela deseja o cigarro proibido, o observa com detalhes, aquele cigarro lhe atrai. Offred parece gostar do proibido, da possibilidade de desobedecer aos mandos de um regime

totalitário em que ela não acredita, mas precisa segui-lo até encontrar a maneira de escapar: “olhei para o cigarro com desejo. Para mim, como álcool e café, cigarros eram proibidos” (ATWOOD, 2017, p. 24).

A proibição do cigarro não é apenas pela condição de mulher, mas sim pela condição de escrava em que Offred se encontra, uma vez que Serena Joy, mesmo sendo mulher, devido ao seu status econômico e social, consegue com facilidade produtos clandestinos, denunciando a máscara que caracteriza as famílias e os valores de Gilead. O que vale é o prestígio da casta social, apesar de Serena fazer parte de um grupo meramente figurativo, porém ela busca a todo momento demonstrar superioridade e colocar Offred em seu lugar de subalterna como na sequência de sua conversa em que ela permite que a Aia sente em sua sala, mas deixa claro que não será algo costumeiro dentro daquela casa: “Pode sentar. Não tenho o hábito de fazer isso, mas apenas desta vez” (ATWOOD, 2017, p. 24). Bourdieu (1989) compreende as relações sociais como o mundo social, que é representado na forma de um **espaço** compreendido por várias dimensões e que este é:

Construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que actuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, sua força ou poder no universo. Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas *posições relativas* neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço, e não se pode ocupar realmente duas regiões opostas do espaço – mesmo que tal seja concebível. Na medida em que as propriedades tidas em consideração para se construir este espaço são propriedades actuantes, ele pode ser descrito também como campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objetivas imposta a todos os que entrem nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às *interações* directas entre os agentes (BOURDIEU, 1989, p. 132).

Mais uma vez, através de pequenos gestos Serena Joy demonstra sua insatisfação de ter Offred em sua casa, para ela é uma invasora que lhe recorda a sua própria infertilidade, e assim como ela quebra a regra de fumar cigarros ela mostra para a Aia que é capaz de ir aos mais obscuros meios para preservar o que é seu, seu marido e seu território, sua casa, seu lugar sagrado que para ela está sendo poluído com a presença de uma mulher impura.

Relativamente a esse território que Serena defende como seu, pode-se recorrer às palavras de Filho (2008) ao alegar que a concepção de território se dá na “possibilidade de análise das relações de poder na obra literária. O cenário ou a natureza transformar-se-ão em território quando houver uma disputa por sua ocupação e/ou posse” (FILHO, 2008, p. 6). O autor defende ainda que “o conceito de território é extremamente útil para a análise literária” (FILHO, 2008, p. 6), e sobre a definição de território Souza (1995) conceitua que este é um “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p. 78).

Ademais, o território “é essencialmente um instrumento de exercício de poder: quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como” (SOUZA, 1995, p. 79).

Para Serena Joy, sua casa é a representação do que lhe restou de liberdade de comando sobre sua vida, uma vez que todo o resto lhe foi tirado, portanto, não deixará nenhuma forasteira ocupá-lo tão facilmente. Tatiana Mascari Areco (2019) defende que:

O discurso e a ação são necessários à vida humana e garantem que haja a compreensão entre os diferentes indivíduos, possibilitando a comunicação não apenas de sentimentos corporais, como fome e sede, mas também a expressão do homem em si [...] portanto, é agindo e discursando que o ser humano se manifesta enquanto pessoa, e não apenas enquanto objeto físico, e pode, com isso, revelar-se distinto dos outros. Ação e discurso, aliás, são atividades que pressupõem a existência de outras pessoas, que são realizadas em direção aos outros e sem as quais o indivíduo perderia seu caráter singular, e, por consequência, sua humanidade (ARECO, 2019, p. 10).

Filho (2008) propõe ainda que “outras vezes, o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira” (FILHO, 2008, p. 2). No romance *Serena Joy* busca, através de seu discurso, delimitar seu espaço de poder e esconder sua frustração em não conseguir cumprir seu papel de Esposa, o de gerar filhos para dar continuidade ao legado de seu marido: “quero ver você o mínimo possível, disse ela. Espero que se comporte da mesma forma com relação a mim” (ATWOOD, 2017, p. 25). Offred percebe que essa frustração está presente em todas as Esposas que ela conhece: “a Esposa em meu posto anterior àquele tinha passado a maior parte do tempo em seu quarto; as Marthas diziam que ela bebia. Eu queria que essa fosse diferente” (ATWOOD, 2017, p. 25).

O quarto é onde a Esposa demonstra suas fraquezas e frustrações, mas apenas para ela mesma, lá ela pode chorar, pode cobrir-se de sua insignificância e despir-se de sua armadura de mulher forte e inabalável. É o único lugar em que ela não precisa vestir-se das formalidades sociais a que é obrigada todos os dias diante da sociedade. É onde ela pode ser ela mesma, por isso ela passa boa parte do tempo em seu quarto, deitada em sua cama, e, como define Bachelard, “depois de um devaneio hipertrofiado, é preciso sempre voltar ao devaneio que se marca por sua simplicidade primeira. Sabemos perfeitamente que é preciso estar só para habitar uma concha. Vivendo a imagem, sabemos que admitimos a solidão (BACHELARD, 1979, p. 279-278). O autor descreve ainda a interação entre o indivíduo e seu quarto:

Portanto, há um sentido em dizer, no plano de uma filosofia da literatura e da poesia em que nos colocamos, que se “escreve um quarto”, que se “lê um quarto”, que se “lê uma casa”. Assim, rapidamente, desde as primeiras palavras, à primeira abertura poética, o leitor que

"leu um quarto" suspende sua leitura e começa a pensar em qualquer antiga morada. Você quereria dizer tudo sobre o seu quarto. Quereria interessar o leitor em você mesmo no momento em que você entreabre a porta do devaneio. Os valores de intimidade são tão absorventes que o leitor não lê mais seu quarto: revê o quarto dele (BACHELARD, 1979, p. 206).

Bachelard afirma ainda que “a casa da lembrança se torna psicologicamente complexa. A seus abrigos de solidão se associam o quarto e a sala em que reinaram os seres dominantes” (BACHELARD, 1979, p. 206), e o quarto de Serena Joy torna-se o templo de sua solidão e a manifestação de sua figuração em uma sociedade que forja seu respeito às Esposas e as colocam em um pedestal que não tem nenhuma serventia. Já Tuan argumenta que:

A palavra “corpo” sugere de imediato antes um objeto que um ser vivo e espiritual. O corpo é uma “coisa” e está no espaço ou ocupa espaço. Ao contrário, quando usamos os termos “homem” e “mundo”, não pensamos apenas no homem como um objeto no mundo, ocupando uma pequena parte do seu espaço, mas também no homem habitando o mundo, dirigindo-o e criando-o (TUAN, 2015, p. 49).

Diante do pressuposto aferido por Tuan, compreende-se que Serena Joy e seu quarto se transformam em um só objeto, os dois entrelaçam-se ao decorrer da interação indivíduo e espaço, portanto, ela se incomoda com a presença de Offred em seu quarto nos momentos da Cerimônia, um momento de tortura e desconforto tanto para ela quanto para Offred, que supõe: “para qual de nós duas é pior, para ela ou para mim?” (ATWOOD, 2017, p. 117).

Restringir os espaços em que as Aias podem circular também é uma forma de punição e exclusão. Ao delimitar onde e quando Offred tem permissão para deslocar-se é uma forma de punição, mantém o controle sobre ela e a exclui do círculo familiar. Serena Joy mostra que Offred não é bem-vinda e Offred sabe muito bem disso: “como ela deve me odiar” (ATWOOD, 2017, p. 111). Os principais momentos em que Serena Joy faz questão de demonstrar sua repugnância por Offred são os dias de Cerimônia que recordam a infertilidade da Esposa a toda a casa:

Serena começou a chorar. Posso ouvi-la, atrás de minhas costas. Não é a primeira vez. Ela sempre faz isso nas noites de Cerimônia. Está tentando não fazer nenhum barulho. Está tentando preservar sua dignidade, diante de todos nós. Os estofados e os tapetes abafam seus sons, mas podemos ouvi-la claramente a despeito disso. A tensão entre sua falta de controle e sua tentativa de reprimi-la é horrível. É como um peido numa igreja. Sinto como sempre uma enorme vontade de rir, mas não porque acho que seja engraçado. O cheiro de seu pranto se espalha sobre nós e fingimos ignorá-lo (ATWOOD, 2017, p. 111).

Serena não suporta o que esse ritual representa:

— Você pode se levantar agora — diz ela. — Levante-se e saia daqui. — Ela deveria me fazer descansar por dez minutos, com os pés apoiados num travesseiro para melhorar as

chances. Este deveria ser um momento de meditação silenciosa para ela, mas não está com estado de espírito para isso. Há repugnância em sua voz, como se o toque de minha carne lhe desse náuseas e a contaminasse (ATWOOD, 2017, p. 116-117).

Serena não perde a pose, mesmo sabendo que é ‘insignificante’ para o Comandante e para os homens do novo governo. Ela segura o ar de superioridade, finge ser dona da casa para acuar Offred e utiliza pequenos gestos para mostrar que é dona daquele espaço doméstico, estendendo a crueldade do regime dentro da sua própria casa. Offred sabe da insignificância de sua senhora, mas finge não saber:

O Comandante bate à porta. O bater é prescrito: presume-se que a sala de estar seja território de Serena Joy, presume-se que ele deva pedir permissão para entrar. Ela gosta de fazê-lo esperar. É uma ninharia, mas nesta casa as ninharias são muito importantes. Esta noite, contudo, ela nem sequer tem essa satisfação, porque antes que Serena Joy possa falar ele avança e entra no aposento de qualquer maneira. Talvez apenas tenha se esquecido do protocolo, mas talvez seja deliberado. Quem sabe o que ela lhe disse, sentada do outro lado da mesa de jantar incrustada de prata? Ou não disse (ATWOOD, 2017, p. 106).

Serena parece querer entrar em uma disputa por espaço com Offred, mas a Aia não parece ter essa intenção, ela quer apenas ganhar tempo para fugir de Gilead. Na verdade, aquela casa representa uma prisão para Offred, um lugar que ela não faz questão nenhuma de disputar, pois não pretende ficar por muito tempo, aquela casa representa tudo que Offred não quer, além disso, representa suas frustrações, seu medo, sua escravização, as lembranças das noites de estupro em que é obrigada a ter relações com o Comandante e a falta de liberdade. E sobre a função do espaço literário, Filho (2008) declara que:

Uma função muito simples do espaço é a de propiciar a ação que será desenvolvida pela personagem. Nesse caso, não há nenhuma influência sobre a ação. A personagem é pressionada por outros fatores a agir de tal maneira, não pelo espaço. Entretanto, ela age de determinada maneira, pois o espaço é favorável a essa ação (FILHO, 2008, p. 2).

A delimitação de espaço provoca uma rivalidade proposital entre as referidas personagens femininas. O confronto pelo espaço torna essas mulheres rivais, assim, o governo mantém a separação de castas que tanto prega, e ao mesmo tempo evita uma possível rebelião que poderia ser realizada caso essas mulheres se juntassem para combater o governo. Como recorda Bernardes:

Mas essa postura somente é possível a partir do momento em que as mulheres passam a perceber que o patriarcado, para manter o *status quo*, incentiva a desavença entre elas, para que estejam em eterna disputa, envolvendo-se em intrigas e comentários preconceituosos que destroem as subjetividades umas das outras. Trata-se, de fato, de uma estrutura de dominação e opressão que assume uma faceta cruel ao transformar as vítimas (mulheres) em suas próprias algozes, permitindo, com isso, que se deixe o campo livre para eles, os homens, ocuparem-se das questões que a elas dizem respeito. Enfraquecer a união entre as

mulheres é impedir que, coletivamente, seja questionado o lugar a elas imposto (BERNARDES, 2016, não paginado).

A própria relação entre as mulheres que deu origem a essa divisão de castas e ao tratamento das Aias como escravas reprodutivas é uma relação de rivalidade feminina, a competição bíblica entre duas irmãs, Lia e Raquel, para quem daria mais filhos ao homem da casa, Jacó. Nota-se que as duas acreditavam que para serem abençoadas por Deus era necessário gerarem herdeiros homens para seu marido, homens que dariam continuidade ao legado do pai e à profecia dada por Deus de que os filhos de Jacó comandariam nações.

Lia e Raquel eram irmãs, mas a necessidade de se mostrarem férteis, portanto, úteis aos olhos da sociedade de sua época despertava rivalidade entre elas. Ter mais filhos significava prestígio e respeito, elas estariam cumprindo seu papel de mulher, de procriadoras, e quando não podiam o fazer usavam suas criadas como barrigas de aluguel. Assim como as Esposas em Gilead utilizam o trunfo da maternidade para manterem seu falso prestígio perante a sociedade.

Em *O Conto da Aia*, a rivalidade feminina não está apenas entre Aias e Esposas, está entre todas as camadas sociais, até mesmo entre as mesmas castas, como é retratado por Offred quando ela conhece sua nova parceira de caminhadas Ofglen: “durante essas caminhadas ela nunca disse nada que não fosse estritamente ortodoxo, no entanto, nem eu. Pode ser uma verdadeira crente, uma Aia é mais do que apenas um título. Não posso correr o risco” (ATWOOD, 2017, p. 30).

As mulheres de Gilead estão a todo tempo brigando por território: as Esposas pelo comando da casa, as Marthas pelo comando da cozinha, as Tias pelo comando do Centro Vermelho, e as Aias buscam seu lugar nessa disputa de egos e rivalidade por *status*. Ter o poder sobre o espaço também é uma forma de sobrevivência e de possibilidade de fuga. Talvez as Aias sejam a única casta de mulheres de Gilead que ainda não conseguiu definir qual seu espaço, ou território. Marques afirma que na obra distópica:

O peso político dos regimes totalitários como elemento central dos romances (...) metamorfosearam-se e serviram como analogia para a apropriação dos modelos distópicos por escritoras feministas a partir dos anos 1960 para denunciar e questionar a opressão às mulheres e os modelos sociais impostos pelo patriarcado ocidental (MARQUES, 2014, p. 12-13).

A rivalidade feminina está presente nos mínimos detalhes, nas pequenas ações diárias, como é descrito por Offred no seguinte trecho do romance em que ela e Ofglen encontram três Econoesposas na rua que estavam saindo de um velório de um recém-nascido:

Paramos por um momento, em sinal de respeito, enquanto elas passam. Pergunto a mim mesma se Ofglen sente o que sinto, uma dor como uma pontada, na barriga. Colocamos as mãos sobre o coração para mostrar a essas mulheres desconhecidas que somos solidárias com elas em sua perda. Sob o véu, a primeira faz uma carranca para nós. Uma das outras se vira para o lado e cospe na calçada. As Econoesposas não gostam de nós (ATWOOD, 2017, p. 56).

Wolff (2020) afirma que a “união é primordial para fortalecer um grupo oprimido (WOLFF, 2020, p. 211), e o governo de Gilead trabalha incansavelmente para que essa união não aconteça, através das restrições estabelecidas a rivalidade feminina se acentua, mesmo entre as mulheres da mesma casta, como é narrado por Offred no seguinte trecho:

Viramo-nos e caminhamos juntas passando pelas grandes casas, em direção à parte central da cidade. Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Isso é supostamente para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável (ATWOOD, 2017, p. 29).

Manter a rivalidade entre as mulheres significa mantê-las distantes umas das outras para não haver confiança e cumplicidade entre elas, assim, o governo perpetua o poder sobre essas mulheres por mais tempo: “a força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une” (SANTOS, 2013, p. 93). Sobre este tema bell hooks (2018) compreende que:

Fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras (HOOKS, 2018, p. 22).

Uma rivalidade alimentada pelo sistema que faz com que as Aias sejam consideradas pelas outras mulheres como a representação de algo maligno, por exemplo, ela narra a visão que as Marthas têm sobre as Aias: “o rosto dela poderia ser gentil se ela sorrisse. Mas o cenho franzido não é nada pessoal contra mim: é o vestido vermelho que ela desaprova, e o que ele representa. Ela acha que pode ser contagioso, como uma doença ou algum tipo de má sorte” (ATWOOD, 2017, p. 18).

Offred deixa claro que há interferência estatal nessa relação entre as mulheres, existe um motivo pelo qual as Marthas não aprovam a casta das Aias, como no trecho em que ela mostra que sente vontade de confraternizar com elas, mas que essa aproximação não é possível: “mas mesmo se eu pedisse, mesmo se eu violasse o decoro a esse ponto, Rita não permitiria. Ela teria medo demais. As Marthas não devem confraternizar conosco”

(ATWOOD, 2017, p. 20). Nota-se que Offred diz ‘não devem’, ou seja, há uma barreira que impede as Aias de irmanar com as outras castas de mulheres, e essa barreira é a imposição estatal. Porém, Offred demonstra sentir vontade de chegar-se de Rita e Cora:

Hoje [...] eu gostaria de ficar aqui, na cozinha. Cora poderia entrar, vinda de alguma outra parte da casa [...] e Rita faria um café [...] e nos sentaríamos à mesa da cozinha de Rita, que não é de Rita tanto quanto a minha mesa não é minha, e conversaríamos, sobre nossos grandes e pequenos males, dores e incômodos, doenças, sobre nossos pés e nossas costas, todos os diferentes tipos de peças que nossos corpos, como crianças travessas, podem nos pregar. Daríamos acenos de cabeça, à guisa de pontuação para as vozes umas das outras, num sinal de que sim, sabemos tudo a respeito disso. Trocaríamos remédios e tentaríamos superar umas às outras nos relatos de nossos sofrimentos físicos, nos queixaríamos suavemente, as vozes mansas e em tom menor e chorosas como as de pombas nas calhas dos telhados. *Eu sei do que você está falando*, diríamos. Ou uma expressão antiquada por vezes ainda se ouve, de gente mais velha: *Conheço os passos dessa estrada, já passei por ela*, como se a própria voz fosse um viajante, chegando de um lugar distante. O que de fato seria, o que de fato é.

Como eu costumava desprezar esse tipo de conversa. Agora anseio por elas. Pelo menos eram conversas. Uma troca, por menor que fosse (ATWOOD, 2017, p. 19).

Outra causa de rivalidade entre as mulheres de Gilead é a gestação. Nessa sociedade em que o ato de gerar vidas é raro a gravidez pode se tornar alvo de inveja e cobiça. Offred narra que quando uma Aia está grávida ela se torna algo divino, é o único momento em que essas mulheres são reverenciadas, pois ela carrega dentro de si algo raro e precioso para a sociedade, a vida. É o que Offred narra na passagem em que ela e Ofglen entram em um supermercado para fazer compras e uma Aia grávida entra no estabelecimento: “ela é uma presença mágica para nós, um objeto de inveja e desejo, nós a cobiçamos. Ela é uma bandeira no alto de uma colina que nos mostra o que ainda pode ser feito: também podemos ser salvas” (ATWOOD, 2017, p. 37).

Quando uma Aia está grávida o certo a se fazer, segundo as normas, é deixar os afazeres de lado e ficar em repouso na casa de seu Comandante, andar nas ruas pode ser perigoso para ela, pois as outras mulheres podem ascender a chama da inveja e colocar a vida dela e da criança em risco. Neste momento a casa do Comandante torna-se o refúgio mais seguro para uma Aia, lá ela será bem tratada e protegida durante a gestação. A rua, que para as Aias é sinônimo de liberdade e distração, torna-se um lugar perigoso para suas vidas durante esse período. É o que Offred apresenta em seu seguinte relato, enquanto está a espera na fila do supermercado:

As mulheres no aposento estão cochichando, quase falando, tão grande é a excitação delas.
– Quem é? – Ouço atrás de mim.
– Ofwayne. Não, Ofwarren.
– Exibida – sibila uma voz, e isso é verdade. Uma mulher grávida não tem que sair, não tem que fazer compras [...] Poderia ficar em casa. E é perigoso para ela estar fora de casa,

deve haver um Guardião postado do lado de fora da porta, esperando por ela. Agora que é portadora de vida, está mais próxima da morte e precisa de segurança especial. Poderia ser vitimada pelo ciúme. Todas as crianças agora são queridas, mas não por todo mundo (ATWOOD, 2017, p. 37-38).

Observa-se que até mesmo Offred, em seu discurso quando ela diz ‘isso é verdade’, acredita na divindade e magia de uma mulher grávida, ela acredita nos fundamentos da maternidade divina pregada pelo governo. Aos poucos Offred parece se acostumar com os discursos propagados pelo Estado através das Tias.

Em Gilead as mulheres são levadas a importar-se com as mínimas ninharias da vida cotidiana, a interação social entre as mulheres se resume em observar como as outras mulheres estão se comportando, como elas andam, o que comem, se estão realizando bem as tarefas domésticas, tudo isso numa espécie de competição, até mesmo emulação da vida social da outra, como demonstrado por Offred no seguinte trecho:

Em seguida entramos no Toda Carne, que é identificado por uma grande costeleta de porco de madeira pendurada em duas correntes. Não há uma fila tão grande ali: a carne é cara, e mesmo os Comandantes não comem carne todos os dias. Ofglen, contudo, compra bife, e esta é a segunda vez esta semana. Contarei isso às Marthas: é o tipo de coisa que gostam de saber. Elas se interessam muito em saber como outras casas de família são administradas; esse tipo de bisbilhotice mesquinha lhes dá oportunidade de sentir orgulho ou descontentamento (ATWOOD, 2017, p. 39).

Sack (1983) cita seu próprio texto *Territorial bases of power* (1981), para dizer que por territorialidade humana, ele entende que é a tentativa de afetar, influenciar, ou controlar ações de pessoas, coisas e relacionamentos, afirmando e tentando impor o controle sobre uma área geográfica. Essa tentativa de controle sobre a vida humana pode ser percebida nessas interações de observação das mulheres de Gilead sobre a vida das outras. O governo restringe as relações interpessoais entre essas mulheres para que coisas pequenas e irrisórias ocupem seu tempo e sua mente, o supermercado é o espaço em que elas podem fazer isso, é como uma distração, ao se encontrarem em um lugar específico elas aguçam a curiosidade sobre a vida da família da outra e esquecem de se preocupar com o que o governo está fazendo com suas próprias vidas.

O supermercado é o lugar onde essas mulheres podem encontrar conhecidas do passado também, segundo Offred “aqui, fazendo compras, é onde você pode ver alguém que conheceu no tempo de antes, ou no Centro Vermelho. O simples fato de vislumbrar um rosto assim é um encorajamento” (ATWOOD, 2017, p. 37). O supermercado é o lugar onde acontece as interações sociais entre as Aias.

Porém, o governo de Gilead busca ferramentas para que essa interação social entre as mulheres sejam meras distrações, a cumplicidade e amizade entre elas não pode existir. Até mesmo sorrir para outra mulher pode soar como uma tentativa de aproximação, de tentar fazer amizade, algo que seria repulsivo para a nova ordem instaurada: “– Está bem – respondo. Não sorrio. Por que tentá-la com amizade?” (ATWOOD, 2017, p. 20). Offred busca compreender o porquê essa rivalidade acontece, mesmo sem entender direito, às vezes, se coloca no lugar das outras mulheres, porém, até ela é contaminada por essa onda de rivalidade feminina:

Serena Joy tinha mudado pra mim, também. Houve uma época em que eu apenas a odiava, pelo papel que desempenhava no que estava sendo feito comigo; e também porque ela me odiava e se ressentia de minha presença, e porque seria ela quem criaria meu filho, se eu afinal fosse capaz de ter um. Mas agora, embora ainda a odiasse, não mais do que antes, quando estava agarrando minhas mãos com tanta força que seus anéis se enterravam em minha carne, e ao mesmo tempo também puxando minhas mãos para trás, algo que deve ter feito de propósito para me deixar tão desconfortável quanto pudesse, o ódio não era mais puro e simples. Em parte eu tinha inveja e ter ciúmes de alguém que tem alguma coisa que acha que você mesma deveria ter. Mesmo assim a inveja (ATWOOD, 2017, p. 193).

No entanto, depois dos encontros furtivos com o Comandante, Offred passa a questionar suas atitudes e se coloca no lugar de Serena Joy, e, mais uma vez, percebe que ela é uma penetra, que está invadindo o território de Serena sem sua permissão:

Mas também me sentia culpada com relação a ela. Sentia que era uma intrusa, em um território que deveria ter sido seu. Agora que eu estava vendo o Comandante às escondidas, ainda que apenas para jogar seus jogos e ouvi-lo falar, nossas funções não eram mais tão separadas quanto deveriam ter sido em teoria (ATWOOD, 2017, p. 193).

Motta (2003) entende que “as relações entre sociedade, espaço, tempo e poder, levam ao estudo da territorialidade” (MOTTA, 2003, p. 50), e, para explicar as relações do indivíduo com a territorialidade, utiliza as palavras de Sack (1986) quando este afirma que “as relações espaciais humanas são o resultado de influência e poder. Territorialidade é a principal forma espacial de poder” (SACK, 1986, p. 26 **apud** MOTTA, 2003, p. 50). E para a definição de territorialidade Sack (1983) explica que é “a tentativa de um indivíduo ou grupo (x) de influenciar, afetar ou controlar objetos, pessoas e relacionamentos (y) delimitando e afirmando controle sobre uma área geográfica. Essa área é o território”²² (SACK, 1983, p. 56, tradução livre).

Essa disputa de poder territorial leva ao que Arbo; Marques (2019) chamam de morte social. O sujeito, ou seja, as Aias são submetidas a uma série de atos que culminam na sua

²² The attempt by an individual or group (x) to influence, affect or control objects, people, and relationships (y) by delimiting and asserting control over a geographic area. This area is the territory.

morte social, a escravidão é institucionalizada e levada a uma condição extrema. Condição essa, que segundo Arbo; Marques (2019) tem como base mecanismos familiares de exclusão e violação: “pensar o (não) lugar das Aias em Gilead é, ao mesmo tempo, pensar as condições de reconhecimento de seres humanos enquanto pessoas, é pensar como se sustenta (e se destrói) a própria condição de pessoa de um indivíduo” (ARBO; MARQUES, 2019, p. 165).

O seguinte trecho do romance retrata a vontade da narradora de sair desse estado de morte social e sentir-se viva, de sair da monotonia causada pela ditadura imposta sobre sua vida, sobre seu corpo e suas vontades: “quero qualquer coisa que quebre a monotonia, que subverta a ordem respeitável percebida das coisas” (ATWOOD, 2017, p. 274). Para a sociedade de Gilead, as Aias são como um pertence, um objeto que possuem por pura necessidade: “Pertences da casa: isso é o que somos. O Comandante é o chefe, o dono da casa” (ATWOOD, 2017, p. 99).

As Aias são como coisas para os Comandantes, um brinquedo que utilizam quando estão entediados, mas que pode ser descartado a qualquer momento. Como na vez em que o Comandante leva Offred para a Casa de Jezebel, um prostíbulo clandestino que apenas os Comandantes sabem que existe e são permitidos a entrar, uma vez que a prostituição foi proibida em Gilead:

Contudo, as Lojas Pornô foram fechadas e não havia mais camionetes de firmas que ofereciam serviços de prostitutas, Sensação sobre Rodas e Bugues das Bonecas, circulando na praça. Mas não me senti triste por vê-las sumir. Todos nós sabíamos o quanto haviam incomodado (ATWOOD, 2017, p. 209).

Um lugar exclusivo para Comandantes, uma demonstração de poder e controle através de um espaço destinado a apenas um público específico e privilegiado, os Comandantes, que vivem também com máscaras sociais e falsos valores:

– É um disfarce, diz ele. – Você vai precisar pintar o rosto também, tenho o material para isso. Nunca poderá entrar sem isso.
– Entrar onde? – Pergunto.
– Esta noite vou levar você para sair.
– Sair? – É uma expressão tão arcaica. Certamente, não há lugar nenhum, não existe mais lugar, onde um homem possa levar uma mulher para sair.
– Fora daqui – diz ele (ATWOOD, 2017, p. 274).

Na Casa de Jezebel encontram-se aquelas mulheres que não se curvaram ao governo de Gilead, mulheres que quiseram ir contra um destino imposto a elas, ou mulheres que não possuem serventia alguma para a nova estrutura social.

O Comandante arrisca sua patente, seu status, e até mesmo sua vida e leva Offred a esse lugar escondido. De uma certa forma ele quer lhe mostrar que nada mudou, que, mesmo com todas as restrições, os homens poderosos continuam quebrando as regras que eles mesmos impuseram, continuam traindo, indo a bordéis e continuam com o controle sobre todo e qualquer território e sobre o corpo feminino. Mas para ir até o prostíbulo Offred precisa se adequar e parecer que faz parte do lugar, usar as mesmas roupas que as mulheres de lá usam, comportar-se como elas, até mesmo maquiagem que foi proibida para todas as mulheres e já não são mais fabricadas ela teve que usar. Tudo isso para se conectar com o lugar, parecer fazer parte dele: “eu sei onde estou. Já estive aqui antes: com Luke, passando tardes, há muito tempo. Era um hotel, na época. Agora está cheio de mulheres” (ATWOOD, 2017, p. 278).

Offred percebe que essa não é a primeira vez que o Comandante leva uma Aia para esse lugar: “então isso é algo que ele já fez antes” (ATWOOD, 2017, p. 276). Mais uma de suas aventuras, sua tentativa de fugir da monotonia. A questão principal é que Offred é apenas uma peça do seu tabuleiro, e das mais fracas, ela é apenas um peão que tem que obedecer e servir de escudo para o seu ‘senhor’, o Comandante. Ela sabe que essas aventuras podem lhe custar muito caro.

Eles passam por três postos de controle, ela está com uma roupa de Esposa por cima de sua fantasia, entram pelos fundos do estabelecimento para que Offred não seja descoberta, ninguém pode saber que ela é uma Aia. Ao entrar no estabelecimento, Offred recebe uma etiqueta de identificação, mais uma vez uma forma de marcar território, de mostrar que a mulher é posse exclusiva do homem:

– Tome – diz o Comandante. Ele enfia ao redor de meu pulso uma etiqueta, púrpura, presa numa tira de elástico, como as etiquetas para bagagem em aeroportos. – Se alguém perguntar, diga que você foi alugada para a noite – diz. Ele me segura pela parte de cima do braço e me conduz em frente. O que quero é um espelho, para ver se meu batom está direito, se as penas estão ridículas demais, desalinhadas demais. Sob essa luz devo estar terrível. Embora agora esteja tarde demais (ATWOOD, 2017, p. 277).

Mesmo com todos os problemas, Offred tenta não perder sua vaidade e se preocupa com sua aparência e sua roupa. É neste momento que ela reencontra sua amiga de longa data, Moira, que também tinha sido escravizada como Aia, mas havia desaparecido e desde então Offred não tivera mais notícias dela. Moira é uma das poucas lembranças do passado de Offred, a única pessoa que lhe restou, uma vez que ela não sabe onde estão sua filha e seu marido. Moira é também uma das poucas mulheres que não fazem parte do seu ciclo de rivalidade feminina.

Silveira; Alda (2018) asseveram que “para garantir a eficácia da sororidade como meio propulsor de fortificação do movimento feminista é necessário modificar o caráter da discussão sobre a união feminina, tecendo uma teia que enquadre as diversas nuances que diferem as mulheres de acordo com sua contextura” (SILVEIRA; ALDA, 2018, p. 2), e Moira também não está preocupada em brigar por espaço, assim como Offred ela apenas quer sobreviver o máximo de tempo possível. Moira encontrou na Casa de Jezebel sua esperança de sobreviver por mais tempo, de lutar por sua vida, não necessariamente seria sua primeira escolha, muito menos pode dizer que encontrou seu lugar, sua casa, mas é o espaço que a faz sentir-se livre de certa forma. Moira fala do lugar como se fosse uma espécie de paraíso da liberdade:

De modo que aqui estou. Eles nos dão até creme facial. Você deveria arranjar alguma maneira de entrar para cá. Teria três ou quatro bons anos antes que a boceta ficasse gasta e eles mandassem você para o cemitério. A comida não é má e tem bebidas e drogas, se você quiser, e só trabalhamos à noite (ATWOOD, 2017, p. 296).

Moira tenta convencer Offred a tomar a mesma atitude que ela e ir morar na Casa de Jezebel, para ela é o único lugar viável para uma Aia escapar, é como se aquele espaço fosse um refúgio, o único refúgio para escapar da escravidão de ser uma Aia ou ir para as Colônias: “– Não se preocupe comigo – diz ela. Deve saber parte do que estou pensando. – Ainda estou aqui, você pode ver que sou eu. De qualquer maneira, veja dessa forma: não é tão ruim, há muitas mulheres por aqui” (ATWOOD, 2017, p. 296).

Moira parece ter desistido de lutar contra o sistema e preferir ficar na Casa de Jezebel, foi seu melhor destino, mesmo que Offred discorde desse pensamento e esteja assustada com o destino que sua amiga encontrou. Moira, uma mulher que Offred admirava por sua bravura, por ser o tipo de mulher indomável, à frente de seu tempo e sempre questionadora, uma mulher lésbica que Offred jamais acreditaria no que ela se transformou senão estivesse vendo com seus próprios olhos. Moira se transfigurou em tudo que ela sempre lutou para não ser antes do novo governo. Ela conta que tinha duas escolhas a fazer, o governo lhe deu duas opções de lugares para ir, e para ela a melhor escolha a fazer naquele momento era a Casa de Jezebel:

Então, depois disso, [de ter sido retirada a força do Centro vermelho por insubordinação] eles disseram que eu era perigosa demais para que me fosse concedido o privilégio de voltar para o Centro Vermelho. Disseram que eu seria uma influência corruptora. Eu tinha a minha escolha, isto aqui ou as Colônias. Bem, merda, ninguém exceto uma freira escolheria as Colônias. Quero dizer, eu não sou uma mártir. Já tinha mandado ligar minhas trompas, anos antes, então nem precisava da operação. Ninguém aqui tem ovários viáveis também, você pode imaginar o tipo de problemas que causaria (ATWOOD, 2017, p. 296).

O fato de ter duas opções de lugar para escolher, mais uma vez, torna o governo de Gilead benevolente para a sociedade, como se fosse um governo justo que dá o direito de escolha às mulheres, qual destino elas querem seguir, tanto que na fala de Moira ela diz ‘**eu tinha minha escolha**’, como se a escolha de se prostituir fosse dela e não do governo. Santos (2006) aduz que “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p. 39).

Ainda na Casa de Jezebel, Offred observa as ações do Comandante, um homem diferente do senhor casado, de boa reputação, com um alto cargo a zelar. Ali, ela vê quem realmente ele é, sem disfarces, um homem capaz de burlar suas próprias leis, que desafia seus próprios pares em busca de uma aventura de um sair-se de si mesmo para reencontrar o seu passado e o seu verdadeiro *Self*:

Mas ele também está se mostrando para mim. Está demonstrando, para mim, sua maestria no mundo. Está violando as regras, debaixo dos narizes deles, dando-lhes uma banana e se saindo numa boa. Talvez tenha alcançado aquele estado de embriaguez que dizem que o poder inspira, o estado em que você acredita que é indispensável e que, portanto, pode fazer qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa que tiver vontade, realmente qualquer coisa. Duas vezes, quando acha que ninguém está olhando, dá uma piscadela para mim (ATWOOD, 2017, p. 280).

O ‘deles’ a quem Offred se refere são os outros Comandantes que estão no local. O Comandante de Offred a exhibe como se fosse um troféu, como se ele imitasse um adolescente que se sente maior que os amigos por ter conquistado a menina mais paquerada da escola. Offred faz o Comandante sentir-se jovem novamente e o peito dele infla: “ele mantém meu braço seguro, enquanto fala sua coluna se endireita imperceptivelmente, o peito se expande, a voz adquire mais e mais a vivacidade e a jocosidade da juventude. Ocorre-me que esteja me exibindo, para eles, e eles compreendem isso” (ATWOOD, 2017, p. 280).

O espaço em que se encontram parece ser um espaço de disputas de egos para ver qual Comandante consegue exhibir a mulher mais bela do local e qual deles parece ser mais jovem e viril, uma espécie de disputa de poder interna que acontece apenas quando se encontram na Casa de Jezebel, fora desse local o que deve prevalecer é a moral e a devoção às leis puritanas de Deus. Portanto, deduz-se que a rivalidade masculina também acontece em Gilead, porém de forma mais camuflada que a rivalidade feminina. “Pode-se descrever o campo social como um espaço multidimensional de posições [...] os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital” (BOURDIEU, 1989, p. 135).

Moira já havia alertado, de forma irônica, sua amiga sobre isso quando Offred revela que o seu Comandante a obrigou a estar naquele local, que não foi escolha dela estar ali: “ – Alguns deles fazem isso, têm prazer nisso. É como trepar no altar ou coisa parecida: a sua turma deve ser de receptáculos tão castos. Eles gostam de ver você toda pintada. É só mais uma demonstração de poder nojenta” (ATWOOD, 2017, p. 289). Santos (2006) afirma que “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 2006, p. 39).

Fora da Casa de Jezebel, Offred busca assimilar os últimos acontecimentos de sua vida. Como em tão pouco tempo o novo governo a faz esquecer, gradativamente, de quem um dia ela foi, do conceito de liberdade que antes conhecia e no que esse conceito se transformou, agora “a humanidade é tão adaptável, diria minha mãe. É verdadeiramente espantoso as coisas com que as pessoas conseguem se habituar, desde que existam algumas compensações” (ATWOOD, 2017, p. 320), é possível que Offred, com o tempo, esqueça até mesmo de seu antigo nome.

As mulheres de Gilead, como foi dito anteriormente neste trabalho, não podem sair do país, nem mesmo podem sair de suas casas sozinhas e, principalmente, não podem sair sem identificação. Para andar nas ruas as mulheres, como qualquer outro cidadão de Gilead, precisam carregar consigo um documento denominado *identipasse*, uma espécie de passaporte, para poder ter o direito de andar pelas ruas de seu próprio país, sua própria cidade: “eu os guardo no bolso com zíper em minha manga, onde mantenho meu passe” (ATWOOD, 2017, p. 20). Nenhum cidadão de Gilead está autorizado a andar pelas ruas sem o passe. “Apresentamos os passes, tirados de nossos bolsos com zíper nas mangas largas, e eles são inspecionados e carimbados. Um homem vai até o abrigo de concreto da direita, para digitar nossos números no Compucheque” (ATWOOD, 2017, p. 32).

Branco (2003) explica que no *apartheid* na África do Sul foi criado o passe, que logo depois, nos anos de 1950, foram substituídos pelos *Reference Books* para que os negros tivessem o direito constitucional de andar pelo seu próprio país. Em Gilead, foram criados os *Identipasses*, que são similares aos *References Books* da África do Sul, logo, seus habitantes apenas têm permissão para circular pelas ruas com esse documento.

Assim como em *O Conto da Aia* as mulheres não podem andar sozinhas pelas ruas e têm territórios restritos a elas, Branco explica que na África do Sul os negros também tinham restrições para andar nas ruas: “Nenhum negro podia permanecer mais de 72 horas numa zona urbana sem ter uma autorização especial que demonstrasse que estava legalmente empregado”

(2003, p. 48). Porém, em *O Conto da Aia*, assim como em todo e qualquer sistema social, a esquematização dos identipasses possui falhas, como quando o Comandante determina que levará Offred à casa de Jezebel: “Puxe o capuz para baixo sobre o seu rosto — diz ele. — Tente não borrar a maquiagem. É para passar pelos postos de controle. — **Mas e o meu passe? — pergunto. — Não se preocupe com isso — diz ele. — Tenho um para você.** E assim saímos” (ATWOOD, 2017, p. 275, grifo meu).

Sem os identipasses o Comandante e Offred não passariam da primeira barreira, logo seriam pegos e poderiam ser condenados à morte, mesmo ele sendo um homem importante. Mais uma vez, o Comandante mostra que tem poder suficiente para burlar as leis e conseguir identipasses falsos no mercado clandestino, tendo um poder que poucas pessoas têm, ou melhor, alguns homens têm, o direito de ir e vir, que frequenta vários espaços, exibindo o seu poder geográfico resumido em um documento que para essa sociedade vale ouro, vale a liberdade e um direito primitivo do ser humano, o de transitar onde bem entender, um poder que em Gilead são para poucos, uma parte privilegiada da sociedade, os homens de alta patente. Offred relata a dificuldade de locomover-se pela cidade, a vigilância cerrada pela qual os moradores são submetidos, o que dificulta sua mobilidade e posteriormente, sua fuga de Gilead:

Perto do portão de passagem há algumas lanternas, que não estão acesas porque não é noite. Acima de nós, eu sei, existem holofotes, presos aos postes telefônicos, para serem usados em emergências, e há homens com metralhadoras nos abrigos de cimento armado no alto de pilares dos dois lados da estrada. Não vejo as metralhadoras nem os abrigos nos pilares por causa das abas ao redor de meu rosto. Apenas sei que estão lá. Atrás da barreira, esperando por nós na passagem estreita do portão, estão dois homens, com uniformes verdes dos Guardiões da Fé, com o escudo de armas nos ombros e nas boinas: duas espadas cruzadas, acima de um triângulo branco (ATWOOD, 2017, p. 30-31).

Para as Aias, os identipasses são passaportes para a liberdade, pois significam ter o poder de explorar as espacialidades que não lhes são permitidas, mais ainda, para Offred significa poder atravessar as fronteiras de Gilead até ao Canadá, caso ela tenha a oportunidade de forjar o documento. Sobre a liberdade e o conceito de espacialidade, Tuan (2015) explica que:

Espacialidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que essa transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente. Uma pessoa imóvel terá dificuldade em dominar até as ideias elementares de espaço abstrato, porque tais ideias se desenvolvem com o movimento – com a experiência direta do espaço por meio do movimento (TUAN, 2015, p. 69-70).

Por fim, no momento, o que faz Offred sentir-se imóvel é a limitação de espaço concedida a ela, portanto, conseguir um identipasse falso seria como sair de um estado estático, de uma prisão que seus passos são limitados, contados e vigiados, rumo à liberdade e segurança (Canadá) até atravessar as fronteiras. Além disso, a rivalidade entre as mulheres de Gilead dificulta sua união, dificultando uma possível aliança entre elas para que juntas encontrem um caminho para a liberdade, desvinculando-se das amarras do poderil estatal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do romance *O Conto da Aia*, num primeiro momento, levantou reflexões acerca da dominação social sobre o corpo feminino, que se destacaram pela forte presença de manobras de controle estatal sobre os moradores de Gilead, em especial as mulheres e sua função reprodutiva. Contudo, ao aprofundar os estudos, percebeu-se que esse controle é estendido ao espaço em que essas mulheres se encontram, que leva, dentre outros fatores, ao seu aprisionamento físico, afastamento e desconfiança entre essas mulheres.

Desse modo, para ampliar a interpretação textual sobre a obra, partiu-se de uma análise social do romance através de uma investigação bibliográfica, qualitativa exploratória, que ajudou e deu base para a confirmação da hipótese inicial a respeito das manobras de manipulação e restrição dos direitos civis dessas mulheres, do controle estatal sobre seus corpos e seu livre arbítrio e da anulação de suas vidas privadas.

Através dessa análise social, inferiu-se que em *O Conto da Aia* a religião é utilizada como meio de controle estatal e punição social para quem infringir as leis do novo governo. No que diz respeito às Aias, essa punição inicia em sua reprogramação mental, mesmo que à força, para que elas se resignem e cumpram seu papel social de reprodutoras, exclusivamente.

Dito isso, utilizando as definições de poder auferidas por Michael Foucault e Silvia Federici concluiu-se que esse controle estatal estabelecido através de leis pautadas no Antigo Testamento retira os direitos civis das mulheres, entre eles o direito básico à educação, uma vez que as universidades são fechadas, as mulheres são proibidas de estudar, de ler, escrever, até mesmo os letreiros das fachadas das lojas são retirados para que elas não tenham contato com a leitura, pois, segundo o novo governo, os letreiros também eram uma tentação a essas mulheres.

Ainda sobre as restrições estatais, ao estudar as colocações sobre biopoder e sexualidade humana de Michael Foucault, inferiu-se que o sexo por prazer é eliminado, dando lugar ao sexo de procriação em nome da fertilidade divina e da sagrada instituição familiar, o sexo passa a fazer parte de um acordo social, com o propósito de resguardar o crescimento da natalidade e a preservação da instituição familiar através da utilização dos preceitos bíblicos. Uma manobra disseminada através de um discurso puritano, autoritário e violento para perpetuação do poder ditatorial.

Observou-se também, através da geografia humanista de Yi-Fu Tuan e do estudo da topoanálise de Gaston Bachelard e Ozíres Borges Filho que as ações de Offred, e até mesmo dos outros personagens, são direcionadas através do espaço, uma vez que dentro do regime

totalitário teocrático em que se encontram os espaços são reduzidos e limitados para todos, porém, para as mulheres a questão se estreita e se complica de maneira mais enfática, visto que a elas é concedido um posto de inferioridade em relação ao sexo masculino, mesmo que estejam em castas de status semelhantes, as mulheres, sobretudo as Aias, têm sua liberdade social, econômica e sexual infringida e comandada diretamente pelos homens, e não possuem tomada de decisão sobre seus corpos e seu direito de ir e vir.

Os espaços são delimitados, especialmente às Aias, como por exemplo: dentro da casa dos Comandantes, as poucas vezes em que podem ir à rua, sempre acompanhadas de outra Aia, jamais podem sair sozinhas, e a interação das Aias com o Centro Vermelho, localizado no antigo ginásio de esportes.

Essa delimitação do espaço destinado não somente às Aias, mas também a todas as outras castas de mulheres, provoca o afastamento das interações sociais entre elas, além disso, afeta a comunicação e confiança entre todas as mulheres de Gilead. As Aias não podem confiar nem mesmo em mulheres da sua própria casta. O sistema governamental de Gilead provoca intencionalmente uma rivalidade entre elas para que não se unam e se rebelem contra o governo, como no relacionamento de Offred com Ofglen, sua companheira de caminhadas, uma sempre desconfiando da outra e entre Offred e as Marthas da casa do Comandante, Rita e Cora, que veem a Aia como um ser impuro e sua condição subservial como uma doença ou reparação divina.

Este estudo possibilitou a compreensão das diversas manobras existentes de controle do corpo feminino e as formas de violência estatal, social e familiar. Manobras que são representadas através de personagens como Tia Lydia que é uma mulher institucionalizada pelo governo para adestrar e ensinar as Aias a se comportarem e aceitarem seu posto de reprodutoras e servas de Gilead. Também tem a Serena Joy, a Esposa do Comandante, que utiliza de seu prestígio figurativo para demonstrar poder dentro de sua casa e não permitir aproximação afetiva, ou até mesmo física entre ela, a Aia e seu marido.

Entende-se que Offred está em uma posição de inferioridade. Essa relação pode ser vista através do poder das Tias sobre as Aias, das Esposas sobre as Aias e dos Comandantes sobre as Aias, que estão na última camada da pirâmide social de Gilead.

Ao longo do processo de pesquisa houve algumas dificuldades, desde encontrar os textos gratuitos online, uma vez que não havia condições financeiras para comprar livros físicos, por isso a utilização de textos que estão disponíveis gratuitamente na internet, até o impasse de tempo, uma vez que conciliar trabalho e estudo não é uma tarefa fácil. Se por um lado, as aulas remotas proporcionadas pela pandemia facilitaram o acompanhamento das

mesmas, por outro, em alguns momentos não foi possível assistir as aulas direito, dado a necessidade de se trabalhar ao mesmo tempo.

É sabido que não é recomendado utilizar blogs ou sites em trabalhos acadêmicos, porém o blog de Marcelo Lopes Vieira forneceu informações de extrema relevância para esta pesquisa, para a compreensão e esclarecimento de como é concebido o contexto geopolítico de Gilead, no qual não seria possível uma visão tão clara sobre como se deu o golpe de estado sem tais informações, como por exemplo, os mapas de Gilead, que não foram encontrados em nenhum texto científico. Os mapas acrescentam valor a este trabalho e a procura por eles durante toda a pesquisa foi constante.

O fim do romance leva o leitor a entender que Offred consegue, finalmente, fugir de Gilead com a ajuda de seu amante Nick, porém é em *Os Testamentos* (2019), livro que dá continuação à história de Gilead, que se descobre o rumo que essa história tomou e a confirmação de que Offred fugiu para o Canadá e esteve à procura de suas duas filhas até encontra-las. Aqui não é aprofundada a continuação do romance pela complexidade da narração, pois ele é narrado por três personagens femininas (Agnes, Dayse e Tia Lydia), que são diferentes da personagem Offred de *O Conto da Aia*, e porque os temas que *Os Testamentos* abordam são diferentes dos aqui analisados.

Os Testamentos foi escrito, em primeiro lugar, segundo a própria autora declara nos agradecimentos do livro, para responder algumas perguntas feitas pelos leitores de *O Conto da Aia*, como por exemplo, como foi a queda de Gilead? Uma vez que no prólogo de *O Conto da Aia* a autora descreve um simpósio acadêmico ficcional de estudos gileadianos, realizado no ano de 2195, que revela a queda do governo de Gilead, porém não explica de que forma esse evento ocorreu, provocando, assim, uma curiosidade em desvendar os mistérios que cercam a queda e destituição dessa teonomia totalitária. Além disso, a autora provoca essa curiosidade no leitor ao dispor na última página do romance a seguinte indagação “os senhores têm perguntas?” (ATWOOD, 2017, p. 366).

O sucesso da série *The handmaid's tale*, que está disponível na Globoplay, baseada no romance de Atwood também colaborou para que a autora desse continuidade ao desfecho da sociedade de Gilead. Além disso, Atwood trabalhou como produtora consultora nas duas primeiras temporadas e, a partir da terceira, trabalhou como coprodutora executiva, dando forte contribuição para a trama da série e para a escrita do segundo romance. Aqui, optou-se por não assistir a série antes da defesa de mestrado para evitar interferências nas conclusões sobre a problematização aqui levantada, uma vez que a série pode ser baseada no romance, porém não precisa ser literalmente fiel ao seu conteúdo.

O enredo de *Os Testamentos* se passa 15 anos depois do enredo de *O Conto da Aia*, portanto, diferentemente do primeiro romance, em que as leis e regras instauradas eram novidade para a população, agora a sociedade gileadiana tem suas leis e princípios consolidados, e seus moradores já se acostumaram a inseri-las em seu cotidiano. Agora não há o relato de apenas uma personagem narradora protagonista, de uma casta específica, existem três pontos de vista diferentes que fornecem uma gama maior de possibilidades de interpretação.

O que os dois romances de Atwood têm em comum é a forte evidência do controle estatal através do discurso puritano que subverte o sentido das palavras da Bíblia. Em *O Conto da Aia* nota-se que esses discursos nem sempre são retirados da Bíblia, como a frase comunista de Karl Marx. É possível identificar a crítica áspera de Atwood às diversas formas de poder sobre o corpo e a fertilidade feminina, descrita em tom irônico através de uma distopia que, segundo a própria autora declara, é espelhada em acontecimentos da vida real, dando um caráter assustadoramente realista ao romance distópico.

As distopias estão cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade, e muitas vezes a realidade pode ser mais assustadora que a própria ficção. Estamos vivendo num factual *Conto da Aia* em que realidade e ficção se misturam e representam o lado autoritário, ditatorial, perverso, cruel, opressor e manipulador dos governos tiranos e a cabal condescendência da maioria da população perante ele.

Por fim, espera-se com esta pesquisa ter contribuído tanto para os estudos da teoria literária como à compreensão da literatura distópica e, principalmente, ao que concerne ao entendimento das diversas manobras de controle ao corpo e vida das mulheres através dos estudos literários. A partir dessa pesquisa, espera-se também fortalecer os estudos sobre poder e controle social, principalmente no que diz respeito às mulheres, através da literatura distópica dentro do PPGL, para que pesquisas futuras nessa área sejam realizadas no programa, uma vez que muito ainda há para ser explorado sobre o tema.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri – SP. Sociedade Bíblica do Brasil. 1999.

ALSTON, Margaret. **Women on the Land: The Hidden Heart of Rural Australia.** University of New South Wales Press: Sidney, 1995.

ARBO, J. B; MARQUES, E. M. **Confinadas em si mesmas: a morte social e o isolamento do sujeito em O Conto da Aia, de Margaret Atwood.** Anu. Lit., Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 164-176, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2019v24n2p164/41885>. Acessado em 27 de janeiro de 2022.

ARECO, Tatiana Mascari. **Relações entre subjetividade, narrativa e ação em O Conto da Aia / Tatiana Mascari Areco.** Guarulhos, 2019.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia.** Tradução de Ana Deiró – Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. **Margaret Atwood: Haunted by The Handmaid's Tale.** the Guardian. 2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2012/jan/20/handmaids-tale-margaret-atwood>. Acessado em 21 de Junho de 2021.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. In: **Os pensadores.** São Paulo: Abril Cultura: Tradução de António da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. [i] Edição utilizada, 1979. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>. Acessado em: 26 de Junho de 2021.

BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado.** Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/cv000020.pdf>. Acessado em 20 de Maio de 2021.

BAL, Mieke. **Teoria de la narrativa: Una introducción a la narratologia.** Tradução de Javier Franco. Madrid: Ediciones Cátedra, 1990.

BARROS, M.A.L.A; BARROS, M.P.A; FARIA, A.G. **A representação da mulher em O Conto da Aia e em Os Testamentos: distopias do presente.** 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/33086>. Acessado em: 4 de janeiro de 2022.

BARTHES, Roland. **A aula.** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4908204/mod_resource/content/2/Roland%20Barthes_%20Leyla%20Perrone-Moise%CC%81s%20-%20Aula%20_%20aula%20inaugural%20da%20Cadeira%20de%20Semiologia%20Litera%CC%81ria%20do%20Cole%CC%81gio%20de%20Franc%CC%A7a%20%281980%2C%20Cultrix%29.pdf. Acessado em 08 de Julho de 2021.

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. In: **Espaço e Cultura**, nº 5, jan.-jun. 1998, p. 55-66. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6316/4509>. Acessado em 27 de Junho de 2021.

BECKER, Caroline Valada. **Inscrições distópicas no romance português do século XXI**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/10350/1/000483900-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acessado em 16 de Julho de 2022.

BENARDES, C. R. O. O que é Sororidade e por que precisamos falar sobre? In: **Carta Capital**, 2016. Disponível em: <https://www.justificando.com/2016/06/02/o-que-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>. Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu, 2019. Disponível em: <https://vdoc.pub/download/depois-do-futuro-s3jgnc64vv80>. Acessado em 11 de Julho de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuner; 11ª ed. – Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz: FFLCH – USP; Coleção Memória e Sociedade: Lisboa/ Rio de Janeiro – RJ: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.

BRANCO, L. B. N. M.C. **A Política Externa Sul-Africana: do Apartheid a Mandela**. Tese de doutoramento em Estudos Africanos Interdisciplinares em Ciências Sociais. Instituto Superior de Ciência do Trabalho e da Empresa. 2003. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/542/1/Doutoramento%20Luis%20CB.pdf>. Acessado em 4 de Novembro de 2021.

BUCHWEIT, W.W; MARQUES. E. M. **Da Utopia, à terceira virada distópica: um breve panorama**. Goiânia, v. 9, n. 2, p. 5-17, 2019.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo – SP: Contexto, 2021.

CARDOSO, A. C. A. **Palavras da Crítica: distopia** [livro eletrônico] / Organizadores José Luís Jobim, Nabil Araújo, Pedro Puro Sasse. – Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, p. 104-141, 2021.

CARLOTO, Denis Ricardo. **Por uma federação de lugares da desigualdade a solidariedade**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-21052015-122731/publico/2014_DenisRicardoCarloto_VOrig.pdf. Acessado em 25 de Julho de 2022.

CLAEYS, Gregory. **Dystopia: A Natural History**. New York: Oxford University Press, 2017.

COMPAGNON, Atonie. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddel Brandini. Belo Horizonte – MG; Editora UFMG, 2009.

CORTEZ, A. C. S.; CARVALHO, C. E.; CUNHA, P. H. F. **O Período de 1981 a 1985 do governo Reagan e o processo de consolidação dos EUA como principal potência mundial.** XI Congresso Brasileiro de História Econômica/ 12º Conferência Internacional de História de Empresas. 2015. Disponível em: https://www.abphe.org.br/arquivos/2015_ana_claudia_cortez_carlos_eduardo_carvalho_patricia_cunha_o-periodo-de-1981-a-1985-do-governo-reagan.pdf. Acessado em 12 de julho de 2022.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica:** discurso sobre o território e o poder. São Paulo – SP: HUCITEC : Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativos, quantitativo e misto. 3ª ed. Porto Alegre, 2010. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/4226272/mod_resource/content/2/Creswell-parte%201.pdf. Acessado em 23 de Abril de 2022.

DEBERGÉ, Pierre. **O amor e a sexualidade na Bíblia.** Santuário, Aparecida – SP, 2011.

FALUDI, Susan. **Backlash:** o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

FEATHERSTONE, Mark. **Planet Utopia: Utopia, Dystopia, Globalisation.** Londres; Nova York: Routledge, 2017.2017. Disponível em: <https://eprints.keele.ac.uk/9560/1/M%20Featherstone%20-%20Planet%20Utopia.pdf>. Acessado em 10 de Julho de 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação. Tradução: coletivo Scyrorax. São Paulo – SP. Elefante, 2017.

FILHO, O. B. **Espaço e literatura:** introdução à topoanálise. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências, USP. São Paulo – SP, 2008.

FLANDRIN, Jean-Louis. **O sexo e o Ocidente.** Brasiliense. 1981.

FOLMER, I.; MEURER, A. C.; ARAÚJO, G. C. C.; SUZUKI, J. C. **Geopolítica:** poder e território. – São Paulo – SP. FFLCH/USP, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, Rio de Janeiro – RJ; Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Tradução de Edmundo Cordeiro e Antônio Bento, 1970. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf. Acessado em 11 de Maio de 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete; Petrópolis – RJ. Vozes, 1987.

FRANCO, Hilário. **Cocanha**: a história de um país imaginário. — São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. A Sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. **Estudos linguísticos**, São Paulo, p. 991-1008, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1032/613>. Acessado em 01 de fevereiro de 2022.

GRANT, Susan Mary. **História concisa dos Estados Unidos**. Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto: São Paulo – SP: EDIPRO, 2014.

High Priestess of Angst. The New York Times. 1982. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/09/03/specials/atwood-angst.html> Acessado em 21 de Junho de 2021.

Histórico da Bíblia. Instituto bíblico da Igreja Cristã Maranata, 2016. Disponível em: <https://www.institutoicm.org.br/conteudo/73/apostila-historico-biblia.pdf>. Acessado em 06 de Set de 2021.

HOOKS, bell. **O Feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1º Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JACOBY, Russell. **Picture Imperfect: Utopian Thought for an Anti-Utopian Age**. Columbia University Press – New York, 2005.

DEERY, June. **Science for feminists: Margaret Arwood's body of knowledge**. Vol. 43, No. 4, pp. 470-486, 1997.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. [et Al.]. – São Paulo: Contexto, 2007.

KULSAR, Paulo André Machado. **DESONRA**: O biopoder e a coerção sobre as mulheres. Revista Humanidades e Inovação; v. 6, nº4, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/993>. Acessado em 08 de Julho de 2021.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LIMA, P.A.D; BAHIA, M.C. **Religião, Território e Poder**: notas teóricas para o debate sobre grupos religiosos. Paper do NAEA, Vol. 28, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340923250_Religiao_territorio_e_poder_notas_teoricas_para_o_debate_sobre_grupos_religiosos. Acessado em: 4 de janeiro de 2022.

MALAK. Amin. **Margaret Atwood's "The Handmaid's Tale" and The Dystopian Tradition**. In: BLOOM, Harold. Margaret Atwood's The Handmaid's Tale. Langhorne, Pennsylvania: Chelsea House Publishers, 2001. Disponível em: [file:///C:/Users/Positivo/Downloads/canlitreviews,+CL112-Dystopian\(Malak\)%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Positivo/Downloads/canlitreviews,+CL112-Dystopian(Malak)%20(1).pdf). Acessado em 27 de janeiro de 2022.

MAGALHÃES, P. C. ROCHA, M.I.C. **O Estado de direito e os regimes autoritários**:

vieses contemporâneos na América Latina. Revista de Iniciação Científica e Extensão da Faculdade de Direito de Franca; v. 3, n° 1, 2018.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Penguin Companhia, São Paulo - SP; tradução Maurício Santana Dias, 2010.

MARINETTI, Filippo Tommaso. **Manifesto do Futurismo**. 1909. Disponível em: <https://comaarte.files.wordpress.com/2013/06/manifesto-do-futurismo.pdf>. Acessado em 11 de Julho de 2022.

MARQUES, Eduardo Marks de. **Da centralidade política à centralidade do corpo transumano: movimentos da terceira virada distópica na literatura**. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 10-29, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2014v19n1p10/26959>. Acessado em 16 de fevereiro de 2022.

MARTINS, W. de S. **Representações femininas na obra do padre Manuel Bernardes (1644-1710)**. Locus: Revista De História, Juiz de Fora, v.17, n. 2, p. 35 – 55, 2011.

MARX, Karl. **Crítica ao programa de Gotha**. Livros grátis, 2001. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal/docs/criticaaoprograma.pdf>. Acessado em 03 de Novembro de 2021.

MATOS, A. S. M. C. **Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos**. – rev. UFMG, Belo Horizonte – MG, v. 24, n. 1 e 2, p. 40-59, 2017. Disponível em: https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/24/03_Andityas_UtopiaDistopia_pags_40a59_Revista_UFMG_24.pdf. Acessado em 11 de Julho de 2022.

MORRISON, Sarah. **Mothering Desire: The Romance Plot in Margaret Atwood's The Handmaid's Tale and Susan Fromberg Schaeffer's The Madness of a Seduced Woman**. In: *Tulsa Studies in Women's Literature*; Autumn, Vol. 19, Nº 2, 2000, pp. 315-336. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/464432>. Acessado em 12 de Julho de 2021.

MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido/espço pensado**. Porto Alegre – RS, 2003. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3098/000381953.pdf?sequence=1&locale=pt_BR. Acessado em 28 de Junho de 2021.

NASCIMENTO, Monique Batista do. **O Conto da Aia: uma análise sobre a divisão sexual do trabalho como base material das relações de gênero**. Revista Idealogando, v. 3, n. 2, 2019.

NOLL, João Gilberto. **O cego e a dançarina**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ORR, Clarissa Campbell. **Introduction**. In Clarissa Campbell Orr (ed.), *Queenship in Europe 1660-1815: the role of the Consort*. Cambridge: Anglia Polytechnic University, Cambridge, 2004, pp. 1-15.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

POPPER, K. R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

PREVÓST, Abade. **História de Manon Lescaut**. Clube do Livro; Fonte digital: versão para e-book, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manon.pdf>. Acessado em: 11 de Julho de 2021.

ROY, Camille. **A nacionalização da literatura canadense**. La nationalisation de la littérature Canadienne. In: *Essais sur la littérature Canadienne*. Montréal: Beauchemin, 1913, p. 215-232. Tradução: Marcel Domingues.

SACK, R. B. **Human Territoriality: A Theory**. *Annals of the Association of American Geographers*. Vol. 73, No. 1. pp. 55-74, 1983. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0004-5608%28198303%2973%3A1%3C55%3AHTAT%3E2.0.CO%3B2-R>. Acessado em 31 de janeiro de 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos Pagu no.16 Campinas, 2001: pp.115-136. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhKL/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em 02 de fevereiro de 2022.

SANTOS, A. F. V.; OLIVEIRA, M. M.; BADIRU, A. I. **Espaço, Território e Poder: da perspectiva político/geográfica à “Globalização A-Espacial”**. Universidade Federal de Sergipe, IV Encontro Nacional e X Fórum Estado, Capital, Trabalho. Campus São Cristóvão, 2017. Disponível em: <https://engpect.files.wordpress.com/2017/10/gt2-16-espac3a7o-territc3b3rio-e-poder.pdf>. Acessado em 02 de fevereiro de 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo – SP: Editora da Universidade de São Paulo – Coleção Milton Santos 1, 2006.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões. In: **O Pensamento político brasileiro**. Fundação Ulysses Guimarães. Brasília. V. 3, 2º. Ed, 2013.

SARGENT, Lyman Tower. **Utopianism: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2010.

SILVA, Alexandre Meireles da. **Sobrevivendo ao inferno: contra-narrativas utópicas nas distopias de Margaret Atwood e Octavia. E. Butler**. 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/40937348/SOBREVIVENDO_AO_INFERNO_CONTRA_NARRATIVAS_UT%C3%93PICAS_NAS_DISTOPIAS_DE_MARGARET_ATWOOD_E_OCTAVIA_E_BUTLER?email_work_card=title. Acessado em 12 de julho de 2022.

SILVEIRA, M. E.; ALDA, L. S. **Nós, Mulheres: a importância da sororidade e do empoderamento feminino**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/160.pdf>. Acessado em 02 de fevereiro de 2022.

SILVIA, Liebel. **As utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação** /organização Silvia Liebel. - 2. ed. Ebook - Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2021. Disponível em:

https://www.academia.edu/73038780/Das_Utopias_modernas_%C3%A0s_distopias_contempor%C3%A2neas_Conceito_pr%C3%A1tica_e_representa%C3%A7%C3%A3o. Acessado em 10 de julho de 2022.

SOARES, L. F. N. T. **Jung, Freud, o amor, o pai, a religião e a sexualidade**. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica Curso para Formação de Analista, São Paulo. 2011. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/e58cx1x>. Acessado em: 06 de janeiro de 2022.

SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77 -116.

Speculative or science fiction? As Margaret Atwood shows, there isn't much distinction. The Guardian. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/aug/10/speculative-or-science-fiction-as-margaret-atwood-shows-there-isnt-much-distinction>. Acessado em 21 de Junho de 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

The Handmaid's Tale: o mundo real tem mania de nos alcançar, diz criador. Folha UOL. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2022/09/the-handmaids-tale-o-mundo-real-tem-mania-de-nos-alcancar-diz-criador.shtml>. Acessado em 13 de Setembro de 2022.

TOLAN, Fiona. **Margaret Atwood: Feminism and Fiction**. Costerus New Series 170. Amsterdam, New York – NY, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. [Livro eletrônico] tradução Livia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2015. Disponível em: <https://br1lib.org/book/11071001/75d998>. Acessado em 20 de Junho de 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. [Livro Eletrônico] Tradução: Livia de Oliveira. – Londrina, Eduel. 2015.

VIEIRA, Fátima. **The Concept of Utopia**. In: *CLAYES*, Gregory (org.). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. New York: Cambridge University Press, 2010.

VIEIRA, Marcelo Lopes. **República de Gilead**: a geopolítica de the handmaid's tale. 2021. Disponível em: https://gavetadebaguncas.com.br/gilead/?contact-form-id=75221&contact-form-sent=95556&contact-form-hash=19b7c37a3f4b8ab9870e2643acd6f858b652e678&_wpnonce=70fff88c08#contact-form-75221 . Acessado em 13 de Julho de 2022.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. Tradução de e notas: Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martin Claret, 2015.

WOLFF, T. C. **Luta por sororidade:** união feminina e uma experiência militante na palhaçaria. Revista arte da Cena, v. 6, n° 1, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>. Acessado em: 30 de Janeiro de 2022.

WOOD JR. Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental.** Tradução de Élcio Carillo; revisão de Emérico da Gama. São Paulo – SP: Quadrante, 2008.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.